

REVISTA DOS ALUNOS DA GRADUAÇÃO EM LETRAS

Ao pé da letra

VERSÃO ONLINE - ISSN 1984-7408 - VOLUME 12.2 - ANO 2010



REVISTA DOS ALUNOS DA GRADUAÇÃO EM LETRAS

Ao pé da letra

VERSÃO ONLINE - ISSN 1984-7408

VOLUME 12.2

JULHO A DEZEMBRO DE 2010

Recife: Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Artes e Comunicação
Departamento de Letras

1. Língua Portuguesa - Periódicos.
2. Linguística - Periódicos.
3. Literatura Brasileira - Periódicos



Catálogo na fonte. Bibliotecária Gláucia Cândida da Silva, CRB4-1662

A638 Ao pé da letra/ Departamento de Letras, Centro de Artes e
Comunicação, UFPE (nov. 1999 -). - Recife: Departamento
de Letras da UFPE, 1999 - .
v. : il.

Semestral, nov. 1999 –
v. 12, n. 2 jul./dez. 2010.
Inclui bibliografia.
ISSN 1518-3610 (broch.)

1. Língua Portuguesa - Periódicos. 2. Linguística - Periódicos. 3.
Literatura brasileira - Periódico I. Universidade Federal de Pernambuco.
Departamento de Letras.

869 CDD (22.ed.)

EXPEDIENTE

REITOR

Prof. Amaro Henrique Pessoa Lins

PRÓ-REITORA ACADÊMICA

Prof^a Ana Maria Cabral

DIRETORA DO CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO

Prof^a Maria Virgínia Leal

CHEFE DO DEPARTAMENTO DE LETRAS

Prof. Jose Alberto Miranda Poza

EDITORA

Angela Dionisio (UFPE)

EDITORA ASSISTENTE

Medianeira Souza (UFPE)

SECRETÁRIA

Ana Karla Arantes Arôcha (UFPE)

ALUNOS COLABORADORES

Ana Karla Arantes Arôcha (UFPE)

Camile Fernandes Borba (UFPE)

Diego Lopes Cavalcanti (UFPE)

Eduardo Mesel Lobo Seixas (UFPE)

Renata M^a da Silva Fernandes (UFPE)

Valmir Joaquim da Silva Junior (UFPE)

CONSELHO EDITORIAL

Abuêndia Padilha Pinto (UFPE)

Acir Mário Karwoski (UFTM)

Adna de Almeida Lopes (UFAL)

Ana Lima (UFPE)

Ana Maria de Mattos Guimarães (UNISINOS)

Anco Márcio Tenório Vieira (UFPE)

Antony Cardoso Bezerra (UFRPE)

Benedito Gomes Bezerra (UPE)

Beth Marcuschi (UFPE)

Désirée Motta-Roth (UFSM)

Félix Valentín Bugueño Miranda (UFRGS)

Francisco Eduardo Vieira da Silva (UEPB)

Ildney Cavalcanti (UFAL)

José Alexandre Maia (UFPE)

José Helder Pinheiro (UFCG)

Judith Hoffnagel (UFPE)

Júlio César Araújo (UFC)

Karina Falcone de Azevedo (UFPE)

Márcia Mendonça (UNIFESP)

Maria Angélica Furtado da Cunha (UFRN)

Maria Antónia Coutinho (Univ. de Nova

Lisboa)

Maria Augusta Reinaldo (UFCG)

Maria Auxiliadora Bezerra (UFCG)

Maria Cristina Leandro Ferreira (UFRGS)

Maria Medianeira de Souza (UFPE)

Miguel Espar Argerich (UFPE)

Norimar Judice (UFF)

Regina L. Péret Dell'Isola (UFMG)

Sherry Almeida (UFRPE)

Solange T. Ricardo de Castro (UNITAU)

Vera Lúcia Lopes Cristóvão (UEL)

Vera Lúcia de Lucena Moura (UFPE)

Vera Menezes (UFMG)

Wagner Rodrigues Silva (UFT)

PROJETO GRÁFICO E

DIAGRAMAÇÃO

Augusto Noronha e Karla Vidal

(Pipa Comunicação)

REVISTA DOS ALUNOS DA GRADUAÇÃO EM LETRAS

Ao pé da letra

VERSÃO ONLINE - ISSN 1984-7408



POLÍTICA EDITORIAL

O Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco, em 1999, criou a Revista Ao Pé da Letra com os objetivos: (i) estimular e valorizar a escrita acadêmica dos futuros professores e pesquisadores na área de Letras, (ii) legitimar a escrita acadêmica em línguas materna e estrangeira e (iii) divulgar as pesquisas realizadas em diferentes IES no Brasil, possibilitando o intercâmbio entre alunos e professores de graduação.

Em março de 2010, o atual Conselho Editorial decidiu ampliar os gêneros acadêmicos escritos que integram a linha editorial da revista Ao Pé da Letra, passando a publicar resenhas e ensaios, além de artigos científicos.

Ao Pé da Letra é uma publicação semestral que se destina a divulgação de trabalhos, de cunho teórico e aplicado, realizados por alunos de graduação em Letras do país. Os textos enviados para publicação são submetidos a dois pareceristas. Caso haja opiniões divergentes entre esses avaliadores, o texto será avaliado por um terceiro. Os pareceres são encaminhados para os autores e professores orientadores. Somente serão publicados os textos aceitos por dois pareceristas, após realização das modificações sugeridas, se houver, pelo autor.



REVISTA DOS ALUNOS DA GRADUAÇÃO EM LETRAS

Ao pé da letra

VERSÃO ONLINE - ISSN 1984-7408



SUMÁRIO

- 11 **Cinco anos de *SuperInteressante*: construindo leitores a partir de títulos**
Adson Marques da Silva (UFPE)
Rafael Araújo Pontes (UFPE)
- 25 **Explicit intertextuality in science popularization news**
Anelise Scotti Scherer (UFSM)
- 51 **O gênero jornalístico e o ensino: reflexões sobre reportagem na mídia impressa e no livro didático**
Carolina Izabela Dutra de Miranda (UFMG)
Juliana Silva Santos (UFMG)
- 69 **Verbal and mental processes in science popularization news**
Eliseu Alves da Silva (UFSM)
- 91 **Conversa entre Bakhtin e Poe: a autoria como valor estético**
Jéssica Cristina dos Santos Jardim (UFPE)
- 107 **A construção do leitor imaginário no discurso de blogs de autoajuda**
Lívia Schleder de Borba (UFRGS)
- 127 **O fazer-sentir e suas implicações estruturais na relação de comentário de artigos de divulgação científica para crianças**
Marcos Filipe Zandonai (UNISINOS)
- 147 **A dicotomia do pretérito imperfeito do indicativo: um estudo do tempo narrado e do tempo comentado no texto jornalístico e literário**
Naira Carla Castro (UEMG)

REVISTA DOS ALUNOS DA GRADUAÇÃO EM LETRAS

Ao pé da letra

VERSÃO ONLINE - ISSN 1984-7408

ARTIGOS

CINCO ANOS DE *SUPERINTERESSANTE*: CONSTRUINDO LEITORES A PARTIR DE TÍTULOS

Adson Marques da Silva
Rafael Araújo Pontes¹

Universidade Federal de Pernambuco

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar as reportagens de capa da revista SuperInteressante, nos anos de 2004 a 2008, investigando a estrutura dos títulos, sua morfologia, bem como as impressões linguístico-cognitivas repassadas ao leitor. Os resultados demonstram uma mudança significativa nos enunciados do período analisado, passando de estruturas simples que enfocam apenas o tema da revista a sentenças mais complexas que complementam o teor de interesse pela reportagem, revelando uma nova atitude em atrair a atenção dos leitores com a força enunciativa adequada a sua meta de mercado.

Palavras-chave: títulos; SuperInteressante; capas de revistas.

Abstract: This article aims to analyze the cover stories of SuperInteressante magazine, in the years from 2004 to 2008, investigating the titles' structure and morphology, as well as the linguistic and cognitive impressions relayed to the reader. The results show a significant change in the utterances over the time period analyzed, moving from simple structures that focus only on the issue of the magazine to complex sentences that complement the content of interest in the story, revealing a new attitude in attracting the readers' attention with adequate enunciative strength for the magazine's target market.

Key-words: titles; SuperInteressante, magazine covers.

1. Este artigo foi parte da avaliação da disciplina *Língua Portuguesa*, segundo semestre de Letras, ministrada pela profa. Angela Paiva Dionísio.

I. Considerações iniciais

A revista *SuperInteressante* já está há algum tempo no mercado editorial brasileiro e pode se considerar uma verdadeira propagadora de conhecimentos à população. Suas capas - e os títulos das manchetes - são consideradas atraentes, sempre provocando comentários e chamando a atenção pela presteza com que evocam os assuntos abordados. Sua metodologia propagandística abarca recursos que merecem destaque. São fruto de uma cuidadosa apreensão da realidade através de signos linguísticos capazes de nortear a atenção aos principais acontecimentos da atualidade ou que foram tidos como polêmicos no decorrer da história.

Neste artigo, investigamos interessantes conexões entre os títulos e o visual de algumas das capas. O *corpus* concentra-se entre os anos de 2004 a 2008, considerando a análise linguística e morfológica dos títulos e subtítulo. A escolha não foi aleatória: levaram-se em consideração algumas mudanças significativas notadas no decorrer do tempo, basicamente no que se refere ao tamanho de alguns subtítulos e muito mais nos tópicos que se encontram logo abaixo desses mesmos. Essa foi uma alteração que houve na revista com o intuito de incitar ainda mais a prática da leitura e a reflexão para fatos da vida em sociedade, como também, com o intuito de atrair fiéis compradores, pretensão primeira de todo e qualquer periódico.

Foram 60 capas analisadas, umas poucas para a descrição do visual, pois o foco - e esta é a razão pela qual o *corpus* está reduzido - da pesquisa é a projeção dos títulos e subtítulos e dos itens que os compõem, já que algumas capas possuem tópicos grandes que dão uma ideia abrangente do conteúdo total da reportagem. Mostraremos a necessidade que a revista teve em ampliar significativamente esses acessórios para chamar mais a atenção de seus assinantes, acessórios esses que não eram vistos há alguns anos.

2. Super: o visual de algumas capas

A revista mantém a padronização de outrora em suas capas. Houve apenas uma mudança na cor das letras, que de predominantemente brancas, passaram também a pretas. A disposição dos enunciados de capa fica sempre abaixo das imagens, cerca de 20 ou 30 por cento do rodapé, e algumas vezes, no meio da página. Para seguir certa cronologia, vamos começar confrontando duas capas sobre o mesmo assunto (abr. 2004 e dez. 2004):



Abr. 2004



Dez. 2004

Ambos são temas religiosos, têm o mesmo objeto: Jesus Cristo. Duas abordagens diferentes, uma questiona sobre quem teria matado Cristo, a outra, mais histórica, sobre o que se escreveu sobre Jesus e o Cristianismo. A primeira revista contrasta o vermelho do sangue com o vermelho da capa. O rosto desfigurado denota o sofrimento do messias, como quem indaga ou culpa alguém pelo martírio. A cor da mão machucada se une à madeira, combinando os tons, como se o corpo já fizesse parte da cruz. O nome Jesus possui uma letra maior do que o restante do enunciado, o que demonstra duas faces: uma enfatiza o objeto em análise, outra corrobora para a importância histórica do nome.

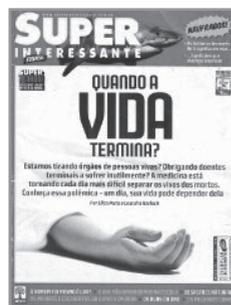
A outra capa é curiosa. Possui como título *Jesus Proibido*. As letras estão no mesmo tamanho. A imagem está em plena conexão com o título,

pois mostra Jesus com o corpo curvado. Jesus está pregado na cruz, mas sem feridas. O fundo é negro, enfatizando o desconhecido acerca da veracidade dos textos apócrifos, onde revela que eles poderiam revelar características desconhecidas de Jesus. É curioso notar como a revista confronta as capas, com os títulos e temas em geral. Nesse ano de 2004, houve uma predominância de temas religiosos. Duas capas sobre Jesus e o que se deixou escrito em relação a ele²; uma sobre o crescimento dos evangélicos no Brasil (fevereiro); uma sobre a vida íntima de Jesus, relatada através do Código Da Vinci (outubro), e outra sobre Confúcio e como sua doutrina influencia nos dias de hoje (dezembro – edição de aniversário).

No ano de 2005, o foco da revista passou aos temas históricos, com exclusividade em cinco edições: janeiro, fevereiro, março, maio e setembro. Assuntos que variavam entre grandes acontecimentos, grandes líderes e organizações polêmicas, como foi o caso da Maçonaria em setembro. Duas capas nos chamaram atenção nesse ano:



Nov. 2005



Dez. 2005

Duas capas opostas no visual, e aparentemente opostas na temática abordada. A ciência em discussão antiga com relação a Deus e as indagações

2. Conferir as duas capas supracitadas.

sobre o que existe por trás da morte. Ambas evocam, de certa forma, a questão espiritual. Mais uma vez o periódico atrai a atenção quando põe em letras brilhantes, algo como neon, o título *Deus existe?* Há um brilho por trás das letras, algo como uma luz que mistura o branco e o azul, com letras garrafais para o nome Deus para chamar a atenção do leitor. Dessa vez, o título, que tem por costume vir sempre um pouco depois do rodapé, destaca-se no meio da página. A edição de novembro veio com a pergunta *Quando a vida termina?* A foto angustiante de uma mão em posição de desmaio, com o interessante fundo branco, suscitando o contraste da luz e das trevas, da morte e da vida, numa plena associação título/imagem.

Nos anos de 2006, 2007 e 2008 a Super continua com a antiga tradição de misturar reportagens de capa entre as áreas humanas e sociais, com certa diminuição dos temas técnico-científicos, embora haja algumas edições em que se encontre uma modesta referência a temas da área de exatas, fato ainda mais comum nos anos passados. Exploramos³ então, mais três capas, dos respectivos anos para observar o quanto os gráficos da empresa se empenham nas relações de títulos e de visual das capas de janeiro de 2006, julho de 2007 e janeiro de 2008:



3. Tornar-se-ia exaustivo o planejamento inicial de tratar pelo menos duas capas por ano, já que o intuito é de analisar mais os títulos propriamente ditos.

Essas capas tiveram destaque na nossa pesquisa, pois o leitor tem que buscar em seu conhecimento de mundo os signos necessários para sua apreensão. Não pelos títulos em si, mas pela sua relação com os desenhos à mostra. Na edição de janeiro de 2006, a super fornece ao leitor algo como um quadro. A mistura de cores evoca prazer, apreendido através de aptidões sensoriais. Uma mulher ouvindo música com longos cabelos pretos, cujos cachos se moldam e se unem às cores e às linhas do desenho. As cores fortes e vibrantes, bem como o movimento das linhas afetam todos os sentidos humanos. Isso é confirmado quando lemos o subtítulo – *Sete atitudes simples que vão melhorar sua saúde física, mental e material (e uma que é melhor evitar)*.

A edição que tem como título *Energia Nuclear* (julho de 2007) exige do leitor um pouco mais de conhecimento. O desenho mostra um famoso personagem do desenho animado *Os Simpsons*, chamado Mr. Burns, apontando para sua fábrica, que é justamente uma empresa de energia nuclear. O subtítulo esse *vilão pode salvar o planeta* refere-se tanto à energia nuclear como ao próprio personagem, pois este é o vilão na história do desenho. A última capa veio com o título *Personalidade: por que você é assim?* O desenho está em preto e branco e dois irmãos gêmeos idênticos, um deles totalmente sério e outro com um sorriso sarcástico, demonstrando que mesmo as pessoas nascidas num mesmo lar, num mesmo ambiente familiar, numa mesma placenta, podem demonstrar personalidades muito distintas, ou que até mesmo os genes podem contribuir para a construção dela.

Além dessa breve análise temática nesses cinco anos do visual das capas, investigaremos, a seguir, a disposição e a construção dos títulos e subtítulos no decorrer desses cinco anos.

3. Analisando títulos e subtítulos: modelos teóricos

Não apreendemos o sentido de uma frase apenas amontoando mecanicamente uma palavra sobre outra: para que as palavras tenham uma significação relativamente coerente, cada uma delas deve, por assim dizer, encerrar alguma coisa das que vieram antes, e manter-se aberta para o que vem depois. Cada signo na cadeia de significação está de alguma forma, marcado e influenciado por todos os outros, vindo a formar um emaranhado complexo que nunca se esgota; e nesse sentido, nenhum signo jamais é “puro” ou “de significação completa. (EAGLETON, 2006, pg. 193)

Como já foi dito anteriormente, são novos na revista *SuperInteressante* alguns aspectos na elaboração de títulos e subtítulos. Nos primeiros anos da revista, só observávamos, com exceção de raras edições, títulos curtos, sem períodos complementares dando força aos títulos principais. No site da revista, na seção *super arquivo* (www.super.abril.com.br) observamos que de 1987, data da fundação da revista, até meados de 2000, a maioria das capas constava apenas dos títulos, salvaguardadas algumas em meses isolados que já continham subtítulos. Hoje, além de títulos e subtítulos, a Super inova para atrair mais leitores, fornecendo mais detalhes das reportagens-capa. Tornou-se comum a presença de alguns tópicos que sintetizam ou resumem todo conteúdo abordado pela reportagem. Podemos classificá-los de maneira distintas:

a. O verdadeiro Alexandre – *beberrão, sanguinário, filósofo, bissexual. Os historiadores desvendam os segredos e as aventuras do maior guerreiro que já existiu.* (janeiro 2005)

b. Como ele mudou o mundo – *João Paulo entrará para a história com o herói do povo ou ditador impiedoso? Como ficará a igreja depois dele? E mais: o próximo pode ser brasileiro.* (março 2005)

Ao falarem a respeito dos enunciados, Flores e Teixeira (2005)⁴ propuseram que a linguagem anunciava a fundação da enunciação como centro dos fenômenos linguísticos, em que o locutor se institui na interação viva com vozes sociais. Isso significa dizer que há um diálogo entre os termos sintagmáticos que formam os títulos, com abordagens que perpassam épocas e uma série de assuntos correlacionados. Os enunciados são sempre dialógicos, pois quando se fala há sempre uma ideologia por trás e a voz do outro.

Os títulos dividem-se em temáticos e não-temáticos. Os primeiros abordam diretamente o tema a ser descrito já no título. Os outros o deixam para apreensão. Na letra *a* sabemos pelo sintagma *Alexandre* que há um enfoque direto do título no assunto abordado. Os subtítulos servem como reforço, com trechos que possuem um caráter introdutório em relação a que aspectos da vida do imperador serão discutidos. Na letra *b* tem-se uma estrutura diferente: O título refere-se a algo que só pode ser definido na leitura dos demais subtítulos⁵, cujos papéis são resumitivos. As interrogativas resumem tudo o que será abordado em questão e ainda com a particularidade da aquisição de um brasileiro para o vaticano. Os subtítulos, então, indicam informações correlacionadas e adicionais, fornecendo assuntos inscritos dentro do assunto-tema.

c. *Psicopata: cuidado, tem um do seu lado* – *Eles são charmosos, inteligentes, bem-sucedidos... e estão por todos os lados.* (julho 2006)

d. *Anarquismo* – *Um mundo sem políticos, sem lei e sem impostos. O fim dos governos é um sonho humanista que a tecnologia começa a realizar ou um pesadelo caótico que nos levará à ruína?* (outubro 2006)

4. A partir das concepções dialógicas de Mikhail Bahktin associadas à linguística da enunciação.

5. Não levando, obviamente, em consideração o visual das capas.

Nesses outros dois títulos já temos estruturas diferentes. Na letra *c* os enunciados que compõem os subtítulos têm uma função descritiva. Não trata do que será escrito sobre as psicopatias, mas descreve características de todos eles. No item *d*, a reportagem circula em meio a duas proposições antagônicas. O objetivo é fazer com que o leitor se situe e reflita sobre qual das alternativas seja a mais valorativa. *Sonho humanista* e *pesadelo caótico* simbolizam o paradoxo proposto para os que defendem ou não o anarquismo.

e. Os novos mistérios de Indiana Jones: - *o que é a caveira de cristal? – onde fica eldorado? – alienígenas, roswell e área 51 – quem desenhou as linhas de nazca? – o que há de verdade e de ficção nos últimos enigmas da série?*

Em algumas edições, a Super passa a topicalizar os subtítulos, inclusive acrescentando temas secundários à reportagem, como se percebe pelo excerto acima. Furtado (2008) postula uma abordagem funcionalista, em que esses subtítulos seriam exemplos do caráter icônico da linguagem:

Pelo *subprincípio da quantidade*, quanto maior a quantidade de informação, maior a quantidade da forma, de tal modo que a estrutura de uma construção gramatical indica a estrutura do conceito que ela expressa. Isso significa que a complexidade de pensamento tende a refletir-se na complexidade de expressão.

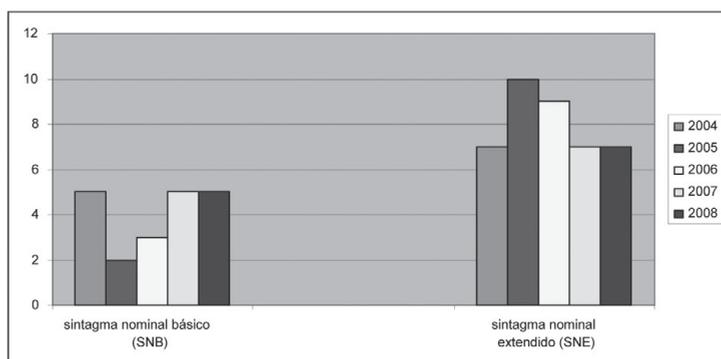
Quanto mais itens, mais levantamento de dúvidas e mais apreensões com relação ao assunto abordado. Adianta o conteúdo e a interação através da ampliação do seu campo conceitual. Os outros subtítulos de todas as edições trabalhadas seguem essa mesma classificação.

Nesta seção, relacionamos a ligação que existe entre os títulos e a função dos subtítulos. Fizemos uma classificação das manchetes com o

intuito de conhecer a predominância nos títulos daquilo que Bechara (2009) chama de categorias lexicais.

4. Classificação morfossintática das capas nos cinco anos

Recolhemos as 65 manchetes, publicadas no período de janeiro de 2004 a dezembro de 2008, e separamos por ano a classificação de seus sintagmas, a fim de que tivéssemos uma noção das variações entre manchetes nominais, oracionais, preposicionais e adjetivais. Abaixo segue o gráfico que mostra em princípio os tipos de manchetes nominais pesquisados:



Os SNBs (sintagmas nominais básicos) têm uma baixa recorrência, aparecendo em maior quantidade nos anos de 2007 e 2008. Em 2004, um título adjetival (*evangélicos*), quatro nominais (*Tróia*, *Google*, *Câncer* e *Confúcio*). Em 2005, apenas dois títulos nominais (*Globo* e *Nazismo*). Em 2006, um adjetival (*Psicopata*) e dois nominais (*Anarquismo* e *Exorcismo*). Em 2007, cinco títulos nominais (*Iching*, *Espíritos*, *Esparta*, *Darwin* e *Auschwitz*). Em 2008, mais cinco nominais (*Médiuns*, *Personalidade*, *Jerusalém*, *Inteligência* e

Ansiedade), perfazendo um total de vinte e um títulos com essa classificação. Os nomes variam entre personalidades, lugares importantes, organizações sociais, qualidades e demais substantivos concretos e abstratos.

Segue-se a enumeração dos SNEs (sintagmas nominais expandidos) e suas demais subclassificações, registradas no corpus pesquisado.

- I. **Núcleo do sintagma precedido de modificador:** *Santo Graal* (fevereiro de 2005).
- II. **Núcleo do sintagma precedido e seguido por modificador com determinante:** *O código Da Vinci* (outubro de 2004); *O verdadeiro Alexandre* (janeiro de 2005); *O novo Judas* (maio de 2006); *O Brasil surreal* (abril de 2008).
- III. **Núcleo do sintagma seguido de modificador:** *Medicina alternativa*, *Casamento gay*, *Medicina ayurvédica* e *Jesus proibido* (janeiro, julho, agosto e dezembro de 2004, respectivamente); *Ciência nazista* (abril de 2006).
- IV. **Núcleo do sintagma seguido de modificador preposicionado com funções adverbial ou adjetival:** *Tropas de elite* e *Sexo na igreja* (novembro e dezembro de 2007); *Ciência contra o crime* (outubro de 2008).
- V. **Núcleo do sintagma precedido de determinante e seguido de modificador com funções adverbial ou adjetival, com ou sem preposição:** *A ciência de comer bem* (setembro de 2004); *A ciência da felicidade* (abril de 2005), *Toda a verdade sobre as cruzadas*, *Os segredos da maçonaria*, (maio e setembro de 2005); *A ciência de viver bem*, *O mistério dos templários*, *A chave dos sonhos*, *Nos bastidores do Opus de*, *Os superpoderes do cérebro* (janeiro, fevereiro, março, junho e agosto de 2006); *O segredo do pensamento positivo* (agosto de 2007); *O fim dos oceanos* (dezembro de 2008).

- VI. Núcleo do sintagma precedido de quantificador e seguido de modificador:** *Terceira guerra mundial* (setembro de 2006)
- VII. Núcleo do sintagma precedido de quantificador com intensificador:** *As 20 melhores matérias da história da Super* (dezembro de 2006)
- VIII. Núcleo do sintagma precedido de determinante com modificador e seguido de modificador (preposicionado ou não):** *A história secreta da igreja, A última chance de salvar a terra* (maio e dezembro de 2007); *Os novos mistérios de Indiana Jones* (junho de 2008).
- IX. Núcleo do sintagma precedido de sujeito pronominal e seguido de sintagma verbal:** *Como o pop matou seu rei e Quem matou Jesus* (março e abril de 2004); *Como ele mudou o mundo, Eles voltaram da morte, Quando a vida começa e Quando a vida termina* (Março, agosto, novembro e dezembro de 2005); *Quem descobriu o Brasil* (dezembro de 2006); *Drogas: como podemos legalizar?* (outubro de 2007); *Quem escreveu a bíblia* (dezembro de 2008).
- X. Núcleo do sintagma precedido ou não de determinante, com ou sem modificador e seguido de sintagma verbal:** *O fim do mundo começou e Deus existe?* (outubro e dezembro de 2005); *A cadeia como você nunca viu e Não estamos sozinhos* (março e agosto de 2008).
- XI. Sintagma nominal e verbal coordenados:** *Lost e o fim da TV* (fevereiro de 2007).

Travassos (2003) afirma que “o título é uma parte privilegiada do texto, pois, devido a sua posição, é o primeiro elemento a ser processado”. E nos títulos se encontram as categorias de palavras que dão ao leitor uma definição da proposta do assunto abordado. Basílio (2008) postula que “as

classes de palavras são de importância crucial na descrição de uma língua porque expressam propriedades gerais das palavras”. Nomes, adjetivos, advérbios (adjuntos) e artigos são predominantes na definição dos papéis desempenhados na transmissão da mensagem, ora delimitando o tema, ora individualizando-o, ora generalizando-o. Sendo assim, a escolha cuidadosa dos termos a serem utilizados mostra-se de grande importância quando se tem o objetivo de despertar o interesse e curiosidade do público alvo. O uso de sintagmas nominais que despertem interesse e curiosidade por seu caráter polêmico (na maioria dos casos, sintagmas que resumem assuntos de teor social e alcance a nível global), em maior escala, aponta, em nossa pesquisa, um efeito de maior impacto sobre os leitores, sendo, portanto, mais utilizados por periódicos como o abordado.

5. Considerações finais

Houve, no decorrer desses cinco anos, um número pequeno, mas significativo, de manchetes oracionais, com estrutura direcionada, visando atingir os objetivos da revista. A importância desse trabalho se dá justamente pelo fato de verificar como as palavras se arranjam no enunciado, mantendo várias conexões, através de funções que garantem o diálogo com várias áreas do conhecimento. Vimos como essa relação com a imagem traz a possibilidade de análise do gênero visual (imagens ilustrativas da capa) em comparação ou auxílio a gêneros textuais (representados, na pesquisa, por títulos e subtítulos).

A *SuperInteressante* tem proporcionado essa riqueza, não só científica, mas sobretudo linguística. Sua história merece destaque porque atravessa esse viés, tão puramente informacional, observado em outros periódicos e alcança uma linguagem que já pelos títulos suscita a curiosidade e promove conhecimento.

Referências bibliográficas

- BASILIO, Margarida. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. 2º ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática brasileira*. 37º ed. Rio de Janeiro: Lucerna e Nova Fronteira, 2009. (671 p.)
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. 6º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 366 p. (tradução Waltensir Dutra)
- FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à linguística da enunciação*. S.N. São Paulo: Contexto, 2005.
- FURTADO, Angélica da Cunha. Funcionalismo. In: *Manual de linguística*.
- MARTELOTTA, Mario Eduardo (org.) S.N. São Paulo: Contexto, 2008. p. 157- 174.
- TRAVASSOS, T. 2003. Títulos, para que os quero? In: DIONISIO, A. P. e BESERRA, N.S (orgs.) *Tecendo textos, construindo experiências*. Rio de Janeiro: Lucerna, p. 55-70.

EXPLICIT INTERTEXTUALITY IN SCIENCE POPULARIZATION NEWS

Anelise Scotti Scherer¹

Universidade Federal de Santa Maria

Abstract: This paper aims at identifying traces of explicit intertextuality in 30 science popularization (SP) news articles from *BBC News* and *Scientific American* online publications. The textual analysis involves: a) identification and analysis of linguistic traces of explicit intertextuality; and b) interpretation of data in relation to the SP process (Motta-Roth, 2009). The results suggest that intertextual strategies in SP news: 1) emphasize the role of the journalist to inform the reader about new studies; and 2) make it possible to explain scientific principles and concepts, evaluate the research and promote discussion on its relevance for society while encouraging readers to participate in the process, supporting the scientific endeavor.

Resumo: O objetivo deste trabalho é identificar traços de intertextualidade explícita em 30 notícias de popularização da ciência (PC), coletadas das publicações online *BBC News* e *Scientific American*. A análise textual envolve: a) identificação e análise dos traços linguísticos da intertextualidade explícita; e b) interpretação dos dados em relação ao processo de PC (Motta-Roth, 2009). Os resultados sugerem que as estratégias intertextuais nas notícias: 1) enfatizam o papel do jornalista de informar o leitor sobre novas descobertas; e 2) possibilitam explicar princípios e conceitos científicos, avaliar o estudo e promover a discussão

¹ English major (seventh semester) at the Federal University of Santa Maria (annesscherer@yahoo.com.br). CNPq scientific initiation grant, process n. 111379/2007-3. This paper is part of the research project *Análise crítica de gêneros com foco em artigos de popularização da ciência* (Motta-Roth, 2007), developed at *Laboratório de Pesquisa e Ensino de Leitura e Redação* (LABLER). The study was developed in the course *LTE1002 Análise do Discurso e do Texto em Língua Inglesa*, taught by the project coordinator and adviser of this study Désirée Motta-Roth (CNPq PQ grant, process n. 301962/2007-3). The writing of this paper was co-advised by Fábio Santiago Nascimento, Master's student at *Programa de Pós-Graduação em Letras - UFSM* (CAPES grant).

sobre sua relevância para a sociedade ao mesmo tempo em que encorajam o público leitor a participar do processo, financiando a empreitada científica.

Introduction

In general terms, Science Popularization (SP) can be defined as a process of recontextualization of knowledge from scientific contexts (such as laboratories and research institutes) to the mass media (Motta-Roth, 2009, based on Bernstein, 1974). In this process, lay versions of scientific knowledge are disseminated in newspapers, magazines, TV shows in order to enable non-specialized readers to incorporate such knowledge into their existing knowledge in order to actively participate in political decisions concerning scientific issues (Calsamiglia; van Dijk, 2004:370).

For constructing these non-specialized versions of scientific knowledge, journalists make use of various linguistic and discursive strategies such as definitions, examples, metaphors (Calsamiglia; van Dijk 2004:370.). In addition, intertextuality is used to incorporate other voices besides the author's into the debate about the reported study by adopting quoting and/or reporting strategies (Beacco et al., 2002; Oliveira; Pagano, 2006; Motta-Roth et al., 2008). These intertextual strategies of quoting and reporting may be considered a characteristic feature of SP news, because they allow journalists to draw on previous texts produced within the scientific realm such as academic articles and conference communications. In addition, such strategies highlight the importance of scientific knowledge and promote the debate on the implications of scientific discoveries for society. In light of the above, the objective of this study is to identify traces of intertextuality in the SP news genre as a characteristic feature of the process.

This paper is structured in four main sections. The review of the literature (section 1) focuses on the concepts of SP and intertextuality. Section 2 presents corpus selection and analytical procedures for the study.

Data analysis and results (section 3) are organized in three subsections: the first one explores the contexts of publication contrastively; the second one provides data on types and frequency of intertexts; and the third subsection presents a brief discussion on explicit intertextuality in relation to the process of SP. The last section presents an attempt of relating the findings of this study to some characteristics of the SP process.

I. Review of the literature

1.1 The SP process

A traditional view of SP considers two separate discourses: the scientific discourse, produced within scientific institutions and the popularization discourse, through which science is popularized for non-specialists (Myers, 2003:266). This view of SP assumes that scientific knowledge is translated into simple terms for a lay or 'ignorant' audience and that information is "distorted, hyped up, and dumbed down" (Myers, 2003:266). As argued by Myers (2003:267), this traditional perspective attributes a higher and authoritative position to scientists in relation to the general public, considered a 'blank slate of public ignorance'.

On the other hand, a more contemporary view of the process implies that 'science circulates within many ordinary discourses' (Beacco et al., 2002:279), providing explanation for recurrent events in society. In this view, SP news is part of a cycle of activities that interrelates science and society (Motta-Roth, 2009:8). In this cycle (Figure 1), the production of SP news, for example, is instigated by people's interest in a theme. The publication of such texts in the media draws the scientists' attention to the topic, which triggers the intensification of research in a given field. Once the research is developed and the theme is incorporated to scientific discourse, it contributes to the establishment of a new agenda of public interests.

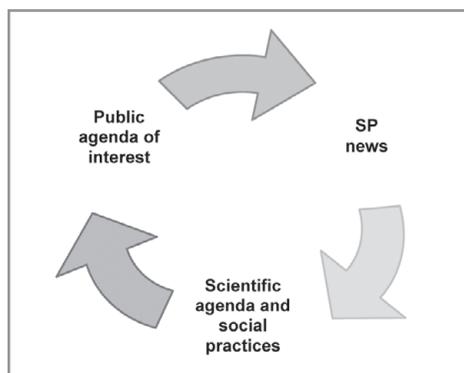


Figure 1 Cycle of activities that interrelates science and society, adapted from Motta-Roth (2009:8)

This cycle of activities is motivated by three axes through which the SP process is realized: 1) the role of the media to inform society about new research outcomes; 2) the responsibility of the mediator (author of the SP text) to explain principles and concepts which allow society to participate in the transformation of knowledge; and 3) the need society has to understand the relevance of the research in order to support scientific endeavors (Motta-Roth, 2009:4). These axes permeate the journalist's lexicogrammatical choices and the linguistic strategies used in SP News. Thus, SP in a contemporary perspective consists of a recontextualization process of scientific knowledge from the academic context to the mass media (Motta-Roth, 2009:6).

According to Bazerman (2004b:90), any process of recontextualization involves a 'translation across contexts', that is, words of a given text – produced within a given context – used in another text and given new meaning according to the new context. Therefore, considering the SP process as a recontextualization of scientific knowledge implies investigating SP news in its relation to previous (or future) texts about science – it requires a discussion on intertextuality.

1.2 The concept of intertextuality

In accordance with the work of Julia Kristeva, Bazerman (2004b:84) defines intertextuality as the “relation each text has to the texts surrounding it”. He explains that “Intertextuality, for Kristeva, is a mechanism whereby we write ourselves into the social text, and thereby the social text writes us” (Bazerman, 2004a:2). In this sense, absolute originality cannot exist in texts. We do not create original texts *ex nihilo*; texts are conceived in the sharing and interrelation with previous and future texts.

The notion of intertextuality underlying this discussion is that of a capacity of a text to evoke other texts available in the culture (Motta-Roth, 2008:354). A text may evoke other texts at different levels of intertextuality, and through different techniques of intertextual representation (Bazerman, 2004b:86-9). Such levels and techniques characterize intertextuality as explicit or implicit. Explicit intertextuality is the reference to previous or further texts overtly made in a given text, such as the texts referred to in the review of the literature section and the list of references of an academic article (Koch, 2009:146). Texts that are alluded to by other texts and are part of the readers’ social and discursive memory are referred to as intertexts (Koch, 2009:145). On the other hand, implicit intertextuality is the reference to texts without indicating its source, such as jokes in which previous discourses are ironically referred to or criticized, relying only on the interlocutor’s familiarity with them (Koch, 2009:145). Discourses – rather than their materiality (texts) – that are implicitly alluded to in texts and are familiar to the reader are referred to as interdiscourses (Fiorin, 2006:183). This study focuses only on the analysis of explicit intertextuality. The analysis of the interdiscourses involved in the production of SP news configures a subject for future studies.

1.3 Intertextuality in SP news

Intertexts, in SP news, usually refer to academic texts in which the research is shared with a specialized audience as well as to different voices evoked by the journalist in order to describe, interpret, explain, and/or evaluate the research (Motta-Roth et al., 2008). Thus, such intertexts may be part of the scientific domain or part of a non-scientific domain. The intertexts within the scientific domain are academic articles and communications, and the scientists' comments about the research; while the intertexts within a non-scientific domain usually recall official documents and the public's opinion about the research (Motta-Roth et al., 2008:4).

As Beacco et al. suggest, "the reshuffling of the articulation of scientific discourses (and their interdiscourses) with discourses of a very different nature has become one of the characteristics of the contemporary knowledge society" (2002:280). In other words, the SP process exists in the intersection between different discourses typically attributed to different contexts (science and media) (Motta-Roth, 2009). In this recontextualization of scientific knowledge, the scientist/journalist refers to different discourses by using intertextual strategies (such as quoting and reporting) and interdiscursive strategies (such as metaphors for explaining scientific principles) that incorporate a "diffuse intertextual form" (Beacco et al., 2008:280) into the process. In SP news, the diffuse intertextual form of the SP process is evidenced, for example, through the multiple voices that are incorporated in the text in order to promote a debate concerning the research outcomes and its implications for science and society. This reorganization of scientific discourse is systematized in recent analyses of the rhetorical organization of SP news, as shown in Figure 2.

Moves and steps	Recursive moves and steps
Headline	
Move 1 – LEAD/Popularized research conclusions (_{preview})	
Move 2 – Presenting the research (_{detail}) by: <ol style="list-style-type: none"> identifying researchers (or) exposing conclusions (and) referring to the research objective (or) alluding to published scientific article (or PhD/ Masters dissertation) 	A – Elaborating comments and narratives (Debate/Polyphony): positive or negative comments and opinions from different enunciative standpoints: <ol style="list-style-type: none"> Scientist/researcher (or metaphorically study); Colleague/Technician/ Institution; Government; Public; Journalist (Interpellation)
Move 3 – Referring to previous knowledge (contextualizing) by: <ol style="list-style-type: none"> referring to established knowledge <u>STRESSING SOCIAL PERSPECTIVE</u> alluding to previous research indicating limitations in established knowledge 	
Move 4 – Describing the methodology used in the popularized research by: <ol style="list-style-type: none"> identifying experimental procedure referring to aspects of data (source, size, date, place, category) 	
Move 5 – Explaining the popularized research outcomes by: <ol style="list-style-type: none"> exposing findings/accomplishments (_{specific}) explaining significance of results (_{general}) comparing previous and present research in terms of: <ol style="list-style-type: none"> established knowledge methodology results 	
Move 6 – Indicating popularized research conclusions by: <ol style="list-style-type: none"> mentioning implications in present research suggesting future research <u>STRESSING LOCAL PERSPECTIVE</u> indicating limitations in present research 	B – Explaining principles and concepts (credentials) (apposition [expansion], gloss [reduction], metaphor). C – <u>STRESSING SOCIAL/LOCAL PERSPECTIVE</u>

Figure 2 Schematic representation of the rhetorical organization of SP news (Motta-Roth, 2009)

According to previous analyses (Motta-Roth et al., 2008; Motta-Roth; Lovato, 2009; Motta-Roth, 2009), the rhetorical structure of SP news is organized mainly in terms of: a) the presentation of general and detailed information about the research (moves 1-4); and b) the promotion of a debate and conclusions on the significance of the results to society (moves 5 and 6). However, these studies also reveal that comments and narratives as well as the explanation of principles and concepts and the stressing of the social perspective are recursive (recursive moves A, B and C), appearing in all sections of the texts. As far as explicit intertextuality in SP news is concerned, traces of other texts seem to be recurrent throughout the texts; but, for the purpose of this study, the analysis will focus only on the following moves: 'Presenting the research by: alluding to published scientific article (or PhD/Masters dissertation)' (move 2d) and 'Elaborating comments and narratives' (recursive move A).

2. Methodology²

2.1 Corpus selection

Four online publications in English compose the universe of analysis of the main project (Motta-Roth, 2007): *BBC News International* (<http://www.bbc.co.uk/>), *Scientific American* (<http://www.scientificamerican.com/>), *ABC Science* (<http://www.abc.net.au/>), and *Nature* (<http://www.nature.com/>). These publications were selected according to an analysis of the context of each publication (Motta-Roth; Lovato, 2009:242-243) in terms of:

- a. Commitment to SP and/or education about science (Mission Statement);

2. We thank Graciela Rabuske Hedges and Luciane Kirchoff Ticks for their suggestions on how to organize this section.

- b. Presence of sections devoted to news on science and technology;
- c. Upload dynamics (daily or weekly);
- d. Free access to SP news; and
- e. Average text length (up to 1046 words).

The publications selected to be part of the present study are *BBC News International* and *Scientific American* due to the fact that these subcorpora have already been analyzed in terms of the rhetorical structure of SP news. The other two subcorpora will be considered in a future analysis related to the final undergraduate paper.

The corpus comprises 30 texts retrieved from the sections entitled News of each website. The selection included SP news that is: a) available online; b) written in English; c) published between 2004 and 2008; and d) concerned with health, environment and technology themes, as suggested in *Parâmetros Curriculares Nacionais* (Brasil, 1997)³. The references of the texts that are part of the corpus are listed in the Appendix.

2.2 Analytical procedures and categories

The present analysis of SP news focuses on the identification of explicit intertextuality within the corpus, according to the theoretical perspective of Critical Genre Analysis (Meurer, 2002; Bhatia, 2004; Motta-Roth, 2005). In this perspective, discursive genres – understood as typified social activities that are culturally pertinent and mediated through language within a given

3. *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN) are official documents that establish guidelines for basic education across disciplines in Brazil. We have included PCN in the criteria for corpus selection because we understand that a systematization of intertextuality in SP news in the light of Critical Genre Analysis can be at service to EFL teachers and undergraduate students in their first year in higher education. We believe that studies on SP news genre can subsidize pedagogical practices and design of teaching materials that explore linguistic features of SP news in relation to the SP process, promoting a transition between literacy practices in school and in the university.

context of situation in which different orders of discourse coexist – are described in terms of their linguistic features and interpreted in relation to the context in which they occur (Motta-Roth, 2005:147). The analysis is based on the schematic representation of the rhetorical organization of SP news (Figure 2) and includes two sets of analytical procedures: 1) contextual analysis; and 2) textual analysis.

The contextual analysis involves: a) investigating the SP process; and b) exploring the publication context (purposes, authorship, readership, etc.) as proposed by Hendges (2009). The textual analysis involves: a) identifying linguistic traces of explicit intertextuality within the rhetorical organization of the texts; b) analyzing the discursive manifestation of intertextuality; and c) relating textual analysis to the context of SP. The analytical categories concerning the textual analysis are provided in Figure 3.

Category	Realization	Example in the corpus
Reference to scientific publication	Allusion to the academic text in which the research was reported to a specialized audience.	BBC#10 The study features in <i>Proceedings of the National Academy of Sciences</i> . SCIAM#7 Now researchers of Nebraska have successfully modified crops (...), researchers report in <i>Science</i> .
Quoting	Allusion to quoted words 'usually identified by quotation marks, block indentation, italics, or other typographic setting apart from other words of the text' (Bazerman, 2004b:88).	BBC#1 "You are not comparing like with like," says Mary Newburn, head of policy at the charity. BBC#12 Belinda Phipps, of the National Childbirth Trust, said: "This shows for the majority of parents they can have a positive effect on their babies IQ by breastfeeding"
Reporting	Allusion to reported words, usually specifying a source and attempting to 'reproduce the meaning of the original but in words that reflect the author's understanding, interpretation, or spin on the original' (Bazerman, 2004b:88).	BBC#6 He said the finding offered clues not only to these massive changes, but to the ongoing evolution of humans. SCIAM#4 Researchers report today that they grew prostate glands (...) in mice using a single stem cell transplanted from the prostates of donor mice.

Figure 3 Analytical categories: realization and example

In the recontextualization of scientific knowledge, not only 'written conventional sources' are referred to, but also 'oral interviews between journalists and specialists and between specialists and the subjects who eventually take part in their research' (Oliveira; Pagano, 2006:628). In the corpus of this study, both written conventional sources (such as academic articles) and oral interviews are referred to by the journalist. Written texts concerning the research being popularized are usually mentioned in relation to the first category in Figure 3 (Reference to scientific publication), although this category can also be concerned with oral texts in which the research author reports the study to a specialized audience (such as an academic presentation).

On the other hand, the last two categories (Quoting and Reporting) are mostly concerned with the mentioning of oral texts that are incorporated into the news in order to promote the debate. Data from previous analysis (Motta-Roth et al., 2008; Motta-Roth; Marcuzzo, in press) of the *BBC News International* subcorpus has indicated that the debate in SP News is manifested by the occurrences of four other voices besides the journalist's: the author of the research being popularized, the researcher colleague not involved in the research, the technician, the government, and the public (see recursive move A in Chart 1). In SP news, the journalist makes choices in terms of who participates in the debate and how these voices are introduced in the text: either by quoting their exact words directly or reporting them by representing their meaning in the journalist's own words (Halliday; Matthiessen, 2004:445).

3. Results and Discussion

The analysis points to at least two aspects of SP news: 1) the publication's target public varies from specialized to non specialized readers, which has an impact on the journalist's choices of which intertexts to evoke;

and 2) explicit intertextuality seems to be an important feature in the SP process since a significant portion of the texts is based on other texts either by reference, quoting or reporting. In the following subsections, data is presented in order to explain such aspects of SP news: section 3.1 explores the contexts of publication contrastively in order to offer evidence on the differences concerning the publications' target public; section 3.2 provides data on types and frequency of intertexts found in the corpus; and section 3.3 presents a brief discussion on explicit intertextuality in relation to the process of SP.

3.1 *The publications and their target public*

Textual and contextual data from the corpus indicate that *BBC News International* appears to be devoted to a less specialized public than *Scientific American*, which seems to confirm the assertion that the recontextualization of scientific knowledge in the media occurs according to “degrees of popularization” (Hilgartner, 1990:528). Following Hilgartner’s continuum of science popularization, science can be more or less popularized in the media. However, there is no guarantee that there will be a fixed point in which a text is no longer a scientific one, but is a popularization.

In this study, we considered the publication’s target public as an evidence of the different degrees of SP involved in news by contrasting the publication’s mission statements. In *BBC News International*’s mission statement – section *About the BBC* of the website (<http://www.bbc.co.uk/aboutthebbc/>) – the publication defines the British Broadcasting Corporation (*BBC*) as ‘the largest broadcasting corporation in the world’, which aims at enriching people’s lives ‘with programmes and services that inform, educate and entertain’ the general public. Although the *BBC* website provides a specific section in which news about science are published, there is the predominance of other sections that circulate news about politics,

economy, entertainment and curiosities about the world and the United Kingdom specifically which do not emphasize scientific knowledge and research outcomes.

In the section *About us* (<http://www.scientificamerican.com/page.cfm?section=aboutus>) of *Scientific American* – self-entitled “the oldest continuously published magazine in the U.S.” – its mission statement reveal that the publication’s target audience includes readers with particular interest in the ‘developments in science and technology’. The publication’s target audience is also revealed by the magazine sections, which only convey texts about scientific knowledge and research outcomes. By comparing the description of both publications, one can say that the readership of *BBC News International* is more general (or less specialized) than the audience of *Scientific American*. This publication only publishes texts about scientific knowledge and research outcomes, while *BBC News* publishes news concerning a wide range of topics from science to politics and entertainment.

Such a difference in the publications’ target public can also be observed through data from the corpus: the frequency of reference to the scientific publication ranges from 100% in *Scientific American* texts to 80% in *BBC News* texts. The type and frequency of the intertexts in the texts also provide evidence on the differences between the publications’ degree of popularization. The more scientific the intertexts referred to by the journalist are, the more specialized the publication’s target public is and, consequently, the more scientifically oriented the news is.

3.2 Type and frequency of intertexts in SP news

The analysis also points to occurrences of explicit intertextuality concerning both oral and written texts within the scientific and social domain. However, the intertexts found in the *Scientific American* corpus (in

contrast with the ones in the *BBC News International* corpus) mostly alluded to texts within the scientific domain, such as academic articles, journals, event proceedings, etc. This feature may be explained by the fact that *Scientific American* is devoted to a more specialized audience than *BBC News International* (as evidenced in the mission statement of each publication).

Texts produced within the scientific realm include the scientific publication of the research, works by other scientists on topics related to the research as well as their comments about the significance of the results or the relevance of the research; while texts produced outside the scientific context include government documents and the public's opinion about the research. Thus, the intertexts referred to by the journalist were classified by mode (oral or written texts) and by domain (scientific or non-scientific) – Examples 1 and 2⁴.

Example 1 – oral text

BBC#3 A *UK government spokesman* said of the Bright findings: “It’s valuable research, and complements the Farm-Scale Evaluations. (...)”

Example 2 – written text

SCIAM#10 The researchers report in *Science* that they sussed out the bug’s travel plans (...).

In Example 1, the journalist alludes to an oral text (indicated by the Verbal Process *said* and quotation marks) within a non-scientific domain (indicated by the reference to the author of the utterance *A UK government spokesperson*); whereas, in Example 2, the journalist alludes to a written text (indicated by the title of the academic journal *Science*) within the scientific domain (indicated by the lexical items *researchers*).

4. All examples in this paper were retrieved from the corpus *verbatim*. Emphasis were added in *italics*.

In terms of linguistic realization, the scientific publication is mentioned in the corpus:

a) as Sayer or Senser (Example 3);

Example 3

BBC#9 *Neurology* says that post-mortem tests on 24 patients found a 70% fall of a protein linked to dementia in those who had taken cholinesterase inhibitors.

BBC#6 *The Nature Neuroscience* study found clear differences between brain junctions in mammals, insects and single cell creatures.

b) within a non-defining relative clause – a dependant clause that ‘functions as a kind of descriptive gloss to the primary clause’ (Halliday; Matthiessen, 2004:399) (Example 4); and

Example 4

SCIAM#8 The new findings, *published this week in Proceedings of the National Academy of Sciences USA*, casts (sic) doubt on the second migration out of Africa.

c) within prepositional phrase indicating circumstances of place and angle (Example 5).

Example 5

SCIAM#9 *Researchers report in Proceedings of the National Academy of Sciences USA* that music triggers changes in the brain stem (...).

SCIAM#3 Turning the food crop into ethanol would not be the best use of the energy embedded in the kernels’ carbohydrates, *according to a new study in Science*.

A significant portion of the texts is constituted through explicit intertextuality strategies: a) quoting, through which the journalist exposes the actual words of the Sayer; b) reporting, through which the journalist interprets the discourse being referred to; and c) a hybrid form between quoting and reporting, in which the journalist mixes his own words with the Sayer's actual words (Example 6).

Example 6

BBC#15 (...) the staff said the technology did not link in properly with other IT systems, and that many had given up using it "until it works better".

Table I illustrates the amount of quoting, reporting and the hybrid forms in relation to the total extension of the texts in the corpus.

Table I Average amount of quoting, reporting and hybrid form in each text

	Quoting	Reporting	Hybrid
<i>BBC News International</i>	30%	25,4%	3,2%
<i>Scientific American</i>	33,2%	35,7%	8,2%

The sum of quoting and reporting occurrences constitute more than 50% of each text, indicating that the mentioning of other texts is a characteristic feature of SP news, which confirms the diffuse intertextual form of the SP process (Beacco et al., 2002). Although quoting, reporting and the hybrid form occur throughout the entire text in all exemplars of the corpus, quoting prevails in most of the texts as pointed out in Table 2.

Table 2 Occurrences of quoting, reporting and their hybrid form in the corpus

<i>BBC News International</i>	Occurrences in the corpus			<i>Scientific American</i>	Occurrences in the corpus		
	Quoting*	Reporting	Hybrid		Quoting*	Reporting	Hybrid
BBC#1	6	6	1	SCIAM#1*	7	2	0
BBC#2	6	8	0	SCIAM#2	3	2	3
BBC#3*	11	6	0	SCIAM#3*	12	2	0
BBC#4*	12	10	0	SCIAM#4	1	5	2
BBC#5*	5	1	0	SCIAM#5*	5	4	1
BBC#6*	8	7	1	SCIAM#6	3	14	1
BBC#7	5	5	0	SCIAM#7*	9	1	1
BBC#8*	4	1	1	SCIAM#8*	5	2	1
BBC#9*	8	6	0	SCIAM#9*	9	9	0
BBC#10	5	7	0	SCIAM#10	8	7	2
BBC#11	4	7	0	SCIAM#11*	6	3	1
BBC#12*	6	7	0	SCIAM#12*	6	3	0
BBC#13	4	6	0	SCIAM#13	3	6	0
BBC#14*	10	3	1	SCIAM#14	4	4	0
BBC#15*	9	7	6	SCIAM#15	6	10	1
TOTAL	103	87	9	TOTAL	82	74	13

*Exemplars in the corpus in which quoting prevails.

The journalist's choices of quoting or reporting other voices are strongly related to the role these voices play in society. In other words, the intertextual strategies in SP news help the journalist promote a debate on the research that can stay within the scientific domain or can spread throughout other sectors of society. For example, if the journalist chooses to quote or report only scientists' voices, the degree of SP is likely to be low

in comparison to other texts in which representatives of the government and the public are invited to participate in the debate.

3.3 *Explicit intertextuality in SP discourse*

Quoting in media discourse allows the journalist to attribute authenticity, distance, and objectivity towards the content of the utterances because, by quoting the author's literal words, he no longer has to assume total responsibility for the content of what is said (Maingueneau, 2008: 142). In SP news, quoting seems to be used for the same reasons: the journalist establishes a certain distance towards what is said about the research and, by providing the author's credentials, he attributes authority and reliability to what is said.

But, as Caldas-Coulthard argues with regard to discourse in the news:

The treatment of any topic will always depend on who is chosen to comment and whose opinions and definitions are sought. Choice and selection, therefore, will determine how a certain event will be reported and the implications derived from this choice will have ideological consequences (1997:37).

Hence, it is a matter of choice and ideology. Not only the choices of either quoting or reporting somebody else's voices are important, but also who is chosen to be part of the debate. For example, the social actors chosen to be part of the debate promoted by the journalists of *Scientific American* are typically representatives of a scientific community; differently than the debate promoted by the BBC journalists, whose choices embrace a range of social actors (from the scientist to the general public) (Motta-Roth et al., 2008). These results align with Caldas-Coulthard's observations on the hierarchical order of reliability in news:

Sources are 'accepted' in a hierarchical order. People linked to power relations or institutions tend to be more 'reliable' than others, so a lot of what is reported is associated with power structures. (...) Direct and indirect reporting in hard news have, thus, the function of legitimising what is reported. It is one of the rhetorical strategies used by the media discourse to implicate reliability (1997:59).

Although Caldas-Coulthard does not focus her analysis on SP news specifically, her assumptions about power relations in news discourse can also be applied to SP news. In these texts, the journalist introduces social actors and their exact words along with their credentials (Example 7). By doing so, the journalist emphasizes the social actor's institutional role (Motta-Roth et al., 2008:4) and transfers the responsibility towards what is being said to the author of the utterance. These strategies, as Caldas-Coulthard suggests, implicate truthfulness and reliability.

Example 7

BBC#13 Sally Rose, *an asthma nurse specialist at Asthma UK*, said: 'While some research does suggest that breastfeeding may help reduce the chance of babies developing allergic conditions such as asthma, there are other studies that contradict this.

SCIAM#9 Senior study author Nina Kraus, *a professor of neurobiology and physiology at Northwestern University*, says this means music training may not only improve a person's ability to decipher different tones but also enhances reading and speech functions (...).

The enclosed clauses in Example 8 (*an asthma nurse specialist at Asthma UK* and *a professor of neurobiology and physiology at Northwestern University*) attribute an institutional role to the Sayer (*Sally Rose* and *Nina Kraus*). In such cases, the reliability of the projected clause (proposition or proposal) is increased by the credentials of their authors (Motta-Roth;

Lovato, 2009). Thus, the more a person is related to an institution and the more important this institution is, the more reliable and relevant his/her comments are concerning public decisions about science.

4. Final Considerations

The analysis of explicit intertextuality in the corpus has indicated that SP news are built on a multiplicity of references to texts related to the research being popularized for at least three reasons: 1) the role of the media to inform society about new research outcomes; 2) the responsibility of the mediator (journalist) to explain principles and concepts which allow society to participate in the transformation of knowledge; and 3) the need society has to understand the relevance of the research in order to support scientific endeavors (Motta-Roth, 2009). The mention of the scientific publication in which the research was published, for example, seems to be connected more specifically to the role of the journalist to inform the reader about new studies. By providing the academic source of the text (*Science, Nature, etc*) and when the academic text was published (*recent study, this week, today, etc*), the journalist indicates that the text reports a new discovery, new insights on science that are worth reading.

On the other hand, the mention of intertexts (e. g. interviews with the researchers, previous research, official documents), which can occur directly (quoting) or indirectly (reporting), seems to be related to the explanation of scientific principles and concepts and the evaluation of the study, as well as the promotion of a debate on the topic. Hence, the mention of oral texts is related to the responsibility of the mediator (journalist) to explain the research in order to make society understand its relevance and participate in the process, supporting scientific endeavors. The identification of the institutional role of the Sayers, in such cases, attributes reliability towards what is being said.

Because a great portion of the texts (typically more than 50%) rely on a variety of other texts, studies of SP news and of the SP process itself may benefit from a more systematic investigation of explicit intertextuality as well as from a more profound study of implicit intertextuality or interdiscursivity. The analysis of the latter (interdiscursivity) has been shown to be as important as the analysis of intertextuality for understanding how scientific knowledge is recontextualized in media settings, because SP news embraces a complex web of different discourses, such as educational, media, and scientific discourses (Beacco et al., 2002; Motta-Roth et al., 2008). Therefore, future developments of this study will involve mapping and interpreting the linguistic strategies concerned with explicit and implicit intertextuality in a corpus of 60 SP News from the main project as to achieve a more representative view of intertextuality in SP.

Bibliographical references

BHATIA, Vijay (2004). *Worlds of written discourse: a genre-based view*. London: Continuum.

BAZERMAN, Charles (2004a). Intertextualities: Volosinov, Bakhtin, Literary Theory, and Literacy Studies. In: Arnetha Ball; Sarah Warshauer Freedman (Ed.). *Bakhtinian Perspectives on Languages, literacy, and Learning*. Cambridge University Press, pp. 53-65. Available at: <http://education.ucsb.edu/bazerman/chapters/35.intertextualities.doc>. Accessed 02 May 2010.

BAZERMAN, Charles (2004b). Intertextuality: how texts rely on other texts. In: Charles Bazerman; Paul Prior (Eds.). *What writing does and how it does it: an introduction to analyzing texts and textual practices*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, pp. 83-96.

BEACCO, Jean-Claude; CLAUDEL, Chantal; DOURY, Marianne; PETIT, Gérard; REBOUL-TOURE, Sandrine (2002). Science in media and social discourse: new channels of communication, new linguistic forms. *Discourse Studies*, 4(3): 227-300.

- BRASIL (1997). SECRETARIA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Fundamental. Available at: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Accessed 03 Nov 2009.
- CALDAS-COUTHARD, Carmen Rosa (1997). *News as social practice: a study in critical discourse analysis*. Florianópolis: Pós-Graduação em Inglês/UFSC.
- CALSAMIGLIA, Helena; van DIJK, Teun A. (2004). Popularization discourse and knowledge about the genome. *Discourse Studies*, 15(4): 369-389.
- FIORIN, José Luiz (2006). Interdiscursividade e intertextualidade. In: Beth Brait (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, pp. 161-191.
- HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; MATTHIESSEN, Christian M. I. M. (2004). *An introduction to functional grammar*. London: Arnold.
- HENDGES, Graciela Rabuske (2009). Procedimentos e categorias analíticas para o estudo de notícias de popularização da ciência. In: ENCONTRO DO NÚCLEO DE ESTUDOS LINGUAGEM, CULTURA E SOCIEDADE: GT LABLER (MÓDULO II), 2. *Proceedings...* Santa Maria, RS: LABLER/PPGL/UFMS.
- HILGARTNER, Stephen (1990). The dominant view of popularization: conceptual problems, political uses. *Social Studies of Science*, 20(3): 519-539.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (2009). A intertextualidade. In: Koch, I. G. V. *Introdução à lingüística textual*. 2nd ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, pp. 145-157.
- MAINGUENEAU, Dominique (2008). *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez.
- MEURER, José Luiz (2002). Uma dimensão crítica do estudo de gêneros textuais. In: José Luiz Meurer; Désirée Motta-Roth (Eds.). *Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem*. Bauru: EDUSC, pp. 17-29.
- MOTTA-ROTH, Désirée (2005). Questões de metodologia em análise de gêneros. In: Acir Mário Karwoski; Beatriz Gaydeczka; Karim Siebeneicher Brito (Eds.) (2006). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 2nd ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, pp. 145-163.
- MOTTA-ROTH, Désirée (2007). *Análise Crítica de Gêneros com foco em artigos de popularização da ciência*. Research Project PQ/CNPq (n. 301962/2007-3).

MOTTA-ROTH, Désirée (2008). Análise crítica de gêneros: contribuições para o ensino e a pesquisa de linguagem. *D.E.L.T.A.*, 24(2): 341-383.

MOTTA-ROTH, Désirée (2009). A popularização da ciência como processo social: um balanço dos resultados obtidos pelo GT LABLER dentro do projeto PQ/CNPq, n. 301962/2007-3. In: ENCONTRO DO NÚCLEO DE ESTUDOS LINGUAGEM, CULTURA E SOCIEDADE: GT LABLER (MÓDULO IV), 5. *Proceedings...* Santa Maria, RS: LABLER/PPGL/UFSC.

MOTTA-ROTH, Désirée; LOVATO, Cristina dos Santos (2009). Organização retórica do gênero notícia de popularização da ciência: um estudo comparativo entre português e inglês. *Linguagem em (Dis)Curso*, 9(2): 233-271.

MOTTA-ROTH, Désirée; MARCUZZO, Patrícia; NASCIMENTO, Fábio Santiago; SCHERER, Anelise Scotti (2008). Polifonia em notícias de popularização da ciência sob a ótica sistêmico-funcional. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO DE LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL DA AMÉRICA LATINA (ALSFAL), 4. *Proceedings...* Florianópolis: ALSFAL-UFSC, pp. 1-10.

MOTTA-ROTH, Désirée; MARCUZZO, Patrícia. (in press). Ciência na mídia: análise crítica de gênero de notícia de popularização científica. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*.

MYERS, Greg (2003). Discourse studies of scientific popularization: questioning the boundaries. *Discourse Studies*, 5(2): 265-279.

OLIVEIRA, Janaina Minelli de; PAGANO, Adriana Silvina (2006). The research article and the science popularization article: a probabilistic functional grammar perspective on direct discourse representation. *Discourse Studies*, 8(5): 627-646.

APPENDIX

Texts retrieved from <i>BBC News International</i> and <i>Scientific American</i>	
BBC#1	BBC News International. Home birth to ward increases risk. UK, Apr. 2008. Health section. Available at: http://news.bbc.co.uk/2/hi/health/7324555.stm . Accessed 02 Apr. 2008.
BBC#2	BBC News International. HIV 'hides from drugs for years'. UK, Mar. 2008. Health section. Available at: http://news.bbc.co.uk/2/hi/health/7287792.stm . Accessed 02 Apr. 2008.
BBC#3	BBC News International. GM seeds can 'last for 10 years'. UK, Apr. 2008. Science/Nature section. Available at: http://news.bbc.co.uk/2/hi/science/nature/7324654.stm . Accessed 02 Apr. 2008.
BBC#4	BLACK, R. Study finds benefits in GM crops. <i>BBC News International</i> , UK, Jan. 2004. Health section. Available at: http://news.bbc.co.uk/2/hi/science/nature/4046427.stm . Accessed 02 Apr. 2008.
BBC#5	BBC News International. Racial clues in bowel cancer find. UK, Mar. 2008. Health section. Available at: http://news.bbc.co.uk/2/hi/health/7319251.stm . Accessed 02 Apr. 2008.
BBC#6	BBC New International. Brain size 'not key to intellect'. UK, Jun. 2008. Health section. Available at: http://news.bbc.co.uk/2/hi/health/7443534.stm . Accessed 02 Apr. 2008.
BBC#7	BBC News International. Gene 'controls' body fat levels. UK, Sep. 2007. Health section. Available at: http://news.bbc.co.uk/2/hi/health/6977423.stm . Accessed 02 Apr. 2008.
BBC#8	BBC News International. Fat scan shows up 'true' obesity. UK, Mar. 2007. Health section. Available at: http://news.bbc.co.uk/2/hi/health/6483403.stm . Accessed 02 Apr. 2008.
BBC#9	BBC News International. Alzheimer's drugs impact hailed. UK, May 2007. Health section. Available at: http://news.bbc.co.uk/2/hi/health/6655221.stm . Accessed 02 Apr. 2008.
BBC#10	BBC News International. Berries 'help prevent dementia'. UK, Jan. 2006. Health section. Available at: http://news.bbc.co.uk/2/hi/health/4632886.stm . Accessed 02 Apr. 2008.
BBC#11	BBC News International. Light therapy 'can slow dementia'. UK, Jun. 2008. Health section. Available at: http://news.bbc.co.uk/2/hi/health/7445606.stm . Accessed 02 Apr. 2008.
BBC#12	BBC News International. Gene 'links breastfeeding to IQ'. UK, Nov. 2007. Health section. Available at: http://news.bbc.co.uk/2/hi/health/7075511.stm . Accessed 02 Apr. 2008.
BBC#13	BBC News International. Breast milk 'may be allergy key'. UK, Jan. 2008. Health section. Available at: http://news.bbc.co.uk/2/hi/health/7208941.stm . Accessed 02 Apr. 2008.
BBC#14	BBC News International. Toll of teenage drinking revealed. UK, Mar. 2008. UK News section. Available at: http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk_news/england/7317745.stm . Accessed 02 Apr. 2008.
BBC#15	BBC News International. NHS staff dub e-records 'clunky'. UK, May 2008. Health section. Available at: http://news.bbc.co.uk/2/hi/health/7380567.stm . Accessed 02 Apr. 2008.

SCIAM#1	BIELLO, D. When it comes to photosynthesis, plants perform quantum computation. US, Apr. 2007. News section. Available at: http://www.sciam.com/article.cfm?id=when-it-comes-to-photosynthesis-plants-perform-quantum-computation . Accessed 09 Oct. 2009.
SCIAM#2	MINKEL, J. R. Whole lotta shakin' on asteroid Itokawa. US, Apr. 2007. News section. Available at: http://www.sciam.com/article.cfm?id=whole-lotta-shakin-on-ast . Accessed 09 Oct. 2009.
SCIAM#3	BIELLO, D. What is the best way to turn plants into energy? US, May 2009. News section. Available at: http://www.scientificamerican.com/article.cfm?id=bioelectricity-versus-biofuel . Accessed 14 Oct. 2009.
SCIAM#4	JUNCOSA, B. Growing prostate from adult stem cells – but who would want one? US, Oct. 2008. News section. Available at: http://www.scientificamerican.com/article.cfm?id=growing-prostate-glands-from-stem-cells . Accessed 14 Oct. 2009.
SCIAM#5	MINKEL, J. R. Mathematics points the way to a perfect head of beer. US, Apr. 2007. News section. Available at: http://www.sciam.com/article.cfm?id=mathematics-point-the-w . Accessed 14 Oct. 2007.
SCIAM#6	MINKEL, J. R. A tale of two exoplanets: One incredibly hot, the other extremely windy. US, May 2007. News section. Available at: http://www.sciam.com/article.cfm?id=a-tale-of-two-exoplanets-one-incredibly-hot-the-other-extremely-windy . Accessed 09 Oct. 2009.
SCIAM#7	BIELLO, D. Genetically modified crops survive weed-whacking herbicide. US, May 2007. News section. Available at: http://www.sciam.com/article.cfm?id=genetically-modified-crops-survive-weed-whacking-herbicide . Accessed 09 Oct. 2009.
SCIAM#8	SWAMINATHAN, N. Is the out of África theory out? US, Aug. 2007. News section. Available at: http://www.sciam.com/article.cfm?id=genetically-modified-crops-survive-weed-whacking-herbicide . Accessed 09 Oct. 2009.
SCIAM#9	SWAMINATHAN, N. Did sesame street have it right? US, Sep. 2007. News section. Available at: http://www.sciam.com/article.cfm?id=did-sesame-street-have-it-right . Accessed 09 Oct. 2009.
SCIAM#10	SWAMINATHAN, N. That flu you caught? It came from east and southest Asia. US, Apr. 2008. News section. Available at: http://www.scientificamerican.com/article.cfm?id=that-flu-you-caught-it-ca . Accessed 14 Oct. 2009.
SCIAM#11	GREENEMEIER, L. Monkey think, robot do. US, Jan. 2008. News section. Available at: http://www.sciam.com/article.cfm?id=monkey-think-robot-do . Accessed 03 Abr. 2008.
SCIAM#12	STEIN, L. Work it out: more activity = slower aging. US, Jan. 2008. News section. Available at: http://www.scientificamerican.com/article.cfm?id=new-study-links-exercise-to-longevity . Accessed 14 Oct. 2009.
SCIAM#13	MINKEL, J. R. Wireless energy lights bulb from seven feet away. US, Jun. 2007. News section. Available at: http://www.sciam.com/article.cfm?id=wireless-energy-lights-bulb-from-seven-feet-away . Accessed 03 Apr. 2008.
SCIAM#14	SWAMINATHAN, N. Cave speak: did neandertals talk? US, Oct. 2007. News section. Available at: http://www.sciam.com/article.cfm?id=cave-speak-did-neandertal . Accessed 03 Apr. 2008.
SCIAM#15	STEIN, L. Is human growth hormone the key to eternal youth? US, Jan. 2007. News section. Available at: http://www.sciam.com/article.cfm?id=is-human-growth-hormone-t . Accessed 03 Apr. 2008.

O GÊNERO JORNALÍSTICO E O ENSINO: REFLEXÕES SOBRE REPORTAGEM NA MÍDIA IMPRESSA E NO LIVRO DIDÁTICO

Carolina Izabela Dutra de Miranda

Juliana Silva Santos¹

Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo: Este artigo se propõe a discutir o trabalho com os gêneros notícia e reportagem em manuais didáticos no que diz respeito ao caráter híbrido desses textos, quando em situações reais de comunicação. Buscou-se, ainda, verificar possíveis efeitos da apresentação desses gêneros no suporte midiático em relação ao livro didático e ao ensino de tais gêneros. Para tanto, será analisada a abordagem de um livro didático de Língua Portuguesa, que precederá a análise de uma reportagem veiculada na mídia impressa, objetivando a discussão dos recursos linguísticos utilizados na reportagem e notícia e as diferenças entre sua presença nos materiais didáticos e no meio de comunicação escrita.

Abstract: This article proposes to discuss the work of news and reportage genres in teaching materials in relation to the hybrid character of these texts, when in real communicative situations. It also sought to verify possible effects of the presentation of these genres in the media considering the textbook and the teaching of such genres. For this purpose, a Portuguese language textbook's approach will be analyzed, as well as a report conveyed in the print media, in order to discuss the linguistic resources used in news and reportage as well as the differences in teaching materials and in written communication.

1. Este trabalho surgiu a partir das reflexões do seminário realizado em sala de aula, por duas graduandas do curso de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, na disciplina *Estudos temáticos de Linguística do texto e do discurso: Gêneros textuais e produção escrita* ministrada pela Profa. Regina Peret Dell'isola, na Faculdade de Letras / UFMG, no 1º semestre de 2010.

O trabalho com os diferentes gêneros e suportes textuais é proposto como uma tarefa aos educadores de Ensino Fundamental e médio pelos PCN-Língua Portuguesa (1998), seja por meio de atividades complementares ou de livros didáticos, que são trabalhados em sala de aula. Normalmente, estes livros são capazes de abarcar o hibridismo e a fluidez que os gêneros possuem ao tentarmos classificá-los. Assim, Marcuschi (2008) chama a atenção para a importância de observarmos os domínios discursivos em que os textos circulam, uma vez que o lugar de onde se fala é regulador de sentidos e também de objetivos comunicacionais.

Partindo desses pressupostos, optamos por trabalhar os gêneros notícia e reportagem, por serem eles profundamente vinculados à vida social e cultural dos sujeitos, além de um aspecto fundamentalmente plástico no que diz respeito aos conteúdos e às formas como são apresentados pela mídia impressa.

Dessa forma, utilizamos como referência teórica para o conceito de gênero, enquanto categoria discursiva, a definição de Marcuschi (2008), na qual os gêneros seriam realizações linguísticas não estanques quanto à determinação de padrões, ainda que possuam uma forma relativamente estável possibilitando o reconhecimento por parte dos falantes. Partimos ainda da colocação de Marcuschi (2006) em que: “a hibridização é a confluência de dois gêneros e este é o fato mais corriqueiro do dia-a-dia em que passamos de um gênero a outro ou até mesmo inserimos um no outro seja na fala ou na escrita”. (MARCUSCHI, 2006, p.29) Desta forma, entendemos hibridização como uma espécie de heterogeneidade presente em alguns gêneros, que, em alguns casos, é inerente a eles. Portanto, nessa discussão, consideramos hibridização nos gêneros notícia e reportagem, como sendo textos constituídos pela mescla de características de dois ou mais gêneros.

Para a definição do gênero notícia, utilizamos os esclarecimentos contidos em contidos em Cunha (2003), na qual este gênero é visto como

um texto redacional informacional, que visa a fazer saber. Assim, as notícias são consideradas:

[...] textos informativos [que pertencem a] tipo textual narrativo, com verbos no passado e em terceira pessoa, e procuram responder às questões: o quê? quem? quando? onde? No caso das notícias mais desenvolvidas, como as das revistas semanais, as perguntas como? por quê? e daí? também são respondidas, devido ao caráter explicativo dos textos nesse suporte. (CUNHA, 2003, p.170)

A reportagem seria, então, como na definição de LOPES-ROSSI (2008) “... a cobertura detalhada e aprofundada de fatos recentes e de grande repercussão ou de temas que o repórter procura desdobrar em seus aspectos mais importantes.” (LOPES-ROSSI, 2008, p.61). A reportagem difere da notícia em relação ao conteúdo, a extensão e a profundidade; ela será sempre baseada em declarações e opiniões de especialistas no assunto, pessoas envolvidas no fato, material de arquivo consultado pelo jornalista; além de pesquisas, que podem atribuir credibilidade à reportagem. Outra diferença quanto à notícia, seria que na reportagem “... a diagramação da revista divide um texto longo em texto principal e boxes no pé da página e na lateral. Tanto jornais quanto revistas apresentam fotos, ilustrações e informações em boxes e gráficos. (LOPES-ROSSI, 2008, p.61)

Calcando-nos nestas definições, escolhemos para a realização deste trabalho o livro didático “Tudo é linguagem” (2007), referente ao 7º e 9º anos do Ensino Fundamental, visando observar como é o tratamento dado ao ensino da notícia e da reportagem nesses materiais. A escolha deste material didático como objeto de estudo foi motivada por se tratar de uma coleção respeitada e amplamente trabalhada em algumas escolas de Belo Horizonte. Além de tratar-se de uma coleção que, segundo o *Guia de livros Didáticos - PNLD* de Língua Portuguesa (2007), enfoca o trabalho com

gêneros textuais. Nesta avaliação, a coleção “Tudo é linguagem” destaca-se pelo “[...] trabalho orientado, passo a passo, quanto ao planejamento, à observação dos traços característicos do gênero, à elaboração temática e à auto-avaliação.” (PNLD, 2007, p.139).

Na realização deste trabalho, buscamos investigar como se organiza a metodologia de ensino destes gêneros em relação à diferença entre os exemplos utilizados e à forma com que eles são apresentados em livros didáticos. Também buscamos observar a maneira como estes gêneros aparecem veiculados em meios de comunicação escrita e a possível hibridização textual vista em tais incidências. No processo de análise, buscamos verificar teoricamente a notícia/reportagem do jornalista Carlos Antônio Prado, “Culpados! Anna Carolina Jatobá e Alexandre Nardoni ouviram a sentença de condenação à 00h29 do sábado 27. Porque eles mataram Isabella?” A referida sentença foi proferida à 00h29 de sábado, 27 de março de 2010.

Desta forma, nosso objeto de estudo nos propiciará a investigação não somente de um texto com o caráter notadamente híbrido, mas também, o tratamento de um tema polêmico, que por se tratar de um fato que obteve forte repercussão nacional, aponta também para o uso de outros recursos discursivos, que serão trabalhados posteriormente.

I. O material didático e o ensino de gêneros

Verificamos que na unidade 6 do livro didático *Tudo é linguagem* (2007), a abordagem da notícia é feita partindo do conceito calcado na resposta às seis questões fundamentais que caracterizam este gênero, informando a função deste e frisando as suas características imediatas. O livro apresenta também os diversos suportes que sustentam a notícia, com exemplos explorados por meio de questões de interpretação que orientam a leitura e que destacam as características fundamentais do gênero textual em questão.

Nota-se também que este livro didático procura estabelecer a intertextualidade entre os gêneros escritos, orais e outras formas de expressão artística que se assemelham ao gênero trabalhado. Para tanto, selecionam-se os principais aspectos prototípicos do gênero para estimular a produção por parte dos alunos por meio de fragmentos de notícias que contenham esses aspectos e, posteriormente, sugere a produção completa do gênero. Essas propostas sempre partem de um mesmo tema que vai sendo trabalhado ao longo do capítulo para que o aluno se familiarize com ele antes de partir para a produção do próprio texto, o que é feito visando a uma situação real de produção.

Na unidade 7 deste livro didático, é apresentada a reportagem por meio de um exercício mais aprofundado e extenso do que o feito com a notícia. E o trabalho com este gênero é desenvolvido a partir do conceito de notícia. A reportagem é apresentada no suporte jornal e são destacados elementos fundamentais como a manchete, o título, o autor, a foto e a linguagem. Além disso, o conteúdo temático é explorado por meio de questões de interpretação.

Partindo das reportagens trabalhadas, que giram em torno de um mesmo tema, o livro aproveita para explorar outros gêneros que aparecem na reportagem, como o diário (ou relato), o mapa (ou carta geográfica), o quadro-resumo, o relato pessoal e a entrevista, mostrando assim que um gênero pode conter outros, e que é pouco provável que apareça sozinho, ou seja, que a maioria dos gêneros se mostra híbridos.

Nota-se que as autoras do livro didático, a partir da própria configuração da ordem dos capítulos, tratam primeiramente da notícia e posteriormente da reportagem, demonstrando, na apresentação de cada capítulo, características dos gêneros e aspectos que os diferenciam, indicando a existência de uma intertextualidade entre tais gêneros. Nesse sentido, verifica-se que

[...] a intertextualidade é o elemento constituinte e constitutivo do processo de escrita/leitura e compreende as diversas maneiras pelas quais a produção/recepção de um dado texto depende de reconhecimentos de outros textos por parte dos interlocutores, ou seja, dos diversos tipos de relações que um texto mantém com outros textos. (KOCK e ELIAS, 2006, p. 86)

Este procedimento de indicação de características, diferenças e presença de intertextualidade, pode ser visto na abertura do capítulo 7 em relação ao tratamento do gênero reportagem:

A reportagem pode ser considerada a própria essência de um jornal e difere da notícia pelo conteúdo, extensão e profundidade. A notícia, de modo geral, conta o fato e, no máximo, seus efeitos e conseqüências. A reportagem busca mais: partindo da própria notícia, desenvolve uma sequência investigativa que não cabe na notícia. Assim, apura não somente as origens do fato, mas também suas razões e efeitos.” Essa é a definição de reportagem dada no manual de redação e estilo do jornal O Estado de S. Paulo, importante veículo de comunicação escrita. Você já leu alguma reportagem completa? Este será o desafio desta unidade: ler uma reportagem sobre o índio no Brasil de hoje. (BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2007, p.205)

Além disso, as autoras exploram os elementos da notícia fazendo, inclusive, um resumo para mostrar a diferença entre a notícia e a reportagem, dizendo que ambas são relatos de acontecimentos reais e o que as diferencia reside no fato de a reportagem ser mais extensa e profunda.

Ao final da exposição sobre a reportagem no Livro *Tudo é linguagem* (2007) é proposta a produção deste gênero escrito a partir de uma situação real, ou seja, um acontecimento ocorrido na sociedade

e noticiado pelos jornais, fazendo com que o aluno busque dados que servirão de base para o texto.

2. Caindo na real: os gêneros textuais nos meios de comunicação escrita

A notícia/reportagem “Culpados! Anna Carolina Jatobá e Alexandre Nardoni ouviram a sentença de condenação à 00h29 do sábado 27. Porque eles mataram Isabella?” (PRADO, 2010, p. 68 – 74) poderia ser classificada apenas como reportagem, se obedecessem somente aos elementos contidos na definição de Maria Aparecida Garcia Lopes-Rossi (2008). Porém, já no início da matéria, podemos constatar a hibridização do texto, em que é possível observar o fato de o primeiro parágrafo corresponder à estrutura típica do gênero notícia, respondendo a todas as perguntas canônicas - “o quê? quem? quando? onde? como? por quê? e daí?” - propostas por Dionísio (2003), para a estrutura do gênero notícia, como se pode observar neste trecho:

Aos 29 minutos da madrugada do sábado 27, o Juiz Mauricio Fossen, que presidiu o júri do casal Alexandre Nardoni e Anna Carolina Trota Jatobá, anunciou a decisão dos sete jurados que compuseram o conselho de sentença ao longo dos cinco dias de julgamento. Eles foram considerados “culpados” pelo brutal assassinato em São Paulo da Garotinha Isabella, 5 anos, na noite de 29 de março de 2008 – ela era filha de Alexandre e enteada de Anna Carolina. Com voz firme e ritmada, olhando de frente para o casal, o juiz Fossen quantificou a pena: Alexandre foi condenado a 31 anos, um mês e dez dias de prisão e Anna Carolina, aos 26 anos e oito meses. (PRADO, 2010, p.70).

Quanto ao gênero reportagem, podemos nos embasar na teoria formulada por Lopes-Rossi (2008):

O propósito comunicativo da reportagem, segundo os manuais de redação jornalística, é trazer informações atualizadas e detalhadas sobre fatos (acontecimentos), tema ou pessoa de interesse do público-alvo da revista ou jornal. No entanto, muitas vezes a reportagem tem o propósito implícito de formar a opinião de seu público a respeito de determinado assunto, de causar indignação, de ironizar uma situação, de beneficiar ou desqualificar a imagem de uma figura pública[...] (LOPES-ROSSI, 2008, p.61)

No título anunciado na capa da revista *Porque eles mataram - por dentro da mente dos assassinos Alexandre Nardoni e Anna Carolina*, o autor da capa propõe uma tese. Nesta, o jornalista trabalha com a hipótese de que, no texto da reportagem, ele tentará responder a razão pela qual Alexandre Nardoni e Carolina Jatobá mataram Isabella. Há nesse ponto uma sugestão de que a explicação virá de dentro “da mente” dos assassinos, o que indica a tese apresentada pelo jornalista de que o assassinato poderia ser explicado por desvios psicológicos dos réus, como podemos observar:

Nada é mais revoltante, nada incomoda mais, de acordo com especialistas, “deixa as pessoas inseguras” do que um crime bárbaro sem motivo. A ausência de razão, no entanto, é apenas aparente. Em casos algozes como o de Isabella, todos os motivos – ou a falta deles – têm de ser escolhidos no campo da psicologia e da psiquiatria. (PRADO, 2010, p.71)

O autor demonstra, então, que a reportagem não terá somente a intenção de informar um fato e fazer a cobertura da polêmica. Ele propõe uma tese, sobre a qual argumentará ao longo do seu texto, utilizando-se

de vários recursos linguísticos, para provar um ponto de vista do qual quer tentar convencer seus leitores: o casal Nardoni cometeu o assassinato por sofrer de desvios psicológicos.

Segundo Bakhtin, o dialogismo seria: “[...] o princípio constitutivo da linguagem e a condição do sentido do discurso. [Bakhtin] Insiste no fato em que o discurso não é individual.” (BARROS, 1997, p.33-34). O dialogismo não seria individual pelo fato de se construir entre, pelo menos, dois interlocutores, que por sua vez, são seres sociais, e também porque se constrói como “um diálogo entre discursos”, ou seja, mantém relações com outros discursos. Desta forma, o dialogismo define o texto como um “tecido de muitas vozes”, ou de variados textos ou discursos, que se entrecruzam se completam, respondem umas as outras ou polemizam entre si no interior do texto. (BARROS, 1997, p.33-34). De acordo com esta colocação verificamos a presença do dialogismo nesta notícia/reportagem utilizado como forma de argumentação da tese defendida.

Considerando *dialogismo mostrado* como sendo “todas as formas de representação que um discurso dá do outro, explicitamente, por meio de marcas tipográficas ou das formas verbais” (MOIRAND, 1999). Nota-se que Antonio Carlos Prado utilizou-se do dialogismo mostrado ao citar os gritos da multidão após o julgamento, para ratificar a tese proposta na reportagem, como constatamos a seguir:

300 pessoas comemoram a decisão da justiça com rojões e ao som do “Tema da vitória”, música consagrada nas conquistas de Ayrton Senna. Quando as viaturas que transportavam o casal saíram do Fórum em direção à cidade paulista de Tremembé, onde eles cumprirão suas penas, a multidão investiu contra aos carros aos gritos de “condenados, condenados”. Em seguida, passou a clamar por “Cembranelli, Cembranelli”, homenageando assim o professor Francisco Cembranelli que acusou o casal “O júri não é uma ciência exata, mas o resultado mostrou que eu estava certo”, disse ele. (PRADO, 2010, p.71).

Além disso, PRADO (2010) utiliza o *Vox Populi*, a voz da multidão, como forma de confirmar sua tese e *proteger a sua face*, pois cita o que o outro, o povo, fala e não se assume como enunciador de tal opinião. Poderíamos dizer, então, que o autor dessa notícia/reportagem usa a polifonia, como ato de “um sujeito que não está sozinho”, pois ele:

busca outras fontes para seu texto, ainda que inconscientemente, fazendo com que sua produção seja uma representação de outras vozes, além de interagir com seu próprio enunciatário, já que todo texto tem em vista um receptor, real ou imaginário (SILVA, 2004, p.63).

A palavra polifonia “caracteriza um certo tipo de texto, aquele em que o dialogismo se deixa ver, aquele em que são percebidas muitas vozes, por oposição aos textos monofônicos que escondem os diálogos que os constituem”. (BARROS, 1997: p.35). Esse recurso será novamente utilizado no final da reportagem, quando o autor apresenta um quadro de declarações de pessoas da população sobre tal polêmica, intitulado “O que diz o povo”. Esse quadro é constituído de declarações feitas por cidadãos comuns, apresentadas em um conjunto, ratificando a tese defendida pelo autor da culpabilidade dos réus e da explicação psicológica do crime: “Ele matou porque é um monstro, um psicopata”, comenta Lucimeire Gomes Castilho, 45 anos, comerciante (PRADO, 2010, p.74) - “Alexandre matou a filha porque faltava amor”, diz Elisângela Maria de Souza, 28 anos, desempregada (PRADO, 2010, p.74).

A apresentação do quadro, “O que diz o povo” (PRADO, 2010, p.74), também indica a utilização de outro recurso linguístico e textual pelo autor: a relação de declarações, que “é um texto construído por meio de outros discursos, mas sobre os quais o jornalista tem domínio”. (CUNHA, 2003, p.174). A utilização de tal recurso também poderá ser

vista em outras partes da notícia/reportagem, em que o autor apresenta a opinião de uma cidadã comum e posteriormente a de um psiquiatra:

“Eu até preferia que eles fossem inocentes porque ninguém quer imaginar que um pai possa matar a filha.”, dizia na noite de sexta-feira 26, diante do Fórum, a trabalhadora autônoma Desirrée Espin. “Meu Deus, qual será o motivo desse crime?”.[...] Em casos como o dos algozes de Isabella, todos os motivos – ou a falta deles – têm de ser colhidos no campo da psicologia e da psiquiatria. “Tem de haver alguma loucura envolvida nesse episódio. Ninguém atira um criança pela janela sem uma psicopatologia.”, diz um dos mais conceituados psiquiatras forenses da América Latina, Guido Arturo Palomba. (PRADO, 2010, p.71-72).

O uso da polifonia por meio do *dialogismo mostrado* poderá ser novamente observado em um trecho, no qual o autor se utiliza da polifonia como argumento de autoridade, ou seja, cita a fala do promotor Francisco Cembranelli. Ao fazer tal citação Antonio Carlos Pardo “visa fazer admitir uma idéia ou tese remetendo-a a um autor, digno de fé e com autoridade reconhecida no assunto. Ao fazê-lo, aumentamos a credibilidade de nosso próprio” (EMEDIATO, 2004, p.37). Tal recurso poderá ser verificado no trecho: “[...] em seguida, [a multidão] passou a clamar por “Cembranelli, Cembranelli”, homenageando assim o professor Francisco Cembranelli que acusou o casal “O júri não é uma ciência exata, mas o resultado mostrou que eu estava certo”, disse ele.”(PRADO, 2010, p.71). O trabalho com o dialogismo mostrado, e o argumento de autoridade, poderá ser encontrado em todo o texto, como forma de reafirmação da tese e do ponto de vista do autor em citações de psicólogos e especialistas, como podemos observar:

Da parte de Alexandre há uma certa frieza. Já Anna Carolina me parece instável e impulsiva. Isabella foi jogada pela janela como simulação de numa morte accidental e isso pode revelar traços psicopáticos. Mas discordo do diagnóstico de epilepsia condutopática, diz o psiquiatra forense e professor da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, José Taborda. (PRADO, 2010, p.7).

Como forma de desenvolver os argumentos a favor de sua teoria sobre a causa do assassinato, o autor recorre também ao dialogismo constitutivo, “modo de construção dos discursos por meio da incorporação de outros sobre o mesmo objeto, podendo ou não ser percebido como tal pelo sujeito falante e pelo receptor” (MOIRAND, 1999). A presença de tal recurso é percebida quando o autor indica detalhes do procedimento do caso judicial, citando doenças e teorias da psicologia sem fazer referência direta à fonte ou aos psicólogos que fundamentaram tais termos, como se pode ver:

Ana Carolina e Alexandre não se submeteram a nenhuma avaliação psiquiátrica após a morte de Isabela (passaram apenas pelo exame toxicológico no instituto médico Legal de São Paulo), até porque os advogados de defesa jamais seguiram a linha de que os réus poderiam ser portadores de distúrbios mentais (doença) ou transtornos de personalidade (característica mais comportamental). A rigor, quando a população fica justificadamente indignada como se viu ao longo da semana, pontualmente na porta do Fórum de Santana, e de forma mais pulverizada, durante os últimos 24 meses em todo o Brasil, o que ela busca é uma explicação e uma motivação para o crime. (PRADO, 2010, p.71)

Nesse mesmo trecho, podemos observar novamente a utilização do *Vox Populi* por meio da polifonia em que o texto deflagra a indignação com

o caso e propõe a questão que orientará o desenvolvimento da tese: uma busca possível para a explicação do crime. Ao utilizar por todo o texto a terceira pessoa do singular e do plural, tentando despersonalizar o seu texto e *proteger a sua face*, Antonio Carlos Prado não somente reafirma a sua opinião pela voz do outro, mas também recorre à dramatização, por meio da expressão da comoção popular. Esse procedimento acontece quando ele cita elementos que constituem o imaginário do sentimental nacional, como a figura de Ayrton Senna e a música tema de suas vitórias: “300 pessoas comemoram a decisão da justiça com rojões e ao som do ‘Tema da vitória’, música consagrada nas conquistas de Ayrton Senna”. (PRADO, 2010, p.71). E também, na descrição dramatizada do julgamento, o texto visa ser impessoal, mas demonstra claramente a percepção do autor:

Um silêncio sepulcral tomou conta da sala enquanto Fossen lia a sentença. Alexandre e Anna estavam algemados e, em alguns momentos, ele mordeu os lábios e levou as mãos aos olhos e ao nariz. Ela permaneceu impassível. Só choraram à 0h40 quando a sentença foi concluída, selando os seus destinos. (PRADO, 2010, p.70)

Desta forma, quando o autor faz uso de recursos discursivos e textuais em seu texto, ele demonstra que, além de compor um texto híbrido, por se adequar aos elementos do gênero notícia e reportagem, sua matéria ainda dialoga com outros gêneros textuais, como por exemplo, o artigo de opinião. Sugerimos esta relação estabelecida entre os gêneros, pois além de tentar convencer o leitor de um ponto de vista, o autor da reportagem ainda apresenta a própria opinião, utilizando o dialogismo e a polifonia, para tornar seu texto mais confiável e convincente.

Além disso, há outros elementos que constituem parte da configuração híbrida da reportagem, como o quadro “outros casos chocantes”, presente na reportagem, que demonstra diversos crimes que provocaram comoção

nacional. Ainda diagrama da reportagem, os quadros que aparecem abaixo do texto, intitulado “Por dentro do julgamento”, visa a narrar os acontecimentos de cada um dos dias do julgamento, demonstrando uma tentativa de expor informações de maneira impessoal ao leitor, mas que contribuem ainda mais para a confirmação da tese e da opinião do autor desse texto.

3. Conclusão

A partir da análise dos capítulos do livro didático *Tudo é linguagem* (2007), que trabalham com a notícia e a reportagem, e da análise do aspecto textual híbrido e dos recursos, textuais e linguísticos, da matéria jornalística publicada na Revista *Isto É* (2010), propusemos a problematização do trabalho com livros didáticos quanto à diversidade dos gêneros possivelmente trabalhados em sala de aula. Objetivamos portanto, demonstrar por meio da análise da matéria jornalística, a distinção que, possivelmente, pode ocorrer entre a estrutura uniforme dos gêneros apresentados em sala de aula e a estrutura híbrida dos gêneros presentes nos meios de comunicação.

Considerando que “Os gêneros sempre estiveram presentes em sala de aula, mas em número reduzido e não diversificado, e sempre revestidos de caráter institucionalmente escolar” (PEREIRA e PINTO, 2005, p.62). Constatamos que o livro analisado *Tudo é linguagem* (2007), apresenta o gênero reportagem sendo desenvolvido a partir do gênero notícia, indicando, assim, uma assimilação entre as características destes gêneros e a forma como poderiam ser vistos em meios de comunicação fora dos materiais voltados para o ensino. Apesar disso, este material didático ainda não deixa de se enquadrar no espaço particularizado do trabalho com gêneros em sala de aula:

A particularidade da situação escolar reside no seguinte fato que torna a realidade bastante complexa: há um desdobramento que se opera em que o gênero não é mais instrumento de comunicação somente, mas é, ao mesmo tempo, objeto de ensino-aprendizagem. O aluno encontra-se, necessariamente, num espaço do “como se”, em que o gênero funda uma prática de linguagem que é, necessariamente, em parte, fictícia, uma vez que é instaurada com fins de aprendizagem. (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004, p.76)

Nota-se então que o livro didático *Tudo é linguagem* (2007) objetiva trabalhar estes gêneros jornalísticos tentando dialogar com as ocorrências reais destes gêneros nos meios de comunicação, mostrando os aspectos que se relacionam na estrutura e na constituição de cada um. No entanto, sabemos que a diversidade de formas, construções e visões presentes em um gênero textual, ainda mais quando se apresenta em um texto híbrido, como a matéria jornalística analisada, é praticamente impossível de ser totalmente englobado e explorado pelos manuais didáticos. Lembrando-se de que:

O gênero sofre uma transformação ao ser transportado para um outro lugar social diferente de onde foi criado. Essa transformação faz com que perca seu sentido original, e passe a ser “gênero a aprender, embora permaneça gênero a comunicar” (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004, p.81). Os alunos precisam ser expostos a situações de comunicação que se aproximem das genuínas situações de referência, que lhes sejam significativas, para que eles possam dominá-las, mesmo sabendo que os objetos são outros. (PEREIRA e PINTO, 2005, p.66)

Calcamos-nos nesta perspectiva para constatar que por mais aberta e flexível que seja a abordagem encontrada no material didático analisado,

o aluno participante do trabalho com gêneros no ambiente escolar sempre estará exposto a situações de comunicação real, por meio dos gêneros, como a reportagem/notícia da Revista *Isto É* (PRADO, 2010, p 68-74), que não se ajustarão aos conceitos e definições ensinadas nas aulas de língua portuguesa.

Desta forma, como meio de atenuar este contraste entre o ensino de gêneros e suas ocorrências reais nos meios de comunicação, propomos que, como modo de complementação ao trabalho com gêneros contido no livro didático, o professor de língua portuguesa leve para a sala os diversos gêneros em seu suporte original, trabalhando, assim, a forma como eles são veiculados na sociedade, como no caso do jornal e da revista com notícias e reportagens. Assim, esta seria uma das opções de praticas que o educador poderia utilizar para tentar aproximar o aluno de situações de produção de gêneros textuais. Esta metodologia não limitaria as concepções e aspectos dos gêneros para o aluno somente no contexto de atividades e avaliações em sala de aula, mas seria também uma possibilidade de prepará-lo para as situações reais de comunicação e de produção por meio dos gêneros textuais.

Referências bibliográficas

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. (1997). Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. In: BRAIT, Beth.(org.). *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. São Paulo: UNICAMP, p.385.
- BORGATTO, Ana; BERTIN, Terezina; MARCHEZI, Vera. (2007). *Tudo é linguagem*. 7º ano do Ensino Fundamental/ 6ª série. Ática, 1ª ed..
- BORGATTO, Ana; BERTIN, Terezina; MARCHEZI, Vera. (2007). *Tudo é linguagem*. 9º ano do Ensino Fundamental/ 8ª série. Ática, 1ª ed.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Guia de livros didáticos PNLD 2008 - Língua Portuguesa / Ministério da Educação*. Brasília : MEC, 2007. 148 p.

- BRASIL.(1998) *Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental – Língua Portuguesa*. V.2. Secretaria do Estado de Educação Fundamental. Brasília: MEC-SEF.
- CUNHA, Dóris Arruda Carneiro da. (2003). O funcionamento dialógico em notícias e artigos de opinião. In: DIONISIO, Angela; BEZERRA, Maria Auxiliadora; MACHADO, Anna Rachel (Orgs.). (2003) *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 3ª ed.
- DIONISIO, Angela; BEZERRA, Maria Auxiliadora; MACHADO, Anna Rachel (Orgs.). (2003) *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 3ª ed.
- EMEDIATO, Wander. (2004) Tipologia de argumentos. In: *A fórmula do texto: Redação, argumentação e leitura: técnicas inéditas de redação para alunos de graduação e ensino médio*. São Paulo: Gradação Editorial.
- LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia.(2008) Práticas de leitura de gêneros discursivos: A reportagem como proposta. In: PETRONI, Maria Rosa. *Gêneros do discurso, leitura e escrita: experiências de sala de aula*. São Carlos: Pedro & João Editores, p.138.
- MARCUSCHI, L. A. (2006) Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S (Orgs.). *Gêneros textuais: reflexão e ensino*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. (2008) *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola.
- MOIRAND, S.(1999). *Les indices dialogues de contextualisation dans la presse ordinaire- cahiers de praxématique*. p. 145-183.
- PEREIRA, Regina Celi Mendes; PINTO, Abuêndia Padilha.(2005) *Gêneros textuais e letramento: Uma abordagem sociointeracionista da produção escrita de 1ª e 2ª séries*. Tese – CEDOC- FAE.p.436.
- PRADO, Antonio Carlos.(2010) *Culpados! Anna Carolina Jatobá e Alexandre Nardoni ouviram a sentença de condenação á 00h29 do sábado 27. Porque eles mataram Isabella? Revista Isto É*.Ano 34, nº 2107, 31 mar. SP: Ed. Três. p. 68 - 74.
- SCHNEWLY, Bernard, DOLZ, Joaquim & NOVERRAZ, Michelle.(2004) Sequências didáticas para o oral e a escrita: Apresentação de um procedimento. In: ROJO, Roxane; CORDEIRO, Gláís Sales. *Gêneros orais e escritos na escola*. (Tard.e Orgs.) São Paulo: Mercado de Letras, p.71-91.
- SILVA, Rosilene.(2004) *Argumentação e discurso mobilizante. Estratégias de uma empresa de vendas em rede*. BH: Editora c/arte.

VERBAL AND MENTAL PROCESSES IN SCIENCE POPULARIZATION NEWS

Eliseu Alves da Silva¹

Universidade Federal de Santa Maria

Abstract: The aim of this work is to identify the way different enunciative standpoints are signaled in exemplars of the science popularization news genre (SPN) by a quantitative analysis of the occurrences of mental and verbal processes, which show the verbal actions and reactions of the actors involved in the science popularization process. The results indicate more occurrences of mental processes in the initial parts of the text to introduce the study, while verbal processes are more concentrated in the final parts of the text, when the enunciative standpoints are called upon to explain research results and indicate their relevance to society.

Resumo: O objetivo deste trabalho é identificar o modo como as diferentes posições enunciativas são sinalizadas em 30 textos do gênero notícia de popularização da ciência (PC) por meio da verificação quantitativa da ocorrência de processos mentais e verbais, os quais evidenciam ações e reações verbais dos atores envolvidos no processo de popularização da ciência. Os resultados indicam maior ocorrência de processos mentais nas porções iniciais do texto, para apresentar o estudo, enquanto os processos verbais estão mais concentrados nas porções finais, quando as posições enunciativas são chamadas a explicar os resultados da pesquisa e apontar a relevância destes para a sociedade.

1. English Major (7th semester) at the Federal University of Santa Maria. E-mail: zezeu025@yahoo.com.br. This paper is part of the research project *Análise crítica de gêneros com foco em artigos de popularização da ciência* (PQ/CNPq grant, process n. 301962/2007-3), developed at *Laboratório de Pesquisa e Ensino de Leitura e Redação* (LABLER). The study was developed in the course *LTE1018 Elaboração de Trabalho Final de Graduação de Literatura e Língua Inglesa I*, taught by the project coordinator and adviser of this study Désirée Motta-Roth, during the first semester of 2010. The writing of this paper was co-advised by Patrícia Marcuzzo, doctoral student at *Programa de Pós-graduação em Letras da UFSM* (CAPES grant).

Contextualization

This paper is part of an umbrella project entitled *Análise crítica de gêneros com foco em artigos de popularização da ciência* (Motta-Roth, 2007), which aims at analyzing the science popularization news genre (SPN) in terms of its rhetorical structure and lexicogrammatical elements, such as “textual organization in moves and steps (cf. SWALES, 1990), use of metaphorical expressions to represent ideational content (cf. Halliday; Mathiessen, 2004) and degrees of modality to indicate levels of authority and involvement of writers (cf. Myers, 1990)” (Motta-Roth, 2007: 15). In this paper, SPN is defined according to Moreira & Motta-Roth (2008: 4) as

[...] um conjunto de manchete, lide, o evento principal, nesse caso, a realização de uma nova pesquisa, contexto, eventos prévios, expectativas e avaliação do significado e relevância da pesquisa para a vida do leitor.

The present paper is related to the second phase of the umbrella project which is concentrated on the semantic-discursive interpretation of the linguistic exponents of the text, such as rhetoric organization and degrees of lexical complexity. In that respect, the present paper is associated to a subproject that aims at investigating in what extent SPN promotes debates about scientific findings by analyzing the enunciative standpoints identified in those texts (Marcuzzo, 2010:10). The term enunciative standpoints adopted in this paper is based on Beacco et al (2002) and Moirand (2003). The concept of enunciative standpoints can be explained as

o lugar de onde o autor fala, definido pela sua visão de mundo, seus sentidos e valores. As enunciações são orientadas por um

horizonte sócio-conceitual definido e estabelecido, que permite fazer determinada leitura do mundo e assim direcionar o que pode ser dito e como pode ser dito (Martins et al. (2007) a partir de Bakhtin (1986)).

The objective of the present paper is to verify the way different enunciative standpoints are signaled in SPN genre, by quantifying the occurrences of the lexicogrammatical elements in Systemic-Functional Grammar (SFG) terms, such as mental and verbal processes.

I. Literature review

1.1 Science popularization process

According to Calsamiglia and Van Dijk (2004:371), popularization can be defined as a social process involving different genres of communicative events, such as books and internet, in order to disseminate scientific knowledge to general society. The authors point out that the process of science popularization “involves the transformation of specialized knowledge into ‘everyday’ knowledge, as well as a recontextualization of scientific discourse” (Calsamiglia; Van Dijk, 2004:370). Recontextualization is explained by Motta-Roth (2009: 181), based on Bernstein (1996:90-91), as the way specialized knowledge is transferred from its primary context to a secondary context, involving the relocation of the discourse. It means saying that the information of a research paper, for instance, needs to be rewritten in such way that it allows readers to interpret and add it to their everyday knowledge (Calsamiglia; Van Dijk, 2004:370). In this sense, the process of science popularization concerns not only the democratization of the access of society to material and symbolic goods but also its empowerment by taking part in the discussions about science, avoiding the dissemination of dogmatic or false beliefs (Germano, 2005:5).

The access of non-specialized audiences to scientific knowledge is made by texts about science, produced by scientists or journalists, addressed to non-specialized audiences (Myers, 2003:265). For example:

An article in *Cell* does not belong to that field, but when the same author writes it up in *Scientific American*, or a science journalist reports it in *The Times*, or when a television documentary shows the scientist walking across a leafy campus, the same material becomes popularization (Myers, 2003:265).

Earlier, researchers understood the process of popularizing science as a simplification of the “genuine” scientific knowledge produced by specialists to the public made by journalists (Hilgartner, 1990:519). In other words, scientists are responsible for deciding what kind of knowledge is considered scientific (pure) and journalists merely “translate” this knowledge in a more “simplified way”. This “dominant view” of popularization served for reinforcing the authority of scientists (and institutions) (Myers, 2003:266) and imposing a discursive hierarchy in which scientists can manage scientific versions according to their own interests (Hilgartner, 1990:520).

Nowadays, a contemporary model of science popularization adopts the concept of enunciative standpoints (Beacco et al, 2002:277; Moirand, 2003:177) by adding different discourses of different sectors of society in the discussion of the validity of scientific findings. In this sense, the contemporary view of popularization can be seen as a terrain in which competing different discourses and practices problematize and promote discussions about science and authority (Myers, 2003:267). This current model conceives science popularization as a “circular process” (Moirand, 2003:197), not a linear one. In contrast to the model pointed out by Hilgartner (1990: 583), now policy-makers, technical practitioners, historians, sociologists and public are not behind the scientist, but they are participating in the process of popularization.

Moirand (2003:197) illustrates the new model of science popularization as a “dynamic communication circuit”. In this communicative scheme, journalists still occupy the position of mediator, as in the traditional model, but “his/her role slips towards that of ‘mobiliser’ (Sicard, 1998), more in keeping with the demands of the citizens of the world’s modern democracies” (Moirand, 2003:197).

1.2 Enunciative standpoints in SPN genre

Two articles published in *Discourse Studies* about science popularization texts have identified the emergence of different enunciative standpoints that are called to explain or comment aspects about the scientific findings. In the first one, Calsamiglia and Ferrero (2003:170), in their study about the diffusion of the case of “mad cows” in six different Spanish newspapers, point out that “multiple voices” are called to discuss the issue reported in the news from different perspectives; in the second one, Beacco et al (2002: 280), analyzing new channels of communication in science popularization texts, indicate that beyond the voice of the scientist other enunciative standpoints get voice in the text, such as the witness, the expert, the politician and the citizen. These studies can contribute to emphasize the role these new actors play in the process of popularizing science as elements to legitimate scientific knowledge and explicit different points of view of the issue reported.

Results of the presence of different enunciative standpoints in 30 SPNs from the *corpus* of the larger project are related to the rhetorical organization of the SPN genre (Motta-Roth; Lovato, 2009). The analysis have identified six rhetorical moves (Move 1 – LEAD/Popularized Research Conclusions, Move 2 – Presenting the New Research, Move 3 – Referring to Background knowledge (contextualization), Move 4 – Describing the Methodology, Move 5 – Explaining the Popularized Research Results

and Move 6 – Indicating the Popularized Research Conclusions) and two recursive elements (A – Elaborating Comments and Narratives and B – Explaining Principles and Concepts) along with the text (Motta-Roth; Lovato, 2009:245-246). The enunciative standpoints are associated to the recursive element “A”. This aspect is explored in other analyses (Marcuzzo; Motta-Roth, 2008; Prates et al., 2008; Motta-Roth et al., 2008), that have identified a popularization practice characterized by five enunciative standpoints: 1) researcher, the person that accomplished the study that is being popularized; 2) colleague/technician/institution, responsible for establishing parameters of acceptability for the scientific activity developed by his/her researcher-colleague and institution associated to scientific activity; 3) government, the instance that is responsible to implement public policies for science and technology; 4) public, the readership and consumer of PC news and will support (or not) the public policies and the scientific activities and; 5) journalist, the author of the text, who recontextualizes the scientific knowledge developed in the academy. Evidence of the enunciative standpoint of the researcher was found in all 30 texts analyzed, the colleague standpoint was identified in 24, the government standpoint was found in eight texts and the public standpoint, in just two texts (Motta-Roth; Marcuzzo, 2010:525-526).

1.3 Mental and verbal processes

According to Halliday (1994:106), the “experiential” meanings (ideational) are represented by different processes types organized in the transitivity system. The transitivity system is composed by three main types of process: material, mental and relational; and other three types of processes that are on the borderlines of these main processes and share some features of them (Halliday, 1994:107): behavioral, verbal and experiential processes.

According to Halliday (1985, 1994) and Halliday and Mathiessen (2004), mental and verbal processes represent thinking and speaking actions, respectively. Mental processes are processes of feeling, thinking and seeing (Halliday, 1994:117) and, as they perform cognitive actions, these processes require a participant who is human (and therefore rational) (Halliday, 1994:114), the Senser, the one that feels, thinks, wants or perceives (Halliday; Mathiessen, 2004:201). The Senser is the participant that is linguistically represented as he or she, and not it (Halliday; Mathiessen, 2004:201), because “the significant feature of such participant is that of being ‘endowed with consciousness’” (Halliday, 1994:114). The other participant of this kind of process is called Phenomenon, that is, what is felt, thought, wanted and perceived by the Senser (Halliday, 1994:115). This second participant can be a person, a creature, an institution, an object, a substance or an abstraction (Halliday; Mathiessen, 2004:203) (Example 1).

<i>They [scientists]</i>	<i>believe</i>	<i>HIV may be harboured by CD4+ cells [...]</i>
Senser	Mental Process	Phenomenon

Example 1 - Mental processes (example retrieved from BBC#2).

The other kind of process is verbal - processes of saying, considering the idea of saying as any kind of symbolic exchange of meaning (Halliday, 1994:140). The author points out that verbal processes, in contrast to mental processes, do not require a conscious participant because the Sayer can be any entity (Halliday, 1994:140), such as people or institutions. In addition, there are two other participants that are obligatory in verbal clauses: the receiver - the one to whom the saying is addressed and the verbiage - the function that corresponds to what is said (Halliday, 1994:141). In addition, verbal processes can project clauses (Halliday; Mathiessen, 2004: 253), that

is, quotes and reports grammatically represented respectively by parataxis (quoting) (Example 2) and hypotaxis (reporting) (Example 3).

<i>Dr Gillian Braunold, clinical director of the Summary Care Record and HealthSpace Programme,</i>	<i>added:</i>	<i>"The report offers the programme the foundations on which to base the necessary planning for improvement in design and implementation."</i>
Sayer	Verbal process	Verbiage

Example 2 – Parataxis in verbal clauses (example retrieved from BBC# 15)

<i>Neurology</i>	<i>says</i>	<i>that post-mortem tests on 24 patients found a 70% fall of a protein linked to dementia in those who had taken cholinesterase inhibitors.</i>
Sayer	Verbal process	Verbiage

Example 3 – Hypotaxis in verbal clauses (example retrieved from BBC#9).

The following section describes the methodology adopted to develop the analysis reported in this paper.

2. Methodology

The *corpus* of this paper is composed by 30 SPN from the on-line publications *BBC International News* and *Scientific American* (see Appendix I). The texts were collected based on the following criteria (Motta-Roth, 2007):

- a) autoidentificação da mídia como de PC (público-alvo de não especialistas, por exemplo);

- b) disponíveis na mídia eletrônica, gratuitos e acessíveis *on-line*;
- c) escritos em língua inglesa;
- d) publicados entre 2004 e 2008; e
- e) relacionados à saúde, meio ambiente e tecnologia (devido à falta de textos sobre letramento), conforme temas transversais dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (Brasil, 1997).

In order to quantify the occurrences of verbal and mental processes in the *corpus*, the texts were verified by *WordSmith Tools 5*. This program, projected by Mike Scott [<http://www.lexically.net/wordsmith/>], is an electronic suite for text processing that quantifies the frequency of words (Sardinha, 1999). The program includes three tools for corpus analysis, but for the analysis reported in the present paper only the *Concord* tool was applied to generate *concordances*, that is, lists of the occurrences of a word in a text (Sardinha, 1999).

The analysis consisted of quantitative and qualitative procedures. In the quantitative analysis, based on the verbal and mental processes previously identified by Marcuzzo (2009) and Motta-Roth and Marcuzzo (2010), these processes were submitted to the *Concord tool* in order to generate frequency profiles (*Concordances*). These concordances were analyzed in order to quantify the occurrence of each process in the *corpus*. The qualitative analysis refers to interpretation of the data obtained in quantitative analysis in order to identify the linguistic features that signaled verbal actions and reactions of the enunciative standpoints.

The following section explains the results obtained in the quantitative analysis and how these results confirm previous outcomes of the umbrella project.

3. Results

The quantitative results confirm previous outcomes of the qualitative analysis (Marcuzzo, 2009; Motta-Roth; Marcuzzo, 2010). Table 3 presents the frequency of verbal and mental processes identified with the *Concord tool* application.

Table 1 Representation of the frequency of verbal and mental processes in the *corpus*

Verbal processes	Frequency	Mental processes	Frequency
Say	162	find	48
Suggest	13	believe	6
Report	10	conclude	4
Note	10	speculate	3
Show	10	admit	1
Explain	9	concede	1
Add	9	estimate	1
Warn	5		
Announce	3		
Predict	2		
point to	2		
Stress	2		
Agree	2		
Reveal	1		
Argue	1		
Promise	1		
Recommend	1		
make claim	1		
Total	244	Total	64

The data presented in Table 3 clearly shows that the occurrence of verbal processes is more expressive than that of the mental processes.

This substantially higher occurrence can be justified by the function of verbal processes to the construction of narrative passages in texts (Halliday; Mathiessen, 2004:252). According to Halliday and Mathiessen (2004:252), “in news reporting, ‘verbal’ clauses allow the reporter to attribute information to sources, including officials, experts and eye witnesses”.

Other results of the quantitative analysis which confirm the previous qualitative ones were obtained by applying the instrument of analysis called ‘plot’, from the *Concord* tool. It showed that mental processes are distributed more frequently in the initial sections of the text and verbal processes are distributed in the final parts of the text. Figure 1 presents the occurrence of mental processes distributed in the initial sections of the texts of the *corpus*; and Figure 2, the occurrences of verbal processes in the final sections of the texts. Each vertical bar (in the column *plot*) corresponds to one occurrence of mental (Figure 1) and verbal (Figure 2) processes along each text (discriminated in the column *file*), numbered in the column *N*.

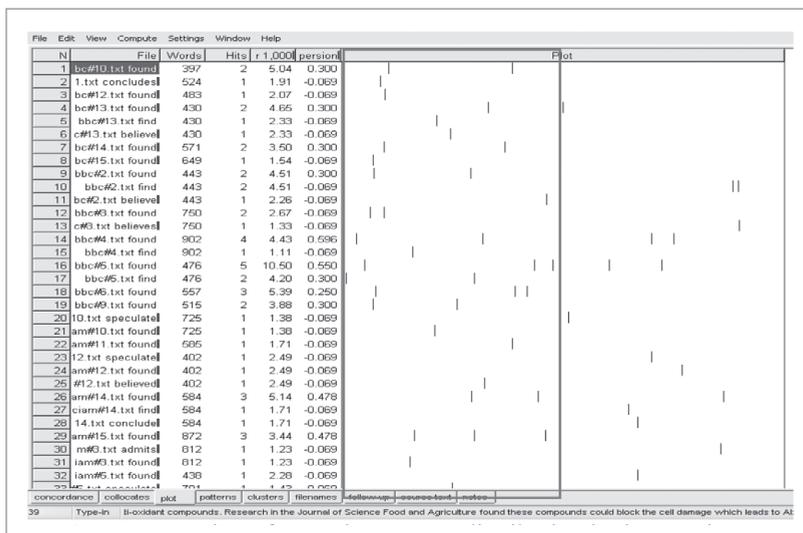


Figure 1 Representation of mental processes distribution in the opening parts of the texts

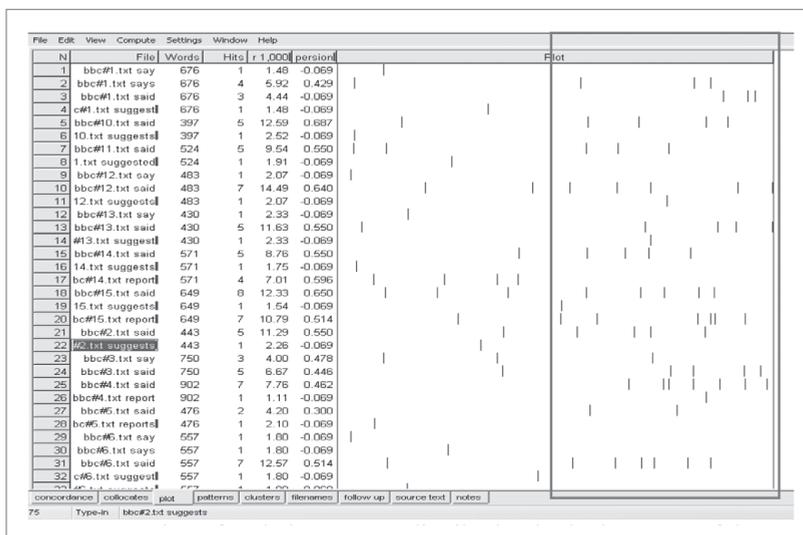


Figure 2 Representation of verbal processes distribution in the last parts of the texts

The concentration of mental processes and verbal processes in the parts of the text shown in Figures 1 and 2 can be related to two functions of these processes in SPN:

1) to introduce the study in the opening moves of the text (Figure 1), they are characterized by different degrees of modalization using mental processes (Nascimento, 2008);

Example 4:

SCIAM#9 - *Scientists previously believed that the strength of neuron connections in the brainstem was fixed, but the new findings suggest otherwise*

It is interesting to note that the mental processes, as the one exemplified in Example 4, belong to cognitive sub-type of sensing

(Halliday; Mathiessen, 2004, p. 210). This sub-type of processes expresses actions of thought and knowledge and contributes to construe experiences of meaning (opinions, commentaries and impressions) that represent the individual knowledge of each participant involved in the discussion. In Example 4, the adverbial group *previously* associated to the mental process *believe* functions as a feature of degree of certainty, that is, the expression *previously believed*, in the first clause, indicates to readers that studies in the field at that point are based on the idea *that the strength of neuron connections in the brainstem was fixed*. In this sense, the first clause presents less certainty than the third clause, when the use of the process *suggest* indicates that the study reported obtained different outcomes in comparison to the previous one (*new findings suggest otherwise*).

2) to explain the results and indicate the conclusions of the study in the final moves (Figure 2), they present different degrees of assertiveness indicated by verbal processes.

Example 5:

BBC#2 – *The researchers said that even though levels of the virus that remain are low, they are high enough to rekindle infection if treatment is interrupted.*

In Example 5, the process *said* introduces an assertive clause that explains the results obtained. The enunciative standpoint of the researcher, represented as a group (*researchers*), is called to explain specific outcomes by pointing out the range of the data (*the levels of the virus that remain are low*) and indicating, despite the short range of the data (*even though*), the significance of this result (*they are high enough to rekindle infection*), considering a conditional circumstance (*if the treatment is interrupted*).

The results presented in Figures 1 and 2 help to validate previous research by graphically representing the occurrence of mental and verbal processes in order to demonstrate their function in each section of the text: 1) to introduce the study and present knowledge established in the field (mental processes) and 2) to explain the significance of the results (verbal processes). Figure 1 shows mental processes more concentrated in the opening parts of the text. The occurrences of these processes in this part of the text is associated with the organization of the first part of the SPN (Motta-Roth; Marcuzzo, 2008:6) to present a description of the study. In this sense, mental processes introduce the study by summarizing main results and relating current and previous findings in the field.

Example 6:

BBC#15 – The initial experience of electronic patient records is of “clunky” and “immature” technology, *a study finds*.

Example 7:

SCIAM#8 – All the ancestors of contemporary Europeans apparently did not migrate out of Africa *as previously believed*. According to a new analysis of more than 5,000 teeth from long-perished members of the genus *Homo* and the closely related *Australopithecus*, many early settlers hailed from Asia.

BBC#15 offers a synthetic version of the results and emphasizes the final conclusions (“clunky” and “immature” technology) of the study reported. The enunciative standpoint of the researcher is represented by a metonymy of the researcher by its work (*a study*) and the mental process *find* introduces in the clause an idea of “permanent truth” (Assis Brasil et al., 2008, Motta-Roth; Lovato, 2009:249). In SCIAM#8, the new study is introduced in the second clause, by pointing out methodological procedure (*analysis*), size of the sample (*more than 5,000 teeth*) and current outcome (*early settlers hailed from Asia*). The first clause suggests

a gap in previous studies (*apparently did not migrate out of Africa*), by associating the adverbial group *previously* to the mental process *believed* and referring to a scientist's belief in relation to the issue discussed (Motta-Roth; Lovato, 2009:255). The relation established between the clauses offer information that help readers to contextualize previous and current outcomes in the field.

In Figure 2, we can observe a greater concentration of verbal processes in the second part of the text when different enunciative standpoints are called to explain results and indicate conclusions of the new findings. According to Motta-Roth and Marcuzzo (2008:6), in order to validate the outcomes, the journalist presents different points of view of different sectors of society that have some kind of relation to the topic discussed, that can be in agreement or in opposition to the results of the study. The following examples show how the enunciative standpoints of researcher, colleague, government and public are linguistically signaled in SPN in order to explain and indicate the conclusions of the study.

Example 8:

SCIAM#15 - "Growth hormone should not be used for anti-aging purposes," says *Hau Liu*, a research fellow in endocrinology and health policy at Stanford University and author of the new study appearing in the January 16 issue of the *Annals of Internal Medicine*. (voice of the researcher)

Example 9:

SCIAM#9 - *Jonathan Burdette*, an associate professor of neurocardiology at Wake Forest University Medical Center, who studied the cortical effects of music training on orchestra conductors, notes that aneddocktally, many of the smarter children in school are students who play music. (voice of the colleague)

Example 10:

BBC#14 – *A Department of Health spokesperson said: “Tackling the culture of harmful and binge drinking is a priority for Government and we are working with the alcohol industry and other stakeholders to implement a comprehensive strategy to tackle it. (voice of the government)*

Example 11:

BBC#3 – *Campaign groups say the proposals are too weak, notably that farmers would not be liable for environmental impacts of the crops they grow. (voice of the public)*

In SCIAM#15 and SCIAM#9, the verbal processes *says* and *notes* function as linguistic markers of opinions and commentaries adding by the enunciative standpoints of the researcher and the colleague, respectively. The enunciative standpoints are signaled by their credentials (*Hau Liu, a research fellow in endocrinology and health policy at Stanford University; Jonathan Burdette, an associate professor of neurocardiology at Wake Forest University Medical Center*) and their scientific activity (*author of the new study appearing in the January 16 issue of the Annals of Internal Medicine; who studied the cortical effects of music training on orchestra conductors*). In BBC#14, the process *said* points out the compromise of the government (*is a priority for Government*) to propose a solution (*to implement a comprehensive strategy*) for the problem discussed in the study. The enunciative standpoint of the government is represented by a representative of the health governmental institution (*A Department of Health spokesperson*). BBC#3 shows the enunciative standpoint of the public, nominated as a group (*Campaign groups*), in which the verbal process *say* introduces a commentary about the issue reported.

4. Final considerations

The quantitative analysis presented in this paper corroborates the outcomes obtained by Marcuzzo and Motta-Roth (2008), Motta-Roth (2009), Motta-Roth et al. (in press) and Motta-Roth and Marcuzzo (2010). The occurrences of mental and verbal processes in the opening and final parts of the text can be related to the function of the rhetorical organization of the SPN (Motta-Roth; Lovato, 2009) to the construction of the narrative of the text: in Moves 1, 2, 3 and 4, in order to contextualize the study to the readers and, in Moves 5 and 6, by giving voice to different enunciative standpoints in order to explain results and indicate conclusions. Further analysis of these linguistic features can include the investigation about what kind of participants, in terms of human and non-human participants are associated to each process. The identification of the nature of the participant can help to understand the function of the lexical choices made by the author of the text in order to represent the enunciative standpoints and what kind of information is commonly associated to human participants and what is associated to non-human ones.

Bibliographical references

BEACCO, Jean-Claudel; CLAUDEL, Chantal; DOURY, Marianne; PETIT, Gerard; REBOULD-TOURÉ, Sandrine (2002). Science in media and social discourse: new channels of communication, new linguistic forms. *Discourse Studies*, 4(3):277-300.

BERNSTEIN, Basil (1996) *A estruturação do discurso pedagógico: classe, códigos e controle*. Petrópolis: Vozes.

ASSIS BRASIL, Angela Medeiros de; MOTTA-ROTH, Désirée, SANTOS, Rogéria Lourenço dos; SILVA, Eliseu Alves da (2008). Metáforas ideacionais em notícias de popularização científica. Trabalho apresentado no 4º Congresso da Associação de Linguística Sistemico-Funcional da América Latina. Florianópolis: UFSC.

- CALSAMIGLIA, Helena; FERRERO, Carmem Lopez (2003). Role and position of scientific voices: reported speech in the media. *Discourse Studies*. Vol 5(2):147–173.
- CALSAMIGLIA, Helena; VAN DIJK, Teun A. (2004). A. Popularization discourse and knowledge about the genome. *Discourse & Society*, 15(4):369 – 389.
- GERMANO, Marcelo Gomes (2005). Popularização da ciência como ação cultural libertadora. Anais do V Colóquio Internacional Paulo Freire, 2005.
- HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood (1985). *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold.
- HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood (1994). *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold.
- HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; MATTHIESSEN, Christian M. I. M. (2004). *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold.
- HILGARTNER, Stephen (1990). The dominant view of popularization: conceptual problems, political uses. *Social Studies of Science*, 20(3):519-539.
- MARCUZZO, Patrícia; MOTTA-ROTH, Désirée (2008). Polifonia e avaliação em notícias de popularização da ciência. In: VIII ENCONTRO DO CELSUL-CIRCULO DE ESTUDOS LINGUISTICOS DO SUL. Porto Alegre. *Anais eletrônicos...* Pelotas: UCPEL. Available at <http://www.celsul.org.br/Encontros/08/polifonia_e_avaliacao.pdf>. Access in 23 jan. 2010.
- MARTINS, Isabel. G. R.; MOEBUS, Renata; PINHÃO, Francine; LIMA, Amanda; VIEIRA, Adriano (2007). Caracterização das posições enunciativas de autores de textos submetidos à revista Ciência em Tela: uma análise preliminar. In: VI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIA, Florianópolis. Anais eletrônicos... Florianópolis: UFMG. Available at <<http://www.fae.ufmg.br/abrapec/viempec/entrar.html>>. Access in 21 apr. 2010.
- MOIRAND, Sophie (2003). Communicative and cognitive dimensions of discourse on science in the French mass media. *Discourse Studies*, 5(2):175-206.
- MOREIRA, Tânia Maria; MOTTA-ROTH, Désirée (2008). Popularização da ciência: uma visão panorâmica do Diário de Santa Maria. In: VIII ENCONTRO DO CIRCULO DE ESTUDOS LINGUISTICOS DO SUL, Porto Alegre. *Anais eletrônicos...* Pelotas: UCPEL, 2008. Available at <http://www.celsul.org.br/Encontros/08/popularizacao_da_ciencia.pdf>. Access in 19 nov. 2009.

- MOTTA-ROTH, Désirée (2007). *Análise Crítica de Gêneros com foco em artigos de popularização da ciência*. Santa Maria: UFSM, 2007. Projeto de Pesquisa - Bolsa de Produtividade em Pesquisa (CNPq 2008-2011), processo no. 301962/2007-3.
- MOTTA-ROTH, Désirée (2009). A popularização da ciência como prática social e discursiva. In: MOTTA-ROTH, Désirée; Giering, Maria Eduarda (Orgs.). *Discursos de popularização da ciência*. Santa Maria, RS: PPGL Editores. 343 p. (Coleção Hipers@beres, 1). ISSN 2177-6385.
- MOTTA-ROTH, Désirée; LOVATO, Cristina dos Santos (2009). Organização retórica do gênero notícia de popularização da ciência: um estudo comparativo entre português e inglês. *Linguagem em (Dis)Curso*, 9(2):233-271.
- MOTTA-ROTH, Désirée; MARCUZZO, Patrícia (2010). Ciência na mídia: análise crítica de gênero de notícias de popularização da ciência. *Revista Brasileira de Língua Aplicada*, 10(3):511-538.
- MOTTA-ROTH, Désirée; MARCUZZO, Patrícia; NASCIMENTO, Fábio Santiago; SCHERER, Anelise Scotti (2008) Polifonia em notícias de popularização da ciência sob a ótica sistêmico-funcional. In: 4 CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO DE LINGÜÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL DA AMÉRICA LATINA, Florianópolis. *Caderno de Resumos...* Florianópolis: UFSC, p. 111-112.
- MYERS, Greg (2003). Discourse studies of scientific popularization: questioning the boundaries. *Discourse Studies*, 5(2): 265-279.
- NASCIMENTO, Fábio Santiago (2008) Ciência & autoridade: modalização em artigos de popularização da ciência numa perspectiva sistêmico-funcional. In: 56º GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS. São Paulo. *Caderno de Resumos...* São Paulo: UNIP. Available at <http://www.gel.org.br/resumos_det.php?resumo=9434>. Access in 16 jan. 2010.
- SARDINHA, Tony Berber (1999). Usando WordSmith Tools na investigação da linguagem. *Direct Papers* 40, LAEL, PUCSP. Available at <<http://www2.lael.pucsp.br/direct/DirectPapers40.pdf>>. Access in 02 nov. 2009.

APPENDIX I

Texts retrieved from <i>BBC News International</i>	
BBC#1	BBC News International. Home birth to ward increases risk. UK, Apr. 2008. Health section. Available at: http://news.bbc.co.uk/2/hi/health/7324555.stm . Accessed 02 Apr. 2008.
BBC#2	BBC News International. HIV 'hides from drugs for years'. UK, Mar. 2008. Health section. Available at: http://news.bbc.co.uk/2/hi/health/7287792.stm . Accessed 02 Apr. 2008.
BBC#3	BBC News International. GM seeds can 'last for 10 years'. UK, Apr. 2008. Science/Nature section. Available at: http://news.bbc.co.uk/2/hi/science/nature/7324654.stm . Accessed 02 Apr. 2008.
BBC#4	BLACK, R. Study finds benefits in GM crops. <i>BBC News International</i> , UK, Jan. 2004. Health section. Available at: http://news.bbc.co.uk/2/hi/science/nature/4046427.stm . Accessed 02 Apr. 2008.
BBC#5	BBC News International. Racial clues in bowel cancer find. UK, Mar. 2008. Health section. Available at: http://news.bbc.co.uk/2/hi/health/7319251.stm . Accessed 02 Apr. 2008.
BBC#6	BBC News International. Brain size 'not key to intellect'. UK, Jun. 2008. Health section. Available at: http://news.bbc.co.uk/2/hi/health/7443534.stm . Accessed 02 Apr. 2008.
BBC#7	BBC News International. Gene 'controls' body fat levels. UK, Sep. 2007. Health section. Available at: http://news.bbc.co.uk/2/hi/health/6977423.stm . Accessed 02 Apr. 2008.
BBC#8	BBC News International. Fat scan shows up 'true' obesity. UK, Mar. 2007. Health section. Available at: http://news.bbc.co.uk/2/hi/health/6483403.stm . Accessed 02 Apr. 2008.
BBC#9	BBC News International. Alzheimer's drugs impact hailed. UK, May 2007. Health section. Available at: http://news.bbc.co.uk/2/hi/health/6655221.stm . Accessed 02 Apr. 2008.
BBC#10	BBC News International. Berries 'help prevent dementia'. UK, Jan. 2006. Health section. Available at: http://news.bbc.co.uk/2/hi/health/4632886.stm . Accessed 02 Apr. 2008.
BBC#11	BBC News International. Light therapy 'can slow dementia'. UK, Jun. 2008. Health section. Available at: http://news.bbc.co.uk/2/hi/health/7445606.stm . Accessed 02 Apr. 2008.
BBC#12	BBC News International. Gene 'links breastfeeding to IQ'. UK, Nov. 2007. Health section. Available at: http://news.bbc.co.uk/2/hi/health/7075511.stm . Accessed 02 Apr. 2008.
BBC#13	BBC News International. Breast milk 'may be allergy key'. UK, Jan. 2008. Health section. Available at: http://news.bbc.co.uk/2/hi/health/7208941.stm . Accessed 02 Apr. 2008.

BBC#14	BBC News International. Toll of teenage drinking revealed. UK, Mar. 2008. UK News section. Available at: http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk_news/england/7317745.stm . Accessed 02 Apr. 2008.
BBC#15	BBC News International. NHS staff dub e-records 'clunky'. UK, May 2008. Health section. Available at: http://news.bbc.co.uk/2/hi/health/7380567.stm . Accessed 02 Apr. 2008.

Texts retrieved from <i>Scientific American</i>	
SCIAM#1	BIELLO, D. When it comes to photosynthesis, plants perform quantum computation. US, Apr. 2007. News section. Available at: http://www.sciam.com/article.cfm?id=when-it-comes-to-photosynthesis-plants-perform-quantum-computation . Accessed 09 Oct. 2009.
SCIAM#2	MINKEL, J. R. Whole lotta shakin' on asteroid Itokawa. US, Apr. 2007. News section. Available at: http://www.sciam.com/article.cfm?id=whole-lotta-shakin-on-ast . Accessed 09 Oct. 2009.
SCIAM#3	BIELLO, D. What is the best way to turn plants into energy? US, May 2009. News section. Available at: http://www.scientificamerican.com/article.cfm?id=bioelectricity-versus-biofuel . Accessed 14 Oct. 2009.
SCIAM#4	JUNCOSA, B. Growing prostate from adult stem cells – but who would want one? US, Oct. 2008. News section. Available at: http://www.scientificamerican.com/article.cfm?id=growing-prostate-glands-from-stem-cells . Accessed 14 Oct. 2009.
SCIAM#5	MINKEL, J. R. Mathematics points the way to a perfect head of beer. US, Apr. 2007. News section. Available at: http://www.sciam.com/article.cfm?id=mathematics-point-the-w . Accessed 14 Oct. 2007.
SCIAM#6	MINKEL, J. R. A tale of two exoplanets: One incredibly hot, the other extremely windy. US, May 2007. News section. Available at: http://www.sciam.com/article.cfm?id=a-tale-of-two-exoplanets-one-incredibly-hot-the-other-extremely-windy . Accessed 09 Oct. 2009.
SCIAM#7	BIELLO, D. Genetically modified crops survive weed-whacking herbicide. US, May 2007. News section. Available at: http://www.sciam.com/article.cfm?id=genetically-modified-crops-survive-weed-whacking-herbicide . Accessed 09 Oct. 2009.
SCIAM#8	SWAMINATHAN, N. Is the out of África theory out? US, Aug. 2007. News section. Available at: http://www.sciam.com/article.cfm?id=genetically-modified-crops-survive-weed-whacking-herbicide . Accessed 09 Oct. 2009.
SCIAM#9	SWAMINATHAN, N. Did sesame street have it right? US, Sep. 2007. News section. Available at: http://www.sciam.com/article.cfm?id=did-sesame-street-have-it-right . Accessed 09 Oct. 2009.
SCIAM#10	SWAMINATHAN, N. That flu you caught? It came from east and southeast Asia. US, Apr. 2008. News section. Available at: http://www.scientificamerican.com/article.cfm?id=that-flu-you-caught-it-ca . Accessed 14 Oct. 2009.

SCIAM#11	GREENEMEIER, L. Monkey think, robot do. US, Jan. 2008. News section. Available at: http://www.sciam.com/article.cfm?id=monkey-think-robot-do . Accessed 03 Abr. 2008.
SCIAM#12	STEIN, L. Work it out: more activity = slower aging. US, Jan. 2008. News section. Available at: http://www.scientificamerican.com/article.cfm?id=new-study-links-exercise-to-longevity . Accessed 14 Oct. 2009.
SCIAM#13	MINKEL, J. R. Wireless energy lights bulb from seven feet away. US, Jun. 2007. News section. Available at: http://www.sciam.com/article.cfm?id=wireless-energy-lights-bulb-from-seven-feet-away . Accessed 03 Apr. 2008.
SCIAM#14	SWAMINATHAN, N. Cave speak: did neandertals talk? US, Oct. 2007. News section. Available at: http://www.sciam.com/article.cfm?id=cave-speak-did-neandertal . Accessed 03 Apr. 2008.
SCIAM#15	STEIN, L. Is human growth hormone the key to eternal youth? US, Jan. 2007. News section. Available at: http://www.sciam.com/article.cfm?id=is-human-growth-hormone-t . Accessed 03 Apr. 2008.

CONVERSA ENTRE BAKHTIN E POE: A AUTORIA COMO VALOR ESTÉTICO

Jéssica Cristina dos Santos Jardim¹

Universidade Federal de Pernambuco

A divindade do artista está em sua comunhão em uma distância superior. Encontrar o enfoque essencial à vida de fora dela – eis o objetivo do artista. (Mikhail Bakhtin)

Resumo: Esta análise pretende estabelecer um diálogo entre as considerações de Mikhail Bakhtin e Edgar Allan Poe sobre a questão do autor, particularmente na literatura, fundamentadas, em princípio, na existência de uma atitude valorativa em relação ao objeto estético. Tomando como ferramenta o próprio dialogismo do filósofo russo, tentaremos aproximar a terminologia de Poe de “unidade de efeito” do “posicionamento axiológico” bakhtiniano.

Palavras-chave: dialogismo; unidade de efeito; posicionamento axiológico; teoria literária.

Résumé: Cette analyse vise à établir un dialogue entre les considérations de Mikhaïl Bakhtine et Edgar Allan Poe sur la question de l’auteur, en particulier dans la littérature, fondées, en principe, dans l’existence d’une attitude valorative en ce qui concerne à l’objet esthétique. En tenant comme outil le propre dialogisme du philosophe russe, nous essayerons d’approcher la terminologie de Poe de «l’unité d’effet» du «positionnement axiologique» bakhtinien.

Mots-clés: dialogisme; unité d’effet; positionnement axiologique; théorie littéraire.

1. Este artigo foi parte da avaliação da disciplina de *Leitura e produção de texto acadêmico*, ministrada pela Profa. Siane Góis Cavalcanti Rodrigues, e avaliação da disciplina *Compreensão e produção de texto em Língua Portuguesa*, ministrada pela Profa. Maria Cristina Hennes Sampaio, no curso de graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

I. Introdução

Dentre os conceitos constitutivos da teoria bakhtiniana, há relativa ênfase nas relações entre autor e personagem, entendidas como um vivenciamento não processual do todo acabado, ou seja, o autor vivencia o produto cultural em formação, mas não o processo psicológico interno responsável por formá-lo (BAKHTIN, 2003:5). Cada elemento da obra é firmado nas respostas estéticas, éticas e cognitivas dadas pelo autor. Essas respostas pretendem expor o todo da personagem, e são extraídas na batalha travada pelo criador com sua própria consciência na busca por uma imagem definida do objeto criado. Para dar respostas concretas ao todo é preciso, segundo Bakhtin (2003:12), manter certo distanciamento que garantirá uma visão abrangente do sentido da personagem na obra. Mesmo considerando os momentos técnicos da criação, Bakhtin (2003: 5-6) afirma que o autor não pode determinar com certeza os processos internos vividos por ele, já que tudo se firma no produto cultural acabado e, a partir da definição desse acabamento, a personagem se converterá em consciência externa à do autor. Dessa consciência já não se poderá tirar qualquer sentido amplo no que diz respeito ao processo de autoria, porque nesse momento será o autor-pessoa quem expressará sua opinião e seus valores de mundo diante das personagens e não o autor-criador, entendido como o processo que conduz ao acabamento da obra. Criticando a “confissão de autor” (BAKHTIN, 2003:5) como fonte não confiável de conhecimento do processo criativo em literatura, Bakhtin afirma:

[...] não se torna [o posicionamento do autor] objeto de exame e de vivenciamento reflexivo; o autor cria, mas vê sua criação apenas no objeto que ele enforma, isto é, vê desta criação apenas o produto em formação e não o processo interno psicologicamente determinado. (BAKHTIN, 2003:5)

Contudo, a propósito da “confissão de autor”, o próprio Bakhtin considera que esse material “pode adquirir também valor estético, mas só depois de iluminado pelo sentido artístico da obra” (2003:6). O que se pretende neste trabalho é, tendo em vista um relativo aprofundamento desse sentido artístico da criação verbalizada, analisar os pontos de concordância e discordância entre a teoria bakhtiniana, no que diz respeito ao “posicionamento axiológico” – a ação de ver o outro a partir de um sentido valorativo que, em sua filosofia, define a atividade de autoria – e a compreensão dada por Edgar Allan Poe ao seu próprio processo criativo, regido pela “unidade de efeito”. O objeto de análise será o ensaio *A filosofia da composição*, do escritor norte-americano, no qual ele pretende expor de maneira sistemática todo o processo pelo qual uma de suas obras atingiu acabamento. Objetiva-se, portanto, comparar as concepções bakhtinianas de autoria à compreensão de processo criativo em Poe.

2. Pressupostos teóricos

Quando, por dialogismo, Mikhail Bakhtin compreende as relações de sentido instituídas entre enunciados e, reforçando a ideia de singularidade do ser e do evento, insiste na impossibilidade de reiteração destes (apud FIORIN, 2006:20), a própria concepção de enunciado se mostra mais complexa. Nós a temos aqui completamente além de qualquer aproximação com o conceito de enunciado como, apenas, um conjunto organizado e em uso de unidades da língua, mas que, muitas vezes, não tem seu vínculo com outros enunciados enfatizado. Neste âmbito, a palavra deixa de ser sentida como, meramente, palavra, como simples unidade, objeto de estudo do linguista – principalmente o de base saussuriana – para se tornar unidade dialogante, viva e integrante de discursos também dialogantes e vivos.

Neste sentido, a afirmação do filósofo russo, citada por Fiorin (2006:18), de que “a orientação dialógica é naturalmente um fenômeno

próprio a todo discurso”, nos leva a considerar este último não como o resultado de uma dialética vazia, mas como o produto de uma atividade responsiva e crítica.

Se “cada elemento de uma obra nos é dado na resposta que o autor lhe dá” (BAKHTIN, 2003:3), a questão do dialogismo abrange mesmo o próprio sentido de autoria, já que o fundamento dialógico tem por base a atividade puramente responsiva. Nesta acepção, o autor não é indiferente às relações dialógicas travadas tanto no plano da vida quanto no plano da obra. Ele é o próprio agente da unidade estética, é aquele que, dialogando com o conteúdo da realidade empírica, molda-o de acordo com uma orientação axiológica, em todos seus elementos e suas relações de espaço, tempo e sentido (BAKHTIN, 2003:173).

O que, neste trabalho, chamamos “posicionamento axiológico”, funciona como termo-síntese da concepção bakhtiniana da relação entre autor e personagem. De fato, em *Estética da Criação Verbal*, o filósofo russo faz referência a essa compreensão diversas vezes, entre as quais destacamos as “categorias axiológicas” e o “contexto axiológico”:

O autor vivencia a vida da personagem em *categorias axiológicas* inteiramente diversas daquelas em que vivencia sua própria vida e a vida de outras pessoas – que com ele participam do acontecimento ético aberto e singular da existência – apreende-a em um *contexto axiológico* inteiramente distinto (BAKHTIN, 2003:13, grifo nosso).

Esses conceitos se explicam na ação de ver o outro valorativamente, de compreendê-lo de maneira empática e se fundamentam igualmente nas respostas volitivo-emocionais – ou seja, nas réplicas “de possível êxtase, amor, surpresa, piedade, etc. do outro por mim” (BAKHTIN, 2003:29).

Nenhum objeto do mundo se encontra desprovido dessas apreciações, desses juízos de valor, nenhuma palavra pode escapar do

eterno diálogo de ideias. O ser humano é parte integrante do “simpósio universal” (FIORIN, 2006:28), exercendo nele papéis sociais e individuais, quaisquer que sejam.

Por isso, comparar as declarações de Edgar Allan Poe e Mikhail Bakhtin – o primeiro como crítico e autor literário e o segundo como teórico e historiador da literatura – a respeito da autoria torna-se, a partir dos pressupostos teóricos bakhtinianos, a tarefa de considerar, acima de tudo, que toda palavra “é sempre e inevitavelmente também a palavra do outro” (FIORIN, 2006:19). Contudo, não se trata, no presente trabalho, de estabelecer um contato direto entre duas ideias, ou comprovar que um autor se inspirou no outro, por exemplo. Ao contrário, o que se busca é estabelecer a aplicabilidade de dois termos que aparentemente se tocam. Comparações do primeiro tipo citado quase sempre soam como a determinação de “pais e filhos” ideológicos, como se fosse exata ou necessária a um e outro autor a confirmação deste suposto vínculo. Aquele que compara duas obras não é um “fiscal do ‘trânsito’ ou intercâmbio intelectual” (CARVALHAL, 2006:28).

3. Aproximação teórica entre “unidade de efeito” e “posicionamento axiológico”

Para Bakhtin (apud FARACO, 2005:42), a figura do autor-criador é, na verdade, processual. Ela diferencia-se da do autor-pessoa justamente pelo desempenho de uma função estética ativa na obra literária. O autor-criador alicerça a imagem da personagem, dá a ela forma material, configura-a a partir de um posicionamento axiológico, ou seja, a partir de “um modo de ver o mundo, um princípio ativo de ver que guia a construção do objeto estético e direciona o olhar do leitor”, (FARACO, 2005:42). Portanto, aquele que cria trabalha com noções axiológicas que fornecem respostas ao todo da personagem e a caracterizam segundo certa diretriz composicional.

A essa diretriz composicional, Edgar Allan Poe aparentemente nomeia “efeito” (POE, 1999:102). Antes de definir esse aspecto fundamental da obra poeiana, é importante considerar, primeiramente, sua Teoria do Conto. Poe (1999:103) afirma que um autor não deve desconsiderar nenhum meio que o auxilie na elucidação de seus objetivos ao escrever. Um deles é a categoria de “unidade de impressão” – ou “efeito” –, compreendida como a totalidade valorativa em que se fundamenta a obra literária e que não deve ser interrompida, reservando-se ao limite de “uma assentada” (POE, 1999:103). A obra não deve ter sua leitura suspensa porque “os negócios do mundo interferem e tudo que se parece com totalidade é imediatamente destruído” (POE, 1999:103). Essa “unidade de impressão” pretende abarcar o leitor em um sentimento, trabalhado esteticamente em toda a obra, e extraído do mundo concreto. O próprio Poe considera importante perguntar-se, em primeiro lugar: “Dentre os inúmeros efeitos, ou impressões a que são suscetíveis o coração, a inteligência ou, mais geralmente, a alma, qual irei eu, na ocasião atual, escolher?” (POE, 1999:102).

É, portanto, o efeito definido como o resultado do conjunto de aspectos centrais da obra que são trabalhados visando à elucidação de algum sentimento vivo e relativo ao ser humano enquanto tal, enquanto ser ativo e valorativamente presente no mundo. Tendo em vista esse efeito, Poe arquiteta sua obra com todos os aspectos estéticos como respostas ao sentimento escolhido.

Uma comparação entre o “efeito” em Poe e o fundamento de toda produção artística para Bakhtin pode tornar-se clara se considerarmos a referência ao vivenciamento axiológico no mundo tido, na obra do filósofo russo, não apenas como a mais pura ação de “agir”. O critério fortemente social e concreto da teoria bakhtiniana poderia levar um seu leitor a considerar, principalmente aos que seguissem concepções mais marxianas, que se posicionar axiologicamente é, restritamente, inserir

no objeto artístico personagens de âmbito social, ou o autor engajar-se efetivamente num movimento de luta social, por exemplo. Contudo, o próprio Bakhtin afirma:

[...] a diretriz axiológica da consciência não ocorre só no ato na verdadeira acepção do termo mas em cada vivenciamento e *até na sensação mais simples*: viver significa ocupar uma posição axiológica em cada momento da vida, significa firmar-se axiologicamente. (2003:174, grifo nosso)

Assim, a referência ao autor-criador é duplamente marcada na teoria bakhtiniana, pois, ao mesmo tempo em que ele seria um posicionamento axiológico extraído pelo sentido valorativo do autor-pessoa, ele separaria e reorganizaria de maneira estética os eventos da vida (FARACO, 2005:39). O autor-criador é como que uma instância que se interpõe entre o autor-pessoa e o produto estético; nessa concepção bakhtiniana, o criador é tomado como uma relação, como um processo.

Edgar Allan Poe mais uma vez concebe sua criação literária nesse sentido, porque, no que diz respeito ao seu trabalho estético, ele o alicerça em sensações derivadas das relações dialógicas travadas por seres humanos socialmente e as reordena no plano da obra segundo um princípio axiológico, ou seja, segundo um princípio valorativo.

Portanto o autor é aquele que reordena esteticamente eventos de uma dada realidade e a pessoa verdadeiramente habilitada a uma criação verbal deve ter a capacidade de enfrentar sua própria consciência, e de criar outra que a transcenda, sem que desta se desvincule. O ser humano (*autor-pessoa*, para Bakhtin), desse modo, é entendido como “o centro organizador do conteúdo-forma da visão artística”, é o eixo que preserva a diferença entre o *eu* e o *outro*, sem a qual não é possível um posicionamento axiológico válido. (BAKHTIN, 2003:173)

Edgar Allan Poe desempenha principalmente essa função. Chegarse-ia, em análise mais profundamente fundamentada, a afirmar que o elemento constitutivo da obra desse escritor é o “posicionamento axiológico”, nomeado por ele “efeito”. Compreende-se perfeitamente que esse elemento é próprio de qualquer criação artística; entretanto, é importante considerar que o trabalho de Poe se alicerça primordialmente na extração de uma sensação universal que será trabalhada “com a precisão e a seqüência rígida de um problema matemático” (POE, 1999:103), como ele mesmo define, em todos os aspectos da obra – seja na escolha de um cenário, nas palavras ditas pelos personagens ou na métrica de sua poesia – para que não se perca essa impressão que advém da organização artística da criação. Têm-se, para Poe, como matéria-prima os elementos do mundo, aos quais estão subordinados os eventos puramente técnicos. Porque após a escolha de um assunto novelesco e de um efeito vivo, Poe afirma:

[...] considero se seria melhor trabalhar com os incidentes ou com o tom – com os incidentes habituais e o tom especial, ou com o contrário, ou com a especialidade tanto dos incidentes quanto do tom – depois de procurar em torno de mim (ou melhor, dentro) aquelas combinações de tom e acontecimento que melhor me auxiliem na construção do efeito. (POE, 1999:102)

A esse respeito, corrobora Bakhtin: “Pode-se dizer que, por meio da palavra, o artista trabalha o mundo, para o que a palavra deve ser superada por via imanente como palavra, deve tornar-se expressão do mundo dos outros e expressão da relação do autor com esse mundo”. (BAKHTIN, 2003:180).

No que concerne ao dialogismo presente na obra de Allan Poe, se se analisassem seus contos, com toda certeza, daí se poderia extrair uma gama muito maior de relações. Em se tratando de poesia – como é

o caso, pois sobre ela discorre Poe em seu ensaio, analisando a poesia “O Corvo” – as relações dialógicas ficam mais restritas, conforme o sentido poético da obra cresce. Mesmo o poeta sendo aquela segunda voz que refrata a realidade, na poesia não há, segundo Bakhtin, uma necessidade tão explícita de se explicar o próprio mundo pela linguagem do outro. O poeta possui sua própria linguagem e a ela está subjogado aquele que lê. (TEZZA, 2008:204). Entretanto, como participante de uma dada realidade, o autor-pessoa, que direciona o autor-criador, não se pode desvincular totalmente das relações valorativas que expressa em relação à realidade. Os centros de valores presentes na obra também constituem uma classe interessante para se categorizar o dialogismo presente (muito embora mínimo) na poesia.

Quando Allan Poe descreve aqueles sentimentos que seriam, a seu ver, os mais propriamente aplicáveis em uma produção poética, há também de sua parte a preocupação em distingui-los daqueles mais prosaicos. Enquanto reserva ao poema o objetivo “Beleza” – “intensa e pura elevação da alma” (POE, 1999:104) –, aponta como mais atingíveis na prosa os objetivos “Verdade” e “Paixão”, embora não as exclua por completo da poesia. Isso porque, “A Verdade, de fato, demanda uma precisão, e a Paixão, uma *familiaridade*” (POE, 1999:105). Neste ponto, podemos nos remeter ao mínimo dialogismo presente na poesia, definido como a ausência da necessidade absoluta de justificação do *eu* pela linguagem do *outro* e – por que não dizer? – da necessidade de se tornar *preciso* e *familiar* ao outro.

Mas, ainda é imprescindível elucidar uma questão que bem pode ser levantada quando de uma comparação entre o “posicionamento axiológico” bakhtiniano e o “efeito” em Poe. Bakhtin não julga que o sentido valorativo da obra deva ser constante em uma obra, embora considere que “a resposta do autor às manifestações isoladas da personagem se baseiam numa resposta única ao todo da personagem” (BAKHTIN, 2003:4): para ele, o autor busca dar um sentido de totalidade à personagem. Entretanto, esta

totalidade não sugere uniformidade ou homogeneidade, não estabelece uma invariabilidade do sentimento inicialmente estabelecido (FARACO, 2005: 38). Poe, ao contrário – e este ponto parece afastar os dois teóricos – afirma trabalhar em um efeito invariável e preciso durante a criação verbalizada (POE, 1999). Por essa razão, muitas críticas foram feitas à Teoria do conto de Edgar Allan Poe, sintetizadas por Gotlib nas seguintes perguntas:

Todos os contos provocam um *efeito único* no leitor? Não haveria os que provocam nele diferentes efeitos, efeitos que podem, inclusive, ir sofrendo mudanças no decorrer da leitura, desde o extremo cômico ao extremo sentimental, por exemplo? (GOTLIB, 1998:41).

Bem fundamentadas ou não – porque devemos, antes de tudo, considerar uma diferenciação entre outros contos e os contos poeianos, com relação à aplicabilidade da “unidade de efeito”² – essas críticas não desviam o principal foco do presente trabalho, ou seja, a compreensão do efeito como eixo valorativo ao redor do qual a obra funciona. Sua mais forte característica, a de permitir um caminho para a obtenção do acabamento da obra, aproxima-a do posicionamento axiológico bakhtiniano, já que este último é basilar à atividade estética, que “reúne no sentido o mundo difuso e o condensa em uma imagem acabada e auto-suficiente” (BAKHTIN, 2003:177).

Dentro da atividade estética, Edgar Allan Poe posiciona-se axiologicamente e se converte em “autor”, em “agente da unidade tensamente ativa do todo acabado, do todo da personagem e do todo da

2. Allan Poe menciona durante o ensaio alguns efeitos, tais como “efeito poético” (p. 104), “efeito artístico” (p. 105), “efeito da variação da aplicação” (pp. 107-108), “efeito rítmico” (p. 109), “efeito [de] [...] originalidade de combinação”, “efeito do incidente insulado”, “efeito casual”, “efeito de contraste” (p. 110), e “efeito do desenvolvimento” (p. 112). Contudo, talvez possamos considerá-los como subgêneros da “unidade de efeito” em que culmina a obra.

obra” (BAKHTIN, 2003:10). Após a definição de seu desiderato artístico, subordina a ele o material artístico. De fato, quando se observam suas considerações a respeito da criação verbalizada, é facilmente perceptível que a escolha de qualquer elemento é subjugada ao sentido valorativo da obra. Tratando-se da morte de “uma bela mulher”, o Amante “despojado de seu amor” é compreendido como “a boca mais capaz de desenvolver tal tema” (POE, 1999:107).

Quanto à entrada do Corvo, ela é mencionada como uma maneira de se inserir racionalmente o refrão (estrutura que pode ser usada com ideia de repetição e monotonia) “Nunca Mais” – em inglês, “Never More” –, palavras escolhidas por conterem ideia e sonoridade monótonas, desejadas para o efeito do poema. Primeiramente um papagaio, depois, enfim, um corvo, “ave também capaz de falar e infinitamente mais em relação com o *tom* pretendido” (POE, 1999:107).

É interessante que Poe, aproximando-se mais uma vez das futuras³ ideias bakhtinianas de autoria, chega a afirmar sobre o Corvo a seguinte característica que, na obra, podemos considerar como tentativa de abranger o todo desta personagem: “a ave do mau agouro” (POE, 2003:107). Remetemo-nos ao fato de Bakhtin entender o procedimento de autoria como a pretensão às unidades valorativas que direcionam as personagens a uma integridade de sentido (BAKHTIN, 2003, p. 4).

Mas, com relação à autoria, ainda é preciso que se faça um último comentário.

O poeta Charles Baudelaire, principal tradutor da obra de Poe para língua francesa, viria a escrever a respeito de Poe e suas personagens:

As personagens de Poe, ou melhor, a personagem de Poe, o homem de faculdades superagudas, o homem de nervos relaxados,

3. Poe viveu entre os anos de 1809 e 1849 e Bakhtin entre 1895 e 1975.

o homem cuja vontade ardente e paciente lança um desafio às dificuldades [...] – é o próprio Poe. (POE, 1999:16) ⁴

Apesar da consideração bakhtiniana de que comparações factuais entre autor e personagem não conseguiriam abranger o sentido estético da obra – pois se ignoraria “o elemento essencial: a forma do tratamento do acontecimento, a forma do seu vivenciamento na totalidade da vida e do mundo” (BAKHTIN, 2003:8) – apesar dessa consideração, a opinião de Baudelaire não é de todo inválida já que, por um lado, de fato, Poe é seus personagens: é a partir de sua consciência que se geram as de seus personagens. Entretanto, Poe desloca a si mesmo e à sua linguagem, ele se torna uma *segunda voz* que reformula os mais variados discursos, às personalidades de seus personagens (BAKHTIN, 2003:8-9) e, desse modo, não pode mais ser encarado como Edgar, como o autor-pessoa, mas como “uma posição refratada e refratante” (FARACO, 2005:39) da realidade.

O diálogo com as concepções bakhtinianas de autoria torna-se mais uma vez evidente no momento em que o escritor norte-americano declara:

[...] o amante, arrancado de sua displicência primitiva, pelo caráter melancólico da própria palavra, [...], fosse afinal excitado à superstição e loucamente fizesse perguntas [...] cujas respostas lhe interessavam apaixonadamente ao coração, fazendo-as num misto de superstição e daquela espécie de desespero que se deleita na própria tortura, fazendo-as não porque propriamente acreditasse no caráter profético, ou demoníaco da ave (que a razão lhe diz estar apenas repetindo uma lição aprendida rotineiramente), mas porque experimentaria um frenético prazer em organizar suas perguntas

4. Trata-se de um texto introdutório ao livro, escrito por Baudelaire.

para receber, do *esperado* “Nunca mais”, a mais deliciosa, porque a mais intolerável, das tristezas. (POE, 1999:108)

Isso porque, Edgar Allan Poe consegue, neste trecho, dar o caráter de sua relação com essa personagem, baseada no conhecimento de sua interioridade a partir de um referencial externo. Em momento algum Poe age como se ele fosse a própria personagem, mas consegue entendê-la esteticamente como consciência exterior, ele agora demonstra “sua própria posição em face da personagem” (BAKHTIN, 2003:5). Observe-se, a esse respeito, que ele julga as ações da personagem, por exemplo, o ato de proferir as perguntas, baseado em suas possíveis concepções pessoais, como em considerar que o amante dirigiria perguntas ao corvo para experimentar o “delicioso” sentimento de tristeza. O enfoque axiológico permanece aí, agora não mais como princípio fundador da obra, mas como sentido que pode ser apreendido durante a leitura e apreciação do poema “O Corvo”.

4. Considerações finais

A questão do vivenciamento valorativo dos elementos da obra, como princípio basilar da concepção de objetos estéticos, pode ser considerada como, pelo menos, duplamente mencionada no âmbito da teoria literária⁵. Isso porque, tanto Mikhail Bakhtin quanto Edgar Allan Poe argumentam suas teorias de criação verbal tendo sempre em vista o pressuposto de autoria como valor estético.

Bakhtin, com seu “posicionamento axiológico”, fundamenta a autoria como o olhar valorativo do autor para a personagem. Partindo

5. Obviamente, não restringimos aqui a apenas estas duas menções. Acreditamos plenamente na possibilidade de serem encontradas comparações desta espécie com outros autores.

do conhecimento interno da consciência desta última até um referencial externo, o autor garantiria para si mesmo um excedente de visão propriamente estético que lhe permitiria apreender a personagem em sua totalidade.

Allan Poe baseia sua autoria na “unidade de efeito”, um eixo de valor e impressão através do qual a obra giraria, considerando-a ponto-chave de sua criação literária e dando-lhe particular destaque em *A filosofia da composição*. Destacamos a ênfase já no título do ensaio – no termo “filosofia” – a um sistema de fundamentos inter-relacionados visando a uma indicação de princípio.

Ressaltemos ainda uma vez que o objetivo desta análise não foi o de comprovar arbitrariamente uma relação entre dois autores, ou torná-la sólida teoricamente, mas o de preservar a aplicabilidade dos conceitos bakhtinianos e poeianos. Justificamos, aqui, um pelo outro já que consideramos que as palavras dos dois teóricos encontram eco umas nas outras. Não se nega a possibilidade de influência, mas a ênfase no presente trabalho está nas relações dialógicas que os enunciados dos dois autores travam por discorrerem sobre o mesmo objeto, no caso a criação verbalizada, objeto este presente no mundo dos seres humanos e encontrando nele integridade e sentido.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail (2003). *Estética da Criação Verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes.

CARVALHAL, Tânia Franco (2006). *Literatura Comparada*. 4. ed. São Paulo: Ática.

FARACO, Carlos Alberto (2005). Autor e autoria. In: BRAIT, Beth (org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. 2. ed. São Paulo: Contexto, pp. 37-60.

FIORIN, José Luiz (2006). *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática.

GOTLIB, Nádya Battella (1998). *Teoria do conto*. 8. ed. São Paulo: Ática.

POE, Edgar Allan (1999). A filosofia da composição. In: *Edgar Allan Poe: Poemas e Ensaios*. São Paulo: Globo, pp. 101-114.

TEZZA, Cristovão. Poesia (2008). In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin : outros conceitos-chave*. São Paulo : Contexto, pp. 195-217.

A CONSTRUÇÃO DO LEITOR IMAGINÁRIO NO DISCURSO DE *BLOGS* DE AUTOAJUDA

Lívia Schleder de Borba¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo: Neste artigo, analisamos como se dá a construção do leitor imaginário de textos de *blogs* de autoajuda. Baseando-nos na teoria da Análise do Discurso, investigamos a relação desse leitor com a imagem do sujeito contemporâneo, encontrada no discurso da autoajuda. Para isso, selecionamos dois textos desse gênero encontrados em *blogs*, e fizemos os recortes em sequências discursivas. O que verificamos foi que a contradição característica do sujeito contemporâneo está presente na construção do leitor imaginário da autoajuda, de forma que tal discurso acaba por reforçar essa posição conflitante.

Palavras-chave: discurso de autoajuda, leitor imaginário, sujeito contemporâneo.

Abstract: In this paper we analyze the construction of the imaginary reader of texts of self-help blogs. Based on the theory of Discourse Analysis, we investigate the relation of this imaginary reader with the image of the contemporary subject found in the self-help discourse. To this end, we selected two self-help texts found in blogs and from them we chose some discursive sequences. We could verify that the characteristic contradiction of the contemporary subject can be found in the construction of the imaginary reader of the self-help discourse such that this discourse ends up strengthening this conflicting position.

Keywords: self-help discourse, imaginary reader, contemporary subject.

1. Este artigo trata dos primeiros resultados do trabalho de investigação de iniciação científica no projeto de pesquisa *Redes de memória: contatos entre discursividades* contemporâneas, coordenado pela profa. Solange Mittmann.

Introdução

Textos de autoajuda têm servido como um suporte às aflições do sujeito contemporâneo. Tais textos, cuja origem data de meados do século XIX, têm se proliferado nas estantes das livrarias e têm sido consumidos por aqueles que sentem necessidade de um apoio emocional, espiritual ou de gestão econômica. É pelo intenso consumo desse tipo de literatura, o qual tem se tornado ainda mais popular devido à sua manifestação em *blogs*, e pelo quanto ela é capaz de dizer acerca do seu público-alvo, que se justifica analisar o seu funcionamento discursivo.

Damos, nesse trabalho, ênfase à determinação de quem é o leitor imaginário² desse discurso, conforme a definição de Orlandi (1993:9):

Um leitor constituído no próprio ato da escrita. Em termos do que denominamos 'formações imaginárias' em *Análise do Discurso*, trata-se do leitor imaginário, aquele que o autor imagina (destina) para o seu texto e para quem ele se dirige.

Discurso como objeto de análise a partir da Análise do Discurso

O objetivo aqui, ao analisar o texto de autoajuda, é estudar o discurso, o qual é constituído não só pela materialidade linguística, mas também pela materialidade histórica. Faz-se necessário perceber quais são as condições nas quais o discurso é produzido para que entendamos como, a partir daí, é construído o leitor imaginário – aquele para o qual o produtor do discurso imagina dirigir seu texto, mas que não corresponde, necessariamente, ao leitor real. Quando afirmamos que o discurso vai

2. Orlandi (1993:9) designa esse leitor como “leitor virtual”, mas aqui manteremos o termo “leitor imaginário” para evitar ambiguidade com o leitor do espaço virtual, o da internet.

além da sua materialidade linguística, somos levados a também afirmar que um discurso sempre remete a discursos anteriores, tal como diz Pêcheux (1993:77): “o discurso se conjuga sempre sobre um discursivo prévio”. É devido a esse movimento vertical, o qual ativa a memória discursiva e possibilita o processo de leitura, que o leitor pode se identificar com o que lê, sempre sendo levado a crer, pela interpelação ideológica, na univocidade e na estabilidade de sentidos.

“O texto é sempre heterogêneo. Ou seja: sob as palavras, os enunciados e os saberes que tecem um texto, outras palavras, outros enunciados e outros saberes se fazem ouvir” (Indursky 2009:117). Assim, podemos dizer que um texto é sempre atravessado por outros discursos que são, em geral, mantidos imperceptíveis para que o texto se torne coeso e para que o autor possa parecer fonte única do seu dizer (Indursky 2009). Como dissemos no parágrafo anterior, um discurso não se constitui apenas pela sua materialidade linguística, mas também pela materialidade histórica. A última implica que a exterioridade seja sempre parte constitutiva do discurso, uma vez que o autor é sempre um sujeito ideologicamente interpelado e está situado em circunstâncias históricas. Para que o texto se torne consistente e, logo, crível, essa exterioridade é nele dissimulada, passando ao leitor a impressão de um sentido estável e de que a voz do autor é uma voz única, produtora desse sentido, também único.

Análise: *Falta-nos tempo. O tempo é agora!*

Para realizarmos a análise de discursos de autoajuda, será utilizado, em um primeiro momento, o texto de título “Falta-nos tempo. O tempo é agora!”, encontrado em 12/03/2010 no *blog* Somos Todos Um, o qual se destina a promover esse tipo de literatura. O texto, de uma maneira geral, mostra estratégias que o leitor pode utilizar para amenizar as suas angústias, as quais são associadas ao caráter dinâmico

da vida contemporânea. Para ilustrar a presença de outros discursos, fator fundamental para que tracemos um perfil do leitor imaginário, selecionamos algumas sequências discursivas (SD):

SD 1 - Quantos relacionamentos desfeitos porque deixamos de dizer uma simples frase?

Ao falar que uma “simples frase” poderia consertar relacionamentos inteiros – aqui podemos entendê-los como quaisquer tipos de relacionamentos –, já podemos perceber a presença de um discurso que apresenta o indivíduo contemporâneo como incompetente, afinal, a frase é tão simples que não chega a ser apresentada no texto, e mesmo assim, o suposto leitor não sabe utilizá-la. Esse aspecto já nos mostra um pouco de quem é o leitor imaginário inscrito no texto.

SD 2 – Quantas situações que nos causam sofrimento se prolongam, porque preferimos a inércia, sofremos e muito, mas continuamos presos ao medo.

Tal qual na SD 1, em que se fala em “relacionamentos” genericamente, aqui são as “situações” que se apresentam de forma ampla. Espera-se, portanto, que o leitor se identifique com esses dizeres não completamente explicitados, sendo que tal identificação já é incentivada pelo uso da primeira pessoa do plural, como em “preferimos” e “sofremos”. Tal recurso acaba por diminuir a distância entre autor e leitor, o que permite que o primeiro alcance um leitor real mais próximo do seu leitor imaginário.

SD 3 – Esperamos pelo outro, julgamos pela aparência, nos escondemos atrás de máscaras.

Da leitura dessa SD, podemos deduzir que as relações sociais – nas quais o leitor estaria inserido – são repletas de falsidade. Aqui, novamente, não são citados exemplos: a quais situações se aplica essa atitude falsa? Espera-se do leitor que se reconheça no texto e, dessa forma, faça uma associação das situações – colocadas de maneira genérica – com a vida cotidiana. Essa maneira ampla de abordagem do assunto facilita o alcance de um maior público – o que, como na SD 2, aumenta as possibilidades da existência de um leitor real mais próximo do imaginário.

A partir das sequências acima, já podemos ter uma noção do público imaginado pelo autor. Segundo Pêcheux (1993:77): “a antecipação do que o outro vai pensar parece constitutiva de qualquer discurso”, o que implica que consideremos outras condições de produção, ou seja, o *quando* é dito e o *por quem* é dito são importantes, assim como a formação discursiva com a qual os sujeitos estão envolvidos e se identificam. Podemos, por esse motivo, dizer que não existe um sentido transmitido e logo interpretado, uma vez que a exterioridade faz do discurso plural e instável. Assim, o discurso pode ser definido com um “efeito de sentidos” entre “lugares determinados na estrutura de uma formação social” (Pêcheux 1993:82).

No discurso em questão, tal qual afirmado acima, percebe-se que há um imaginário acerca de quem seria o leitor do texto. O produtor do discurso precisa colocar-se momentaneamente na posição de leitor, antecipar as suas possíveis necessidades e, assim, criar uma imagem de quem esse leitor é. Chamamos de imaginário justamente porque não existe uma transmissão de sentidos estáveis de um autor a um leitor real, e sim uma antecipação de sentidos que poderiam ser atribuídos por leitores imaginados pelo autor. Ele não corresponde diretamente ao sujeito-leitor real, aquele que de fato irá acessar o texto, aquele que o produtor do discurso gostaria de atingir, mas que está inacessível – o autor não está ciente de todas as posições-sujeito em que estão inscritos os seus leitores.

Segundo Cazarin, “ler constitui-se, assim, em uma prática social que mobiliza o interdiscurso, conduzindo o leitor, enquanto sujeito histórico, a inscrever-se em uma disputa de interpretações” (2006:302), interpretações essas que fogem ao alcance do autor e que se distanciam daquela esperada por ele na medida em que esse sujeito historicamente posicionado pode estar filiado a uma outra formação discursiva.

Primeiramente, o leitor imaginário da autoajuda é apresentado como alguém que se encontra inseguro quanto a sua própria pessoa e que precisa, portanto, de motivação. Mais especificamente, o texto sobre o qual falamos direciona-se ao sujeito urbano contemporâneo, o qual está tão cheio de compromissos que não encontra tempo para dedicar a si mesmo. Ele acaba vivendo situações angustiantes porque nunca para para refletir sobre a vida e, por isso, vive uma relação conflituosa consigo e com os outros.

Uma vez que se trata de um texto de autoajuda, percebe-se o quanto o imaginário de leitor é construído de uma maneira contrastante: afirma-se que o leitor está desacreditado quanto ao seu potencial (“quantos relacionamentos desfeitos” e “quantas situações que nos causam sofrimento se prolongam”), e logo o discurso parte para a noção oposta, a de que o leitor tem plena capacidade de superar as dificuldades (“deixamos de dizer uma simples frase” e “preferimos a inércia”) e fazer delas um aprendizado. Dessa forma, o efeito é de que o leitor nunca é subestimado e, sim, “diagnosticado” como debilitado (“continuamos presos ao medo” e “nos escondemos atrás de máscaras”) e orientado a fazer o que é considerado mais benéfico para o seu bem-estar.

As SD 1, 2 e 3, as quais nos levam a entender como dizeres prévios atravessam a discursividade e trazem em si um leitor imaginário, já que “a produção de sentido só ocorre na relação do dito com o já-dito” (Henge 2006:11), também exemplificam a construção contrastante acima mencionada. Quando comparadas com outras sequências do texto, é possível percebermos uma diferente faceta desse leitor: apesar da sua

falta de reflexão acerca dos problemas cotidianos e dos conflitos que ele evita confrontar, ele tem a capacidade de contornar essa situação, como mostra a seguinte SD:

SD 4 – Quem já caiu sabe que dói e muito, mas sabe ainda mais que quando buscou se levantar levou consigo o aprendizado para que a mesma queda não voltasse a ocorrer.

Tendo em vista o objetivo principal do texto de autoajuda – proporcionar palavras de motivação para o sujeito que vive com tanta pressa que não tem tempo para pensar sobre a sua vida –, seria lógico que o discurso fosse além de uma simples constatação de quais são os problemas enfrentados pelo leitor. O texto descreve, nesse mesmo leitor antes “diagnosticado” como problemático, as forças para reverter a sua situação de impotência. E é isso que podemos observar na SD 4, quando colocada em contraste com as SD 1, 2 e 3: elas apresentam o leitor “caído” – aqui utilizando a expressão da SD 4 –, ou seja, vivendo todas aquelas situações causadoras de angústia. A SD 4, por outro lado, mostra que o leitor é capaz de “se levantar” e de sair de todas aquelas situações postas nas SD 1, 2 e 3, fazendo delas, ainda, um aprendizado.

Ao analisarmos a construção do leitor imaginário dada por autores de textos de autoajuda, levamos em conta, como já foi dito, a exterioridade e, por causa dela, a interpelação do indivíduo em sujeito ideológico. Nessa perspectiva, Cazarin, explica que, para a Análise do Discurso, “a materialização da língua pressupõe um sujeito que enuncia não na sua individualidade, e sim afetado pelo inconsciente e pela ideologia” (2006:300), o que nos leva a concluir que não pensamos no autor como um indivíduo – nesse caso estaríamos desconsiderando a sua interpelação ideológica –, e sim como um sujeito que vive na ilusão do controle, mas que, na verdade, está “cindido pelo simbólico” (Lisboa 2008: 114), descentrado em relação à história e à ideologia.

Tratando ainda da exterioridade constitutiva do discurso, podemos pensar nas relações de força. Para Pêcheux, “a mesma declaração pode ser uma arma temível ou uma comédia ridícula segundo a posição do orador e do que ele representa” (1993:77), ou seja, ao discurso, podem-se atribuir diferentes sentidos, dependendo do lugar social em que ele ocorre. Quando pensamos no discurso de autoajuda, e, mais especificamente, no texto que estamos analisando, podemos notar como ocorrem essas relações. O autor se coloca em uma posição de superioridade ao mostrar o quanto ele conhece acerca do leitor, como na SD5:

SD5 – Mas será que não é o momento de pararmos de nos condenarmos, de brigar com todos e sempre nos sentirmos a pior pessoa do mundo e nos auto abraçarmos?

Assim, podemos ver que o autor se posiciona como íntimo conhecedor da realidade do leitor, o que o torna capaz de dar a este a solução para os problemas motivacionais. Entretanto, o autor se coloca ao lado do leitor ao utilizar a primeira pessoa do plural: ao mesmo tempo em que ele é a voz que reconhece a existência desses problemas da contemporaneidade e quer buscar uma resolução, ele também sofre com isso, tal qual o seu leitor. Esse equilíbrio deixa de existir quando o autor junta Deus aos seus argumentos:

SD6 – O amor renova a vida, faz renascer a esperança, nos leva ao encontro da Providência Divina.

É nesse momento que o autor volta à sua posição de detentor da verdade e se distancia do seu leitor, ainda que a primeira pessoa continue presente através do pronome “nós”, com o objetivo de conferir credibilidade ao seu discurso. O leitor pode, então, achar que tais argumentos são inquestionáveis e seguir adiante com sua leitura.

É interessante, aqui, voltarmos à questão do meio pelo qual esse discurso torna-se acessível ao público: o ciberespaço. O acesso fácil a quaisquer tipos de informação é marca constitutiva da sociedade capitalista contemporânea e esse acesso possibilita ao indivíduo uma utópica sensação de liberdade e de igualdade. Entretanto, como afirma Pêcheux, “o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia” (Pêcheux 1981 apud Orlandi 2007:11), o que nos possibilita afirmar que aqui falamos da forma-sujeito histórica do capitalismo, a qual é moldada pelo consumo de produtos culturais (Orlandi:2007) e que caminha em direção a uma globalização cada vez mais acentuada enquanto, contraditoriamente, dá importância às qualidades individuais em detrimento daquelas coletivas. Logo, esse acesso rápido à informação, tal qual o fácil acesso à literatura de autoajuda, agora difundida em *blogs*, promove, nesse sujeito, uma sensação de igualdade contra a qual ele, na verdade, é levado a lutar.

Orlandi (2007:15) fala nesse contexto de um processo de des-institucionalização:

E ao desenvolvimento de uma cultura heróica do sujeito que remete cada um à construção e à responsabilidade de seu próprio destino. As relações sociais são assim entendidas como uma série de provas (ou provações) individuais.

Essa afirmação nos ajuda a entender quem é o leitor imaginário do discurso de autoajuda. Ele se encontra em uma sociedade que espera que ele, ao mesmo tempo, seja participante da globalização, o que acarreta uma uniformidade de comportamentos e de crenças, e se destaque individualmente em relação aos demais. Daí a origem dessa angústia. Podemos, assim, analisar a próxima SD.

SD 7: E, principalmente, se acreditarmos em nosso imenso potencial, aí sim, as flores que tanto almejamos começarão a enfeitar o nosso jardim.

A SD7 apresenta bem esse caráter contraditório do discurso contemporâneo: é única e exclusivamente o potencial individual – não esqueçamos que aqui se fala de um sujeito ideológico, submetido à língua – que proverá o desenvolvimento dentro dessa ordem histórica em que vivemos. No entanto, a partir dos argumentos expostos, podemos concluir que é esperado desse sujeito que ele deseje ter um jardim igual aos dos demais, uma vez que é assim que se comporta um sujeito submetido a uma ideologia capitalista e, portanto, globalizada.

O leitor imaginário sobre o qual estamos tratando aqui encontra-se, então, em uma lógica contraditória. É a partir dela que se criam necessidades como o consumo da literatura de autoajuda. Não existisse a insegurança característica desse sujeito contemporâneo, não existiria a autoajuda, e, portanto, existiria uma forma a menos de consumo, o que vai de encontro aos valores capitalistas. Sobre o individualismo desse sujeito em agonia, Orlandi (2007:16) afirma o seguinte:

É preciso fazer o próprio lugar para ser reconhecido, tornar-se o vendedor da própria vida. Para existir, para ser reconhecido, é preciso ser útil e produtivo. Enquanto luta solitária de cada indivíduo face à sociedade para se fazer aceitar, para existir, isto é, para viver e se fazer reconhecer como cidadão por inteiro. Pessoas em dificuldade são definidas por uma falta, que se torna elemento principal de sua identidade social.

Essa falta da qual fala a autora é a mesma do leitor imaginário da autoajuda: ele não percebe que a impossibilidade de preencher a falta é

justamente característica do ambiente onde ele vive. E se “não se pode pensar a linguagem como se ela estivesse separada do seu meio material, da conjuntura em que aparece” (Orlandi 2007:16), é a partir desse contexto que surge a necessidade da autoajuda, necessidade com a qual o discurso da autoajuda se compromete, mas ao mesmo tempo encontra-se incapaz de suprir.

Retornamos à importância do meio onde o texto que estamos observando foi encontrado: um *blog*. Ao mesmo tempo em que esse espaço proporciona um amplo acesso à informação e podemos concordar que nele “se desenvolve a escrita hipertextual, caracterizada pelos traços da não linearidade, virtualidade, interatividade” (Elias; Ribeiro 2008), aspectos que enfatizam a liberdade de que dispõe a sociedade hoje, podemos também concordar que essas mídias estabelecem, com os sujeitos, relações que podem ser não tão positivas. De acordo com Birman (2007), o sujeito contemporâneo sofre com a pobreza do desejar e do fantasiar, uma vez que o mundo contemporâneo já se encontra tão simbolizado que o sujeito acaba por ter suas habilidades de interpretação reduzidas. Conforme Orlandi (2008:104), “quanto mais certezas, menos possibilidades de falhas: não é no conteúdo que a ideologia afeta o sujeito é na estrutura mesma pela qual o sujeito (e o sentido) funciona”. Logo, podemos perceber que esse leitor imaginário encaixa-se nessa categoria empobrecida, já que a estrutura em que ele funciona e de onde ele passa a significar é essa de características globalizadas e espetacularizadas.

Análise: Dez mandamentos para a vida dar certo.

Para seguirmos a reflexão acerca de quem seria o leitor imaginário dos textos de autoajuda da *Internet*, também escolhemos para a análise o texto “Dez mandamentos para a vida dar certo”, acessado no site Vai

dar Certo no dia 28/08/2010. Ele encontra-se entre os textos da pasta “motivação” do site, o que já nos permite concluir que o objetivo geral do texto é motivar os seus leitores.

Anteriormente, falamos que o discurso estabelece relações com outros discursos. Esse movimento ocorre de maneira inconsciente, uma vez que essa é uma relação interdiscursiva, ou seja, como explica Indursky (2009:119), ele remete “a redes de formulações tais que já não é mais possível distinguir o que foi produzido no texto e o que provém anonimamente do interdiscurso”. Assim, podemos estabelecer relações entre os dois textos em análise sem que nos seja possível verificar uma origem para esse diálogo. Na SD8, proveniente do segundo texto, observamos como as construções do leitor imaginário dos dois textos se aproximam.

SD8: Aprenda com cada experiência e utilize a tudo para seguir em frente, sem perder tempo ou lamentar o que já passou. Recomece quantas vezes forem necessárias até encontrar o seu caminho.

Podemos estabelecer uma relação entre a SD8 e a SD4: ambas as sequências atribuem ao seu possível leitor a capacidade de superar as dificuldades e seguir em frente, sempre entendendo as experiências passadas como aprendizado. A partir daqui, podemos partir do princípio de que os dois textos possuem um mesmo leitor imaginário: aquele sujeito da contemporaneidade que não encontra tempo para refletir sobre si. Entretanto, mostraremos que a construção desse imaginário se dá de uma maneira diferenciada.

O título “Dez mandamentos para a vida dar certo” recorre aos mesmos recursos do texto anterior: dá-se credibilidade ao texto devido à força que os dez mandamentos bíblicos exercem sobre as pessoas e pela maneira como a memória é aqui ativada. Memória discursiva, de acordo com Pêcheux (1999, *apud* Cazarin 2006:303), é “aquilo que, face a um texto

que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os pré-construídos, os elementos citados e relatados, os discursos transversos, etc.”. Pela memória, ativamos então saberes que nos alcançam pela interpelação ideológica. Dessa forma, o autor partiria do princípio de que o seu título, ao fazer um apelo bíblico, revelaria sua autoridade e sua veracidade. Existe aqui, portanto, a manifestação das relações de força, sendo que, nesse caso, espera-se que o leitor imaginário coloque-se em uma posição hierarquicamente inferior.

Tal relação de superioridade que o autor estabelece com o seu leitor – o texto é mais poderoso que o leitor – pode ser facilmente observada pelos verbos sempre no imperativo que introduzem cada mandamento: “aprenda”, “aceite”, “seja”, “busque”. Em comparação ao texto anterior, podemos ver que aqui se dá ao leitor um menor espaço para questionamento, o que, associado ao distanciamento que se estabelece com o leitor, pode funcionar como um recurso que atribui mais credibilidade ao texto – se o autor coloca-se dessa maneira, ele parece estar em uma posição de superioridade em relação ao domínio do assunto. Ou seja, esse segundo texto de autoajuda é apenas um local para busca de motivação, mas não constitui um espaço onde o leitor possa buscar identificação.

O que, em um primeiro momento, chama atenção em relação ao texto é que a disposição dele é feita em itens – associados, como já dito, aos dez mandamentos. Aqui, o leitor imaginário é visto como aquele sujeito contemporâneo para quem falta tempo, e até mesmo para a sua busca por motivação não há tempo suficiente. Então, para dinamizar a leitura e torná-la mais acessível a esse público também dinâmico, a disposição se dá na forma de itens. Sibilia afirma que a noção de “perda de tempo” surgiu em meados do século XIV (2003:24). Podemos ver aqui que essa noção permanece presente e talvez com ainda mais força, já que podemos observá-la tanto na era industrial, com a mecanização do indivíduo, quanto nos tempos atuais, quando o indivíduo, tal qual um produto, perde sua

validade em curto período de tempo. Nesse sentido, falamos na velocidade da vida contemporânea e na efemeridade das relações humanas. Sibilia (2003:33) compara essas relações com as relações de mercado, único interesse capitalista:

Assistido pelo poder de processamento do instrumento digital, o novo capitalismo metaboliza as forças vitais com uma voracidade inaudita, lançando e relançando ao mercado, constantemente, novas formas de subjetividade que serão adquiridas e de imediato descartadas pelos diversos *targets* aos quais são dirigidas, alimentando uma espiral de consumo de modos de ser em aceleração crescente. Assim, a ilusão de uma identidade fixa e estável, característica da sociedade moderna e industrial, vai cedendo terreno aos “kits de perfis padrão” ou “identidades *prêt-à-porter*”, segundo as denominações de Suely Rolnik (...). Trata-se de modelos identitários efêmeros, descartáveis e sempre vinculados às propostas e aos interesses do mercado.

Voltamos, então, à questão já mencionada anteriormente acerca da contradição entre indivíduo e globalização. Ora, se a sociedade capitalista cria “kits de perfis padrão”, como pode a individualidade ser tão valorizada? Nessa lógica – ou melhor, “ilógica” – não poderíamos supor que a padronização identitária levaria à valorização do caráter coletivo das relações? O autor da autoajuda busca justamente esse sujeito que vive na “ilógica” capitalista, e podemos observar pelas seguintes sequências discursivas.

SD9: Você não tem o poder de controlar os eventos externos, nem as ações dos outros. Mas pode escolher a sua atitude diante do que lhe acontece.

SD10: Você não precisa da aceitação nem da aprovação de ninguém, a não ser a sua própria. Se o seu grupo não apóia seus ideais, mude de grupo.

SDI I: Seja seu melhor amigo.

As SD 9, 10 e 11 instigam o seu leitor a colocar seus interesses pessoais em primeiro lugar. Podemos ver aqui que o autor constrói o imaginário de identidade de um leitor que precisa se afirmar como indivíduo e, para isso, indica que este tem autonomia em relação ao seu grupo. Além disso, afirma que a posição dentro de um grupo é, na verdade, desnecessária, sendo o indivíduo o centro dele mesmo. Aqui, os “outros”, “ninguém” e o “grupo” são representativos dessa coletividade a qual deve ser evitada pelo leitor, eles são tomados como inimigos. Ao sugerir que o leitor pode mudar de grupo, o autor reafirma a noção capitalista de pessoas como produtos com prazo de validade: as pessoas são descartáveis e ser bem-sucedido ou não depende única e exclusivamente de cada um. O leitor imaginário é aqui visto como alguém altamente influenciável, incapaz de reconhecer a contradição colocada pelo autor: se alguém precisa buscar autoajuda já não é uma prova de que necessitamos de outras pessoas para que alcancemos o sucesso?

Já vimos que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e, nesse caso, falamos de uma interpelação ideológica capitalista. Orlandi afirma que “uma vez interpelado em sujeito, pela ideologia, em um processo simbólico, o indivíduo, agora sujeito, determina-se pelo modo como, na história, terá sua forma individual (izada)” (2008:107). Assim, o que percebemos é o indivíduo e esquecemos que ele é interpelado histórica, simbólica e ideologicamente.

O sujeito capitalista exemplifica-se como aquele que é menos consciente da sua interpelação: o indivíduo considera-se livre para exercer seus direitos de forma plena e tem acesso às mais diferentes informações pelos mais diversos meios. Ele não percebe que vive na ilusão de liberdade e que a própria busca pela literatura de autoajuda é prova da sua falta de orientação. Tantas opções – sendo a autoajuda uma delas –, em vez de

serem úteis, acabam se tornando um amontoado de informações com as quais o sujeito – já inundado por elas – não sabe lidar. Sibilia afirma que, na sociedade contemporânea, imperam as formas mais sutis e menos evidentes de poder. Para ela:

A nova configuração social se apresenta como “totalitária” em um novo sentido: nada, nunca, fica fora de controle. Desse modo é esboçado o surgimento de um novo regime de poder-saber, ligado ao capitalismo de cunho pós-industrial. (2003:29)

Dessa forma, a disposição do texto em forma de itens denominados mandamentos e o uso do imperativo reforçam o quanto a liberdade em que o leitor vive é questionável. Contudo, ao construir o seu leitor imaginário, o autor acaba por atenuar o aspecto totalitário do seu discurso, tal qual mostra a última SD a ser apresentada:

SD12: Busque informações. O conhecimento das diferentes opções que se tem para lidar com algo aumenta o número de escolhas disponíveis para obter um resultado positivo.

Aqui podemos observar que, após o caráter autoritário do seu discurso, caracterizado, como já vimos, pelo uso do imperativo e pela apelação bíblica, o texto é encerrado de maneira contraditória. Enquanto ao longo do texto é apresentada uma série de regras – disfarçadas pelo nome de “mandamentos”, o seu encerramento, visto que a SD corresponde ao mandamento número oito, tenta estabelecer um equilíbrio ao mostrar ao leitor que ele tem opções, que a autoajuda não é o único caminho. Entretanto, é diante de tantas opções que o leitor sente-se perdido e busca o acolhimento da autoajuda, formando-se, aqui, um ciclo de dependência disfarçado em autonomia.

Disposições finais

Para encerrarmos a nossa análise do discurso de autoajuda, citamos Orlandi (2008:104) com a sua definição de sujeito capitalista:

O sujeito moderno – capitalista – é ao mesmo tempo livre e submisso, determinado (pela exterioridade) e determinador (do que diz): essa é a condição de sua responsabilidade (sujeito jurídico, sujeito de direitos e deveres) e de sua coerência (não-contradição) que lhe garantem, em conjunto, sua impressão de unidade e controle de (por) sua vontade. Não só dos outros mas até de si mesmo. Bastando ter poder...

É justamente esse caráter contraditório do sujeito capitalista – responsável por si, mas dependente de uma liberdade dissimulada – que constitui o imaginário do leitor imaginário do discurso de autoajuda. Levando em consideração que o nosso foco foi o leitor imaginário, podemos ver que a sua construção se dá diante da percepção da necessidade sentida pelo indivíduo contemporâneo, afetado pelo vácuo da contradição em que está inserido. Entretanto, o que pudemos constatar a partir das análises foi que o discurso de autoajuda surge justamente para funcionar nesse ciclo vicioso, em que o leitor imaginário torna-se cada vez mais dependente de uma estrutura social que insiste em o nivelar – como pudemos observar na primeira análise, em que os dizeres não completamente explicitados buscam ampliar o alcance do discurso.

Outro aspecto relevante para considerarmos nessa parte final é o modo como o discurso em questão se espalha. Assim, ele está no ciberespaço, local onde a informação se distribui de forma rápida e descontrolada, sendo que, às vezes, não temos muita segurança quanto às fontes que nos são oferecidas. Contudo, o leitor tem pressa e o meio

mais acessível é, justamente, o cibernético. Além disso, esse é o meio característico da dinamicidade da sociedade contemporânea, na qual realizamos atividades simultâneas, sendo que o acesso ao consumo é tão importante quanto o acesso à informação. Poderíamos, então, novamente concluir sobre quem é esse leitor imaginário, isto é, para quem esse texto idealmente se dirige: ele não tem tempo a perder – pudemos comprovar isso pela disposição em itens do segundo texto e pela própria temática do primeiro –, ele não tem segurança em si, por isso busca ajuda externa e, ao mesmo tempo, precisa achar que tem em si os meios para resolver seus problemas, ainda que a busca pela autoajuda prove o contrário.

Pudemos, com essa análise, perceber que, por mais que o texto de autoajuda tente estabelecer uma relação pacífica com o seu leitor imaginário, ele está, na verdade, participando ativamente na construção de um sujeito capitalista que crê estar repleto de falhas. Enquanto literatura de grande alcance, ainda auxiliada pela difusão dos *blogs*, a autoajuda torna-se uma necessidade de consumo a mais, contribuindo com mais um mecanismo de uniformização do comportamento do indivíduo contemporâneo.

Referências bibliográficas

BIRMAN, Joel (2007). O sujeito desejante na contemporaneidade. In Freda Indursky, Maria Cristina Ferreira. *Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos, Claraluz, pp. 21-36.

CARVALHO, Sônia. *Falta-nos tempo. O tempo é agora!* Disponível em: <http://somostodosum.ig.com.br/blog/blog.asp?id=10331> Acesso em: 12 de mar. 2010.

CAZARIN, Ercília (2006). A leitura: uma prática discursiva. *Linguagem em (Dis)curso*. 6(2): 299-310.

COARACY, Jael. *Dez mandamentos para a vida dar certo*. Disponível em: <http://www.vaidarcerto.com.br/site/artigo.php?id=608> Acesso em: 28 de ago. de 2010.

- ELIAS, Vanda; RIBEIRO, Rafaela (2008). *Referenciação e interação em blogs*. Texto digital, 4(2). Disponível em: <http://www.textodigital.ufsc.br/num07/vandarafaela.htm> Acesso em: 02 set. 2010.
- HENGE, Gláucia (2006). *Discurso de propagandas de cursos de inglês: uma discussão sobre subjetividade e língua através de slogans publicitários*. Trabalho de Conclusão de Curso, UFRGS, Instituto de Letras.
- INDURSKY, Freda (2009). A escrita à luz da análise do discurso. In Arnaldo Cortina; Sônia Maria Nasser. *Sujeito e linguagem*. São Paulo, Cultura Acadêmica, pp. 75-69.
- LISBOA, Noeli (2008). Nos liames entre o ser e o sujeito: a escritura de Clarice Lispector. In Solange Mitman; Evandra Grigoletto; Ercilia Ana Cazarin, orgs. *Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua*. Porto Alegre: Nova Prova, pp. 110-123.
- ORLANDI, Eni (1993). Apresentação. In: Eni Orlandi. *Discurso e Leitura*. São Paulo: Cortez, pp.7-12.
- ORLANDI, Eni (2007). O sujeito discursivo contemporâneo: um exemplo. In Freda Indursky, Maria Cristina Ferreira. *Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos, Claraluz, pp. 11-20.
- ORLANDI, Eni (2008). Do sujeito na história e no simbólico. In Eni Orlandi. *Discurso e Texto*. Campinas, Pontes Editores.
- PECHÊUX, Michel (1993). Análise automática do discurso. In Françoise Gadet; Tony Hak, orgs. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, Unicamp.
- SIBILIA, Paula (2003). Mutações: a crise do capitalismo industrial. In Paula Sibilla. *O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro, Relume Dumará.

O FAZER-SENTIR E SUAS IMPLICAÇÕES ESTRUTURAIS NA RELAÇÃO DE COMENTÁRIO DE ARTIGOS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA PARA CRIANÇAS

Marcos Filipe Zandonai¹

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Resumo: Este trabalho trata da produção de sentidos para a visada fazer-sentir em um *corpus* composto por artigos de divulgação científica publicados na revista *Ciência Hoje das Crianças on line*. Na etapa quantitativa da pesquisa, o *corpus* foi analisado quanto às relações retóricas entre segmentos informacionais do texto, conforme a *Rhetorical Structure Theory (RST)* (THOMPSON & MANN, 1988). Em seguida, recorrendo a Mateus et. al (2004); Coltier (1986) e Vilela & Koch (2001), investigam-se os mecanismos de captação (CHARAUDEAU, 2009) inerentes às frases exclamativas e interrogativas, por sua vez, pertencentes à relação retórica de Comentário de alguns textos do *corpus*.

Abstract: This study deals with the production of meanings for the *visée de captation* in a corpus composed by scientific publicizing articles published in the online journal *Ciência Hoje das Crianças*. In the quantitative stage of the research, the corpus was analyzed as to rhetorical relations among informational segments of the text, according to *Rhetorical Structure Theory (RST)* (THOMPSON & MANN, 1988). After, resorting to Mateus et. al (2004), Vilela & Koch (2001) and Coltier

1. Este trabalho está vinculado ao projeto de pesquisa *Divulgação Científica: Estrutura Retórica e Organização Textual (DCEROT)*, que tem como objetivo explorar os processos de midiática da Ciência. Este fenômeno, no contexto desta pesquisa, se dá no âmbito da publicação de artigos de divulgação científica por instâncias midiáticas. Os artigos são submetidos às análises sobre os aspectos linguísticos e discursivos que apresentam. O projeto DCEROT insere-se na linha de pesquisa *Texto, Léxico e Tecnologia* do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Unisinos.

(1986), I investigated the capture mechanisms (CHARAUDEAU, 2009) inherent to exclamatory and interrogative sentences, which belong to the rethorical relation of comment from some of the corpus texts.

Introdução

Este trabalho insere-se no campo da Linguística Textual, com respaldo no método *Rhetorical Structure Theory (RST)*, cunhado por Mann & Thompson (1988). Para seguimento a esta linha teórico-metodológica, recorre-se a Taboada & Mann (2005), Mann (2000) e Carlson & Marcu (2001). A *Rhetorical Structure Theory (RST)* subsidia esta pesquisa, que, por sua vez, tem como referenciais teóricos também a Semiolinguística de Charaudeau (2004; 2008a; 2009) e as teorias estruturais de Vilela & Koch (2001), Mateus et al. (2004) e Coltier (1986). A *RST* trabalha com o pressuposto de que cada uma das partes de um texto coerente possui uma função, e, a partir daí, busca descrever este tipo de texto, explicitar as estruturas que são possíveis, enquanto unidades fundamentais, que têm uma ocorrência mais ou menos estável (TABOADA & MANN, 2005). De acordo com Giering (2009: 2), “a concepção de texto subjacente é a de que o texto é uma configuração de estratégias, sendo possível descrever que tipos de partes o compõem e os princípios de organização dessas partes no texto como um todo”.

Leva-se em conta, também, a ideia de Contrato de Comunicação (CHARAUDEAU, 2006), mais especificamente a noção de Contrato de Comunicação Midiática, que reúne visadas de informação (fazer-saber) e de captação (fazer-sentir). O Contrato de Comunicação como referencial nas manifestações discursivas está relacionado aos aspectos peculiares da situação de troca. Consiste no “contrato de reconhecimento das condições de realização da troca linguageira” (CHARAUDEAU, 2009: 68), permeado por certas restrições e “liberdades”.

A captação é constitutiva da divulgação científica, engendrada nas visadas de informação. Entende-se por visada uma atitude enunciativa, empregada em decorrência de um posicionamento do falante com relação ao que irá fazer para que o outro faça, ou, em outras palavras, o modo de organização discursiva em prol de um objetivo. Visada é, então, a “intencionalidade psico-sócio-discursiva que determina a expectativa (*enjeu*) do ato de linguagem do sujeito falante e, por conseguinte, da própria troca linguageira” (CHARAUDEAU apud MACHADO & MELO, 2004: 23). No que diz respeito à captação, Charaudeau (2009) pontua que se trata de um procedimento inevitável, uma vez que a inserção de um discurso no domínio midiático exige certo teor de *dramatização*. Neste contexto, a visada *pathos* (ou fazer-sentir) assume um papel fundamental, pois é responsável por “provocar no outro um estado emocional agradável ou desagradável” (CHARAUDEAU, 2009: 69). Em decorrência da natureza do *corpus* deste subprojeto de investigação – artigos de divulgação científica publicados na revista *Ciência Hoje das Crianças on line* –, a visada *pathos* (fazer-sentir) é preponderante nestes textos. As características do público infantil, enquanto destinatário, exercem fortes influências sobre os modos de organização discursiva dos artigos.

A relação de Comentário, enquanto enfoque desta investigação, corresponde a uma das categorias de *RST* e caracteriza-se por apresentar um satélite (S) o qual expressa uma nota subjetiva sobre uma unidade anterior, e núcleo (N) que abarca uma situação. Núcleo e satélite são duas unidades de texto interligadas de modo que uma delas desempenha um papel específico sobre a outra (TABOADA & MANN, 2005). A relação de Comentário está intimamente comprometida com as pretensões dos pesquisadores, podendo-se dizer que, em muitas vezes, exprime algum indício para o futuro das investigações (FUCHS, SOUZA & GIERING, 2008). Além disso, estabelece elos temáticos, nas possibilidades de um dado novo, por meio da suscitação de elementos externos, que contribuem para complementar

a pesquisa focalizada. A partir daí, fica mais acessível à especificação das unidades relacionais do Comentário, contendo um núcleo que explicita a pesquisa enquanto relato do que nela foi feito com bases empíricas, e um satélite que exprime um dado novo e/ou um impulso para a continuação de estudos sobre o tema (FUCHS, SOUZA & GIERING, 2008). Inexistem normas quanto à ordem das unidades núcleo e satélite, apesar da existência de uma probabilidade organizacional, devido ao condicionamento do núcleo e do satélite às estruturas informacionais (TABOADA & MANN, 2005). Nos artigos para crianças, por causa do levantamento de um problema (questionamento) no início dos textos, a relação de Comentário se encarrega de um fechamento conclusivo, que exprime uma (re)solução para a problemática incitada nos segmentos introdutórios. Para fins metodológicos, fez-se um recorte específico na relação de Comentário, que resultou na seleção de frases exclamativas e interrogativas nela presentes. Observaram-se a sintaxe e o funcionamento pragmático destes enunciados no contexto do Comentário, tendo como suporte os postulados sobre estruturas prosódicas (MATEUS ET. AL, 2004), apesar de se considerar também suas conexões com outros segmentos informacionais dos textos, mediante a teoria da estrutura temática (VILELA & KOCH, 2001). Tema e rema, conforme Vilela & Koch (2001) constituem segmento comunicativamente estático e segmento comunicativamente dinâmico, respectivamente. O tema se refere à informação dada e o rema consiste nas retomadas e comentários. Por meio da análise do *corpus* é possível prever que os elementos de tematização e rematização são essenciais para a construção dos sentidos dos textos, convergentes às visadas.

Um pouco sobre a noção de prosódia

Para entender a prosódia, é essencial ter em mente o que se entende por acento, que é seu cerne. O acento é, segundo Mateus (2004a: 15), o

“resultado da conjugação das propriedades de duração e intensidade do som vocálico, que marca uma sílaba mais forte (ou proeminente na sequência fonética que constitui a palavra)”.

A classificação das frases interrogativas (ou exclamativas) presentes na relação de Comentário dos artigos perpassa necessariamente o espaço, a função e as implicações do escopo – foco da interrogação/exclamação – num segmento. Somente a partir da identificação da incidência do escopo, torna-se viável a compreensão da dinâmica retórica do locutor; constatam-se as evocações do jornalista/cientista para determinados fins discursivos. É neste panorama que as frases² interrogativas e exclamativas, propostas por Mateus et. al (1983; 2004), se dividem como mostra o seguinte esquema:

SISTEMA PROSÓDICO	DEFINIÇÃO
Exclamativas em que o escopo da exclamação recai sobre advérbio	frases em que se enfatiza um advérbio de caráter intrinsecamente valorativo
Interrogativas totais (globais ou proposicionais)	são construídas a fim de obter da parte do alocutário uma resposta de sim ou não.
Interrogativas <i>eco</i>	caracterizam-se pela presença de um morfema interrogativo que adquire ênfase na frase, normalmente situando-se no seu início. Por meio desta frase, o locutor estabelece relações de força epistêmica, uma vez que serve para indagar certas asserções que podem, por exemplo, ser ditas antes da construção interrogativa.
Interrogativas <i>tag</i>	Interrogativas <i>tag</i> – resguardam conteúdos de valor declarativo utilizados para produzir determinadas manifestações por parte do alocutário. Daí surge a pertinência do uso absoluto de verbos e de eventuais partículas de negação.

2. Neste trabalho, são usados o termo “enunciado” e o termo “frase” para o mesmo objeto de investigação. O emprego de “frase” vincula-se a ideia de que mesmo sequências com apenas uma palavra constituem frases (como é o caso de alguns segmentos informacionais das relações de Comentário do *corpus*), o que é respaldado por Cunha & Cintra (2007). Períodos compostos e simples também são contemplados nas descrições que comportam a investigação aqui empreendida.

Frases simples de expressão de ordem com sujeitos nulos – afirmativas	são frases que exprimem ordens de valor afirmativo por meio dos modos imperativo, indicativo, conjuntivo e formas verbais de gerúndio e infinitivo.
Frases simples de expressão de ordem com sujeitos nulos – negativas	neste caso, o sentido imperativo da construção exclamativa (ocorrência majoritária) se dá acompanhado de elementos de negação.
Escopo da exclamação (ou interrogação) recai sobre SN	nestas construções pode ser enfatizada tanto a qualidade do objeto quanto a sua quantidade. “Elas recuperam na própria exclamação aquilo que é dado pelo discurso anterior ou pela situação: portanto, o escopo da exclamação só é aferível contextualmente” (MATEUS et. al, 1983, p. 391).
Exclamativas em que o escopo da exclamação recai sobre um verbo	apresentam verbos graduáveis e valorativos como agradecer, detestar, odiar, etc.
Interrogativas parciais (ou de instânciação)	apresentam entidades gramaticais de interrogação por excelência, como pronomes, advérbios e adjetivos interrogativos. “A presença de tais constituintes marca precisamente o foco da interrogação” (MATEUS et. al, 2004, p. 463).

Quadro 1: Sistemas prosódicos e suas características.

Observa-se, prosodicamente, propriedades pertencentes ao som (tom, acento, duração), fatores que “contribuem para a interpretação do significado e determinam o ritmo da frase” (MATEUS ET. AL, 2004: 1037). Tais componentes prosódicos, de nível microestrutural, ao interagirem com outros constituintes dos segmentos informacionais e ao adquirirem novas funcionalidades semântico-pragmáticas nos textos, produzem efeitos de sentido convergentes ao horizonte de expectativas da situação comunicativa, que passa a ser suprida pelo fazer-saber, fazer-sentir, dentre outras operações. O que se pode dizer, então, é que a interrogação e a exclamação dão conta do Contrato de Comunicação, na medida em que oferecem ao produtor do texto, elementos que, em implantação no texto e em inter-relação com outros recursos linguísticos (e visuais) do texto, reforçam o lugar das visadas na relação de Comentário.

As frases apresentam uma configuração mais ou menos estável, cujos arranjos estruturais implicam, em certas condições e ocasiões, visadas de fazer-saber, fazer-criar, etc. Aqui, se faz necessário esclarecer, de antemão, a consistência das visadas na perspectiva Semiolinguística. Além da visada fazer-sentir, explicitada anteriormente, Charaudeau (2009: 69) define o fazer-criar em “querer levar o outro a pensar que o que está sendo dito é verdadeiro (ou possivelmente verdadeiro)”. Entende-se por fazer-fazer, “querer levar o outro a agir de uma determinada maneira”. E temos também a visada informativa, “que consiste em querer ‘fazer saber’, isto é, querer transmitir um saber a quem se presume não possuí-lo” (CHARAUDEAU, 2009: 69). Além destas visadas, ocorre também o fazer-compreender, postulado por Coltier (1986: 2), que é quando o produtor “resolveu, ou acredita ter resolvido o problema e decide comunicar a solução aos outros, com o objetivo de modificar a percepção que os outros têm do real”. Essas noções são importantes, porque todas as visadas mencionadas estão presentes nos artigos, como verificaremos mais adiante na tabela de ocorrências do *subcorpus*.

Metodologia

O *corpus* é composto por 31 artigos de divulgação científica publicados na revista *Ciência Hoje das Crianças on line*. Na etapa quantitativa³ da pesquisa, o *corpus* foi analisado quanto às relações retóricas predominantes entre segmentos⁴ informacionais do texto. A partir daí, verifica-se a

3. A etapa quantitativa, que se refere à contagem das relações retóricas correspondentes às porções micro e macroproposicionais (MANN & THOMPSON, 1988) é anterior ao desenvolvimento do presente subprojeto de investigação.

4. A etapa quantitativa, que se refere à contagem das relações retóricas correspondentes às porções micro e macroproposicionais (MANN & THOMPSON, 1988) é anterior ao desenvolvimento do presente subprojeto de investigação.

recorrência das relações *RST* que conectam segmentos macroestruturais dos textos. Dentre as relações retóricas observadas no *corpus*, podemos citar a de Solução⁵, de Preparação e de Comentário. Para a presente investigação, enfoca-se a relação de Comentário, que geralmente finaliza os artigos, e é caracterizada pela presença de núcleo (situação) e satélite (nota subjetiva sobre tema anterior), que são unidades relacionais empregadas para o cumprimento de determinados propósitos do produtor do texto (FUCHS, SOUZA E GIERING, 2008).

A análise começa com a leitura de 31 artigos de divulgação científica do *corpus* infantil⁶, sendo que posteriormente fez-se um recorte de 26 artigos (que é o *subcorpus*), aqueles apresentavam relação de Comentário. Em seguida, investigou-se a ocorrência de frases exclamativas e interrogativas no contexto do Comentário dos artigos do *subcorpus*. Após a releitura destes artigos, fez-se um levantamento da produção de sentidos implicada nas construções exclamativas e interrogativas, em especial, os efeitos do fazer-sentir em tais enunciações. O registro das frases, bem como a formalização das visadas envolvidas, em correspondência com a descrição da tipologia estrutural dos enunciados deu-se por meio da elaboração de um quadro de ocorrências (ver quadro I). A explicitação da natureza dos enunciados enquanto formulações eminentemente prosódicas foi embasada na proposta de Mira Mateus (2004) no intuito de convocar fenômenos linguísticos em nível de enunciado com recursos engendrados

5. Segundo Becker & Giering (2008), a relação de Solução contém a descrição dos procedimentos e fatos que asseguram a compreensão integral dos fenômenos científicos, sendo que o núcleo desta relação apresenta os motivos e as finalidades, enquanto o satélite apresenta necessariamente um problema científico que pode dividir espaço com manifestações de desejo. Na relação de Preparação, o produtor do texto usa o conteúdo exposto no satélite para fazer com que o destinatário se sinta mais preparado (ou orientado) para ler o núcleo, assegurando a compreensão do restante do artigo. É por isso que, neste caso, o satélite vem antes do núcleo no texto (Taboada & Mann, 2005).

6. Para o projeto DCEROT, foram selecionados artigos que atendiam a um critério básico: os artigos devem informar ou explicar um fenômeno ou descoberta científica.

na teia semiológica da discursividade científica. Estes recursos linguístico-discursivos “explicariam” a recorrência das visadas discursivas da relação de Comentário.

A tabela é constituída por excertos retirados de alguns textos do *subcorpus* que contêm relação de Comentário, muitos permeados por frase(s) exclamativa(s) e/ou interrogativa(s) e suas respectivas classificações do ponto de vista prosódico.

Finalizada a tabela, passou-se para a análise dos dados.

Artigo	relação de Comentário	Frase(s) exclamativa(s) e/ou interrogativa(s)	Denominação da construção exclamativa e/ou interrogativa
1. Chove chuva, sem parar	(22) Ter informações como essas – que retratam onde chove mais ou menos – é fundamental para a agricultura. (23) “Dessa forma, é possível indicar qual tipo de cultura deve ser plantada em determinada região e em qual época. (24) Mas ainda há aplicações úteis também para áreas urbanas. (25) É possível definir as áreas de riscos de enchentes e inundações, por exemplo, assim como o tamanho ideal das redes que coletam as chuvas, os bueiros para escoar a água etc.”, explica Daniel. (26) Para você ver que ficar de olho nas chuvas é muito importante!	Para você ver que ficar de olho nas chuvas é muito importante! Fazer-fazer // Fazer-sentir	Construção exclamativa em que o escopo recai sobre o sintagma nominal, com ênfase na qualidade.

2. Descoberta de gente grande	(30) O material coletado na ilha do Marajó pelas crianças e pelos pesquisadores fica guardado no Museu Paraense Emílio Goeldi, onde os arqueólogos trabalham para descobrir mais sobre as sociedades que viviam por lá há centenas de anos. (31) O acervo não pára de crescer! (32) Quantos tesouros mais devem estar escondidos nos rios amazônicos?	O acervo não pára de crescer!	Exclamativa total
		Fazer-sentir // fazer-saber	
		Quantos tesouros mais devem estar escondidos nos rios amazônicos?	Escopo da interrogação recai sobre SN, com ênfase na quantidade.
		Fazer-sentir // Fazer-fazer	
3. Ciência pra fazer bolo	(20) Sei não, mas acho que esse papo de química da culinária dá uma fome!	Sei não, mas acho que esse papo de química da culinária dá uma fome!	Construção exclamativa em que o escopo recai sobre o sintagma nominal, com ênfase na qualidade.
		Fazer-sentir	

Quadro 2: Quadro de ocorrências de frases exclamativas e interrogativas na relação de Comentário.

Descrição da análise semiolinguística a partir da tipologia frasal⁷

Artigo:

(1) Ciência para fazer bolo

(2) Três xícaras de farinha de trigo, três xícaras de açúcar, três ovos, um copo de leite, uma colher de manteiga e uma colher de fermento. (3) Bata a manteiga com o açúcar até formar uma pasta. (4) Depois, acrescente as gemas. (5) Vá adicionando a farinha, o fermento e o leite sem parar de mexer. (6) Como última etapa, bata as claras em neve e misture tudo. (7) Coloque a massa em um tabuleiro e leve-a ao forno pré-aquecido. (8) Em alguns minutos você poderá saborear um apetitoso bolo! (9) Mas como foi que aquela massa viscosa mudou de aparência, transformando-se numa delícia de dar água na boca?



(10) O fermento é o principal elemento da transformação. (11) É ele o responsável pelo o aumento do volume do bolo, que acontece assim: a temperatura alta faz com que o fermento libere gás carbônico (o mesmo das bolhinhas de refrigerante). (12) Esse

7. A análise semiolinguística foi realizada em todos os artigos que constituem o *subcorpus*. Opta-se em apresentar um deles, *Ciência para fazer bolo*, que evidencia fenômenos proeminentes referentes à captação nas construções exclamativas e interrogativas da relação de Comentário e suas relações com o fenômeno icônico.

gás se expande e faz o bolo crescer. (13) O único problema é que, depois de um tempo, o gás carbônico escapa (como no refrigerante) e, sem ele, o bolo murcha. (14) Mas isso não acontece graças aos outros ingredientes.



(15) A própria mistura (e também as claras em neve!) possui pequenas bolhas de ar que ajudam a dar sustentação à massa. (16) Depois, o calor do forno colabora com essa sustentação na medida em que vai solidificando a massa. (17) Nessa passagem para o estado sólido, os ovos se ligam ao leite, formando filamentos (fios muito finos). (18) E a farinha de trigo absorve o líquido, transformando-se em uma substância parecida com a gelatina. (19) Tudo isso ajuda a manter o bolo de pé, mesmo depois de o gás carbônico escapar. (20) Sei não, mas acho que esse papo de química da culinária dá uma fome!

Bruno Magalhães

Instituto Ciência Hoje/RJ.

(Magalhães, 2000).

Eis a construção exclamativa da relação de Comentário:

(20) Sei não, mas acho que esse papo de química da culinária dá uma fome!

Identifica-se, neste segmento, o pronome demonstrativo *esse*, que precede *papo de química da culinária*, constituindo a retomada do conteúdo que compreende as relações de Preparação e de Solução (segmentos de I a I9). Estes fragmentos enunciativos afirmam a sequência tema-remata no artigo, cuja tematização se insere na parte inicial do texto, esclarecendo os processos químicos envolvidos na produção do bolo. O uso dessa sequência relativamente ordenada comporta, como salienta Vilela & Koch (2001), a hierarquização das unidades linguísticas, organização indispensável para fins de coerência discursiva.

A relação de Comentário, para trazer uma informação complementar, dispõe da integração entre um elemento temático e um elemento remático, por intermédio de entidades gramaticais específicas. Atentando-se aos efeitos de sentido produzidos pelo enunciado exclamativo, é possível identificar a apropriação, por parte do locutor, de um quadro de referências que lhe permite direcionar a visada *pathos* de modo eficaz. O locutor parte de pressupostos concernentes ao funcionamento orgânico dos indivíduos sociais, de modo a se incluir no grupo daqueles que “sentem fome”, desejo provocado pelo tal “papo de química da culinária”. O ponto de exclamação chama a atenção para este fato, na medida em que age em consonância com a autenticidade comportamental do público infantil. O jornalista se aproxima do leitor, ao se pronunciar à maneira de criança, o que só é possível por meio da presunção de reações diante de um discurso repleto de termos alimentícios.

A iconicidade⁸ do artigo impulsiona a produção de efeitos sobre o destinatário, uma vez que as figuras existentes se destacam no corpo do texto ao representarem ingredientes e produtos alimentícios, além de

8. Entende-se iconicidade enquanto recurso materializado em signos não-verbais usados para efetuar o processo de semiotização do mundo, na perspectiva de Charaudeau (2009). Portanto, não se trata da concepção funcionalista de iconicidade.

inserir encadeamentos sugestivos entre gosto e fome (bolo que parece delicioso do ponto de vista do cachorro faminto). Indubitavelmente, a ação consonantal entre as gravuras e os recursos linguísticos antes mencionados contribuem para a visada fazer-sentir. Além disso, a apresentação iconográfica obedece à restrição de visibilidade (CHARAUDEAU, 2008), que constitui um critério elementar no contrato midiático de divulgação científica para crianças.

Resultados e discussão

Após processamento das ocorrências sintáticas e prosódicas e posterior análise dos dados, verificou-se:

- 11 (onze) ocorrências do sistema prosódico: escopo da exclamação ou interrogação recai sobre SN (sintagma nominal) com ênfase sobre a qualidade (ou quantidade) (doravante EE – para escopo da exclamação).
- 2 (duas) ocorrências do sistema: exclamativa parcial.
- 2 (duas) ocorrências do sistema: enunciado (interrogativa/exclamativa) *eco*.
- 4 (quatro) ocorrências do sistema: interrogativa *tag*.
- 1 (uma) ocorrência do sistema: escopo da exclamação recai sobre o verbo.
- 2 (duas) ocorrências do sistema: escopo da exclamação recai sobre advérbio.
- 2 (duas) ocorrências do sistema: exclamativa total.
- 3 (três) ocorrências do sistema: frase simples de expressão de ordem com sujeito nulo – afirmativa.
- 1 (uma) ocorrência do sistema: interrogativa de instanciação simples.
- 1 (uma) ocorrência do sistema frase simples de expressão de ordem com sujeito nulo – negativa.

Aprofundando o olhar sobre os resultados da pesquisa, no que concerne à predominância da visada fazer-sentir, recorre-se ao quadro 3 (mais adiante), que mostra os processos de tematização a que EE, construção mais recorrente, se submete de modo a pronunciar a captação da relação de Comentário dos artigos do *corpus*. O quadro 3 serve para mostrar que as operações de tematização auxiliam na mobilização de emoções e sentimentos no público leitor, revelando o fazer-sentir, por meio de inserções de itens semiológicos que incidem sobre a microestrutura produtora de sentidos. Para isso, usam-se 3 artigos do *corpus* como exemplos.

Nome do artigo	Construção exclamativa / interrogativa correspondente a EE	Rema	Tema
1. Chove chuva sem parar	(26) Para você ver que ficar de olho nas chuvas é muito importante!	muito importante (segmento 26)	fundamental (segmento 22) aplicações úteis (segmento 24)
2. Descoberta de gente grande	(31) O acervo não pára de crescer! (32) Quantos tesouros mais devem estar escondidos nos rios amazônicos?	tesouros (segmento 32)	Mobiliário mortuário (segmento 29); urnas funerárias (segmento 22); fragmentos de cerâmica (segmento 13); material arqueológico (segmento 15); pedaços de cerâmica com desenhos indígenas (segmento 3); urnas mortuárias (segmento 8)

3. Ciência para fazer bolo	(20) Sei não, mas acho que esse papo de química da culinária dá uma fome!	fome (segmento 20) Papo (de química da culinária) (segmento 20)	delícia (de dar água na boca) (segmento 9) + Iconografia Segmentos que compreendem o artigo como um todo, em decorrência da sua semelhança com o gênero receita culinária.
----------------------------	---	--	---

Quadro 3: mecanismos de tema e rema relacionados ao sistema escopo da exclamação recai sobre a qualidade (EE).

Resultados qualitativos

A predominância do fazer-sentir acontece, primeiramente, porque todos os artigos referenciados acima apresentam construção exclamativa ou interrogativa correspondente ao sistema prosódico mais recorrente no *corpus*: escopo da exclamação ou interrogação recai sobre SN.

A quadro 3 reforça o vínculo existente entre a visada discursiva fazer-sentir e a construção prosódica mais recorrente, provando que esta última constitui uma marca linguística relevante, devido à sua função na captação do público leitor, a partir dos mecanismos textuais de tema e rema. O sistema EE teve um destaque, enquanto suporte que viabiliza a expressão de emoções, dentre os outros sistemas, aplicáveis às frases exclamativas e interrogativas –, que de antemão, chamam atenção – da relação de Comentário.

Os mecanismos de tematização introduzem deslocamentos de sentidos, de acordo com a progressão do texto, e resultam na inserção de constituintes rematizados munidos de novas significações, como sugere a própria relação de Comentário, ao se considerar a instituição

de novas perspectivas do assunto, não apresentados no núcleo, porque empreendidos pelo satélite de tal relação. Portanto, tema e rema são “submarcas” linguísticas fundamentais na relação de Comentário, tanto incorporadas em SN’s quanto em adjuntos. Seus comportamentos ajudam na progressão do texto, obedecendo a aspectos cognitivos (do produtor e do receptor), devido à constante renovação lexical/semântica que pressupõe a permanente atualização dos sentidos do texto, paralelos às relações retóricas. A inclusão de determinadas estruturas sintáticas atende aos campos fragmentários do texto, cada um carregando certa especificidade no que se refere à emissão de informações pelos segmentos proposicionais a que pertencem.

A pertinência do fazer-sentir na relação de Comentário, numa primeira etapa, não-suficiente, decorre da evocação de elementos externos à pesquisa, organizados de modo a articular uma perspectiva subjetiva à situação-problema da pesquisa publicada.

Conclusão

Conclui-se que as exclamações e interrogações da relação de Comentário dos artigos do *subcorpus* permeiam-se da visada fazer-sentir, ao incorporarem o sistema *escopo da exclamação ou interrogação recai sobre SN*.

Ao examinar este *subcorpus*, parece saliente que a condição de captação está fortemente presente nos artigos, pois se forma no interior das práticas discursivas inerentes à divulgação científica midiática.

Uma análise minuciosa, em sintonia com as urgências textuais, pode revelar outras intencionalidades do produtor; é preciso sempre ter em mente que a localização de uma frase no texto não depende de uma decisão trivial do produtor. Pelo contrário, as motivações de natureza retórica se convertem em informações que, muitas vezes,

podem dizer muito mais do que o próprio enunciado. Além disso, é imprescindível destacar o poder de construção de novos significados a partir da concatenação de informações disponíveis no texto com as informações fornecidas pela imagem que, por sua vez, assume extrema relevância na absorção de conhecimentos por parte da criança.

Referências

BECKER, J. P. L. ; GIERING, M. E. . A relação de solução em textos de divulgação científica para jovens. In: II Colóquio da ALED no Brasil: intercâmbio de práticas inovadoras, 2008, Brasília. *Anais do II Colóquio da ALED no Brasil: intercâmbio de práticas inovadoras*. Goiânia : Cãnone Editorial, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *Le discours d'information mediatique: La construction du miroir social*. 1. ed. Noisy-le-grand: Nathan, 1997.

_____. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. (org.). *Du discours de vulgarisation au discours de médiatisation scientifique. La médiatisation de la science*. Bruxelles, Éditions De Boeck, 2008.

COLTIER, D. 1986. *Aproches di texte explicatif*. Pratiques, Metz (51): 3-22, sept.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

GIERING, M. E. A divulgação científica midiática para crianças e os fins discursivos. *Revista do GEL (Araraquara)*, v. 5, p. 109-128, 2008.

_____. Artigos de divulgação científica midiática para jovens e o fazer-sentir. In: II Colóquio da ALED no Brasil, 2009, Brasília. *Anais do II Colóquio da ALED no Brasil - Intercâmbio de práticas inovadoras*. UnB : UnB, 2008. v. 1. p. 1-7.

CARLSON, L.; MARCU, D. *Discourse taggin reference manual (2001) ISI Technical Report ISI – TR – 545*.

FUCHS, J.T.; SOUZA, J.A.C.; GIERING, M.E. *A relação de Comentário como escolha estratégica em textos midiáticos de divulgação científica*. In: II Colóquio da ALED no Brasil, 2008, Brasília. *Anais do II Colóquio da ALED no Brasil*. Brasília: Universidade de Brasília, 2008.

MAGALHÃES, Bruno. *Ciência para fazer bolo*. Disponível em: <http://chc.cienciahoje.uol.com.br/noticias/fisica-e-quimica/ciencia-para-fazer-bolo/?searchterm=ciencia%20para%20fazer%20bolo>. <Acesso em 26/11/2007>.

MACHADO, I. L. & MELLO, R. (orgs.). *Gêneros: reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004.

MANN, W.C., TABOADA, M. 2005. *Introdução à Teoria da Estrutura Retórica*. Disponível em: <http://www.sfu.ca/rst/07portuguese/intro.html>. <Acesso em: 15/04/2010.>

MANN, W.C.; MATTHIESSEN, C.M.I.M.; THOMPSON, S. A. *Rhetorical Structure Theory and Text Analysis*. In: MANN, W.C. & THOMPSON, S.A. *Discourse description: diverse linguistic analyses of a fund-raising text*. Amsterdam, John Benjamins. 1992.

MANN, B. *Introducción a la Teoría de la Estructura Retórica (Rhetorical Structure Theory: RST)*, agosto 1999. Atualizado em setembro 2000. Disponível em: <<http://www.sil.org/~mannb/rst/spintro.htm>>. Acesso em: 05/04/2010.

MATEUS, H.M.M.; BRITO, A.M.; DUARTE, I.S.; FARIA, I.H. *Gramática da língua portuguesa*. 6ª ed. Lisboa: Caminho, 2004.

MATEUS, M. H. M. *Estudando a melodia da fala: traços prosódicos e constituintes prosódicos*. ENCONTRO SOBRE O ENSINO DAS LÍNGUAS E A LINGUÍSTICA, 2004, APL e ESSE de Setúbal. FLUL/ILTEC. 1 – 26.

VILELA, M. A. Q.; KOCH, I. G. V. *Gramática da língua portuguesa: gramática da palavra, gramática da frase, gramática do texto/discurso*. Coimbra: Almedina, 2001.

A DICOTOMIA DO PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO: UM ESTUDO DO TEMPO NARRADO E DO TEMPO COMENTADO NO TEXTO JORNALÍSTICO E LITERÁRIO

Naira Carla Castro¹

Faculdades Vale do Carangola/FAVALE
Universidade do Estado de Minas Gerais/UEMG

Resumo: Este artigo tem por finalidade investigar a dicotomia do pretérito imperfeito do indicativo, um estudo do tempo narrado e do tempo comentado em seis textos de domínios discursivos específicos: jornalístico e literário, tendo por base os pressupostos teóricos de Weinrich (1968), Fiorin (2002) e Koch (2003). Nesses textos, o questionamento que se faz é se o pretérito imperfeito do indicativo, como categoria verbal, encontra-se presente tanto no mundo narrado quanto no mundo comentado. Com a análise, constata-se que o tempo verbal investigado, sob a teoria discursiva da temporalização, pode ser empregado nesses dois mundos.

Palavras-chave: Pretérito imperfeito do indicativo; temporalidade verbal; domínio discursivo; tempo narrado; tempo comentado.

Abstract: This article aims to investigate the dichotomy of the imperfect tense, a study of narrated tense and commented tense in six texts of specific journalistic and literary discursive domains, based on the theoretical presumptions of Weinrich (1968), Fiorin (2002) and Koch (2003). In these texts, the question that arises is whether the imperfect tense, as a verbal category, is both present in the narrated

1. Este artigo é resultado do Trabalho de Conclusão de Curso. “A dicotomia do pretérito imperfeito do indicativo: um estudo do tempo narrado e do tempo comentado no texto jornalístico e literário”, sob orientação da Profa. Ivete Monteiro de Azevedo.

world and in the commented world. With the analysis, it is shown that the verbal tense investigated, under the discursive theory of the verbal tense, can be used in these two worlds.

Key-words: imperfect tense, verbal tense, discursive domain, narrated tense, commented tense.

I. Introdução

A dicotomia do pretérito imperfeito entre os mundos narrado e comentado torna-se possível pelo fato de esse tempo verbal transitar nesses dois mundos manifestando traços do aspecto inconcluso, ora narrando, ora descrevendo, ora as duas formas. As manifestações distintas do referido tempo foram estudadas para este artigo em domínios discursivos específicos: o literário e o jornalístico.

Segundo Koch (2003:54), na esteira de Weinrich (1968), os tempos verbais podem ser empregados como base para diferenciação entre dois tipos de situações comunicativas: o mundo narrado e o mundo comentado.

No primeiro, o falante se distancia do seu discurso, não se comprometendo, por conseguinte, com o que é relatado, enquanto no segundo, existe um maior nível de comprometimento do falante com o que ele enuncia.

Diante disso, somos instigadas a pesquisar se, realmente, o tempo pretérito imperfeito do indicativo, como categoria verbal, empregado em sequências tipológicas, ora narrativas, ora descritivas, em domínios linguísticos específicos, se faz presente tanto no mundo narrado quanto no mundo comentado.

Em Marcuschi (2002:31), a heterogeneidade tipológica se define como a presença de várias sequências de tipos textuais num mesmo texto. Nessa heterogeneidade, verifica-se a presença da dicotomia do pretérito imperfeito.

De acordo com Fiorin (2002:158), o pretérito imperfeito do indicativo, estudado à luz da teoria discursiva da temporalização, apresenta-se ora como imperfeito descritivo, ora como imperfeito narrativo.

Sendo assim, para o desenvolvimento deste estudo, tomamos o gênero literário crônica e o gênero reportagem jornalística como objetos de pesquisa: os *corpora* são compostos por seis textos, sendo três crônicas literárias e três reportagens jornalísticas. Como quadro teórico-metodológico, apoiamo-nos na teoria discursiva da temporalização.

A investigação inicia-se com um breve conceito do que se pode entender por *TEMPO*, a partir de um encaixamento histórico do processo e, em seguida, passamos a examinar a temporalidade verbal do pretérito imperfeito do indicativo nos textos selecionados.

2. O que é *TEMPO*?

Definir tempo sempre foi um desafio para o homem. Aristóteles (1999) e Santo Agostinho (1989 *apud* AZEVEDO 2008:53) analisaram o tempo sob pontos de vista diferentes: o primeiro analisou o tempo como fenômeno físico, enquanto o segundo estudou-o como um fenômeno que não tem suporte cosmológico, mas que emerge no espírito humano. De acordo com Aristóteles (1999 *apud* AZEVEDO 2008:53), é devido à percepção do movimento que nos deparamos com a percepção temporal, uma vez que o tempo está relacionado ao movimento. Portanto, o tempo não faz sentido sem a mudança, nem sem o movimento: sua medida está inserida na anterioridade e na posterioridade das ações. O tempo tem suporte cosmológico, porque está disposto nos ensinamentos da Física, que considera o tempo como sendo um processo quantitativo, expresso por grandezas.

Por outro lado, Santo Agostinho (1989 *apud* AZEVEDO 2008:54) encontrou um paradoxo na noção de tempo e nas relações entre o tempo

e a eternidade. As dúvidas emergiam das próprias falhas existentes nos preceitos da Física de Aristóteles.

Ainda segundo suas reflexões, a base para a compreensão da extensão temporal está na linguagem. Ao proporcionar ao homem a experiência temporal, a linguagem torna-se a única via para medir o tempo.

No centro da longa polêmica sobre o tempo, o sociólogo Elias (1998:27) se assenta na ideia de que o tempo é um símbolo representativo da sociedade. Os calendários instituídos pelos homens e os mostradores dos relógios asseveram o caráter simbólico do tempo. E, por essa razão, o tempo tem sido, sobretudo, um enigma para o homem.

Dentro desse contexto, o sociólogo aponta que filósofos, físicos e matemáticos tinham percepções diferentes concernentes ao tempo: Newton, por exemplo, sustentava que o tempo se constituía a partir de um dado objetivo, independente da realidade humana, enquanto o filósofo Kant afirmava que o tempo era a representação subjetiva, arraigada na natureza humana.

Censorinus (*apud* ELIAS 1998:63-64), depois de ter explicitado o “tempo absoluto”, descreveu as três dimensões do tempo na experiência humana: passado, presente e futuro:

[O tempo absoluto] é imenso, sem começo nem fim. Sempre existiu e sempre existirá da mesma maneira. Não se relaciona com nenhum ser humano mais que outro. Divide-se em três tempos: o passado, o presente e o futuro. O passado não tem entrada, o futuro não tem saída. Quanto ao presente, situado na posição intermediária, é tão breve e inapreensível, que não possui extensão própria e parece reduzir-se à conjunção do passado com o futuro. É tão instável que nunca fica no mesmo lugar; e tudo aquilo que é por ele atravessado é retirado do futuro para ser entregue ao passado.

Nessa perspectiva da tríade temporal, Elias (op. cit, 1998) considera que “o presente é aquilo que pode ser imediatamente experimentado, o passado é o que pode ser lembrado, e o futuro é a incógnita que [sic] talvez ocorra, algum dia” (ELIAS 1998:66).

Já Corôa (2005:24-25) informa que antes de haver preocupação com a língua e sua relação com a noção temporal, os lógicos, os filósofos antigos e medievais já se ocupavam com questões concernentes ao tempo. Havia dois motivos principais para essa preocupação:

- as reflexões lógicas esbarram frequentemente nas distinções dos tempos;
- o que se considera verdadeiro em um tempo pode ser falso em outro.

Decorrida a Renascença, os lógicos e os filósofos não chegaram a um consenso a respeito das relações entre a lógica e o tempo, sendo essas relações negadas de várias maneiras. Os lógicos de Port-Royal julgavam que a função do indicativo era, exclusivamente, expressar ideia de afirmação, enquanto cabia a outras partes do discurso a referência temporal. Nas concepções da lógica, defendia-se que a tarefa do verbo não era esclarecer a conexão entre passado e futuro de um acontecimento em relação ao sujeito, mas declarar a coexistência desses dois conceitos no ato de pensar.

Para Benveniste (1989:71), o tempo distingue-se em tempo físico, tempo crônico e tempo linguístico.

O tempo físico do mundo é um contínuo uniforme, infinito, linear e que cada indivíduo mensura-o pelo grau de suas emoções e pelo ritmo de sua vida interior. O tempo crônico é o tempo dos acontecimentos englobando nossa própria vida enquanto sequência de acontecimentos. O que denominamos “tempo” é a continuidade em que se dispõem em série estes blocos distintos que são os acontecimentos. Porque os acontecimentos

não são o tempo, eles estão no tempo, exceto o próprio tempo. O tempo crônico, em todas as formas de cultura humana e em todas as épocas, é uma condição necessária da vida das sociedades e da vida dos indivíduos em sociedade. Esse tempo socializado é o calendário.

E, por último, o tempo linguístico, organicamente ligado ao exercício da fala, por definir-se e organizar-se como função do discurso.

3. Tempo verbal: um estudo do tempo narrado e do tempo comentado

Koch (2003) explica o tempo verbal à luz de Weinrich (1962) que, também, toma como base a diferença entre dois tipos de situações comunicativas: o mundo comentado e o mundo narrado.

Segundo Koch (2003:54), no mundo comentado o locutor tem maior engajamento com aquilo que enuncia, isto é, existe uma atenção maior do locutor ao que é enunciado, criando um comprometimento com os interlocutores que estão diretamente envolvidos no discurso.

Já no mundo narrado, Koch (2003:54) diz que a atitude do locutor é mantida com menor comprometimento, gerando uma distância entre ele e seus interlocutores no discurso. O locutor não se responsabiliza pelo que é dito, simplesmente relata o fato.

De acordo com Weinrich, os tempos que pertencem ao mundo comentado são: presente, futuro do presente, pretérito perfeito composto e todas as locuções verbais formadas por esses tempos. Já ao mundo narrado, os tempos são: pretérito imperfeito, pretérito mais-que-perfeito, pretérito perfeito, futuro do pretérito e todas as locuções em que entram esses tempos (cf. KOCH, 2003: 54).

Diante dessa explanação sobre os tempos verbais distribuídos nos tipos de situações comunicativas, Koch (2003) aponta que os tempos empregados no mundo comentado são mais recorrentes em gêneros do domínio jornalístico, uma vez que o verbo aparece no presente e que o

compromisso do locutor com o interlocutor é maior, mesmo que a ação tenha ocorrido no passado ou que ainda ocorrerá.

Weinrich (*apud* KOCH 2003:55) esclarece alguns fenômenos linguísticos através dessa teoria. Primeiro, o linguista explica que a descrição, ao fazer parte do mundo narrado, vale-se do pretérito imperfeito. E, como exemplo, citamos as descrições de ambientes e de personagens na narrativa. Se a descrição faz parte do mundo comentado, vale-se do presente. Citamos como exemplo, os textos argumentativos, críticos.

Com essas discussões sobre o tempo verbal, Koch (2003:58) afirma que “o uso dos tempos do mundo comentado torna um texto *explicitamente* opinativo, crítico, argumentativo.” Todavia, não quer dizer que não se possa opinar em textos do mundo narrado.

Segundo Marcuschi (2002:31), todo texto ocorre por meio de algum gênero textual. E todos os gêneros realizam sequências tipológicas diversificadas. Essas sequências linguísticas ou de enunciados não aparecem isoladamente em um gênero, mas paralelamente num mesmo gênero. Esse fenômeno é denominado pelo autor de “heterogeneidade tipológica”. Mas se houver a possibilidade num texto de um encontro entre gêneros, mesmo não resultando num gênero novo, o autor designa esse fato como um caso de “intergenericidade”, uma mescla de gêneros, em que a função de um passa a ser assumida por outro.

Para este Artigo, atenhamo-nos na heterogeneidade tipológica, pois a investigação da temporalidade verbal ocorrerá no gênero crônica e no gênero reportagem jornalística, atuando em duas sequências de tipos textuais: ora narração, ora descrição.

4. A dicotomia do imperfeito descritivo e do imperfeito narrativo

Em Cunha e Cintra (1985:439), o pretérito imperfeito expressa um fato passado, porém não concluído. Esse tempo expressa, também, uma

ideia de continuidade, de ação prolongada, sendo, assim, considerado o tempo que melhor atende à descrições e à narrações de acontecimentos passados, tomando por nota que nas narrações o imperfeito serve menos para enumerar os fatos do que para explicá-los com pormenores.

De acordo com Macedo (1991:146), o pretérito imperfeito indica mais a categoria de modo que a categoria de tempo, tendo em vista que o imperfeito encontra-se no modo indicativo e no modo subjuntivo, apresentando ora como um fato real, ora como um fato duvidoso, hipotético.

Bechara (2006:251) explica que o pretérito imperfeito é o tempo da ação continuada com limites imprecisos. Nada é informado quanto ao início ou fim de um acontecimento, opondo-se ao pretérito perfeito, que fixa e enquadra a ação dentro de um tempo determinado.

Segundo Azevedo (2008:74):

O pretérito imperfeito designa um fato passado, mas não concluído. Por expressar um fato inacabado, impreciso, em contínua realização na linha do passado para o presente, o imperfeito é o tempo que melhor se presta a descrições e narrações. Esse tempo faz ver sucessivamente os diversos momentos da ação, que, à semelhança de um panorama em movimento, se desenrola diante dos olhos. É um tempo não marcado, que, por não significar nem 'antes' nem 'depois', pode ocupar todo o espaço da oposição.

Conforme considera Fiorin (2002:158), o imperfeito apresenta os fatos como simultâneos, formando um quadro contínuo, ou melhor, vinculado ao mesmo momento de referência pretérito. Por isso é o tempo que melhor atende aos propósitos da descrição.

Veja os excertos que apresentam o imperfeito descritivo em textos literários, do gênero crônica, e em textos argumentativos, do gênero reportagem jornalística, respectivamente:

Crônica

(1) — **Vivia** de rabo abanando para todo mundo, mas, quando eu **entrava** em casa, **vinha** logo com aquele latido fininho e antipático de cachorro de francesa. Ainda por cima era puxa-saco. **Lembrava** certos políticos da oposição, que espinafra o ministro, mas quando estão com o ministro ficam mais por baixo que tapete de porão. Quando **cruzavam** num corredor ou qualquer outra dependência da casa, o desgraçado **rosnava** ameaçador, mas quando a patroa **estava** perto **abanava** o rabinho, fingindo-se seu amigo.

PONTE PRETA, Stanislaw. *Garoto linha dura*. Rio de Janeiro: Editora do autor, 1964, p.51.

Reportagem jornalística

(2) Na manhã de quinta, a chuva finalmente parou. O sol fez as primeiras caretas e a cidade iniciou a contabilidade: 300 mortos, 25 mil desabrigados, prejuízo bárbaro. As águas baixaram e surgiu a lama. Começaram a lavagem, a vacinação contra o tifo e a varíola, o racionamento de energia. Meu cursinho pré-vestibular **ficava** no 19º andar, **eram** 19 andares diários a pé.

Folha de São Paulo, 6 de fevereiro de 2010. Caderno Opinião.

Os verbos em destaque nos fragmentos acima expressam uma característica descritiva por apresentar ações simultâneas, ligadas ao mesmo momento de referência, que é o pretérito.

Segundo Fiorin (2002:200-201) e de acordo com Imbs (1968:92 *apud* FIORIN 2002:200), encontramos o imperfeito pitoresco, também conhecido como imperfeito narrativo.

Veja os excertos que apresentam este tempo verbal, imperfeito pitoresco, retirados de textos literários, do gênero crônica e de textos argumentativos, do gênero reportagem jornalística, respectivamente:

Crônica

(3) E agora? Alguém lá embaixo abriria a porta do elevador e daria com ele ali, em pêlo, **podia** mesmo ser algum vizinho conhecido... Percebeu, desorientado, que **estava** sendo levado cada vez para mais longe de seu apartamento, **começava** a viver um verdadeiro pesadelo de Kafka, **instaurava-se** naquele momento o mais autêntico e desvairado Regime do Terror!

SABINO, Fernando. *O homem nu*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1960, p.65.

Reportagem jornalística

(4) Desde o final do ano passado, a Prefeitura de São Paulo já **sabia** da ameaça de queda de centenas de árvores na capital. Para tentar controlar a situação, criou um programa de cadastramento, cujo intuito é monitorar os exemplares para evitar acidentes envolvendo quedas. Ontem, às 21h, a CET (Companhia de Engenharia de Tráfego) **registrava** que 141 quedas de árvores **continuavam** atrapalhando o trânsito numa delas ocorrida na quarta-feira da semana passada.

Folha de São Paulo, sábado, 06 de fevereiro de 2010. Caderno Cotidiano.

Os verbos destacados indicam que o momento de referência encontra-se explícito ([...] *agora ...naquele momento*[...] excerto (3) e “Desde o final do ano passado... *ontem*[...] excerto (4)), apontando a continuidade e a durabilidade das ações.

Esses quatro exemplos ilustram que o pretérito imperfeito é um tempo que pode ocorrer tanto no mundo narrado quanto no mundo comentado.

5. Análise dos resultados

O estudo da temporalidade verbal foi feito em gêneros textuais distintos, para isso foram selecionados seis textos, sendo três narrativos jornalísticos, retirados um do *caderno Opinião* e dois do *caderno Cotidiano*, todos do jornal *Folha de São Paulo*. Os outros três textos são narrativas literárias, cujo gênero é a *crônica*. As crônicas são respectivamente de *Carlos Drummond de Andrade*, *Fernando Sabino* e *Stanislaw Ponte Preta*. Faz-se necessário esclarecer que a escolha desses cronistas se deu, aleatoriamente, e não por razões metodológicas, assim como os textos retirados da *Folha de S. Paulo*.

Os textos jornalísticos analisados apresentaram um total de 21 verbos no pretérito imperfeito, conforme se pode constatar no gráfico abaixo. Desse total ($14/21 = 66,66\%$) deles se encontram na modalidade narrativa, ($4/21 = 19,04\%$) se encontram na modalidade descritiva e ($3/21 = 14,30\%$) se encontram em ambas as modalidades.



Gráfico (1)

O percentual de (66,66%) que equivale à modalidade narrativa ou ao tempo verbal característico do mundo narrado confirma que nessa condição o locutor se mantém com o menor grau de comprometimento, gerando uma distância entre ele e seus interlocutores no ato da enunciação. Dessa forma, o locutor simplesmente relata o fato sem se comprometer com o mesmo.

Veja o texto abaixo, que corrobora essa afirmação de Koch (op. cit., p.54):

Na zona oeste, árvore tomba e impede advogada de sair de casa

“Quero que a prefeitura se mexa e venha aqui com uma motosserra para eu poder abrir o meu portão”, diz a advogada Ione Katopodis, moradora da rua Pombal, no Sumarezinho (zona oeste), que até o fechamento desta edição **estava** sem poder sair de casa -desde às 15h30 de anteontem.

A árvore que ela **via** quando **abria** a janela do segundo andar está agora estendida na rua, impedindo a abertura da garagem.

A região foi uma das mais afetadas por quedas de árvores na cidade. Na rua Miranda de Azevedo, o telhado do consultório da dentista Angelina Migliore Rodrigues foi esmagado por uma árvore - repleta de cupins - que tombou.

“**Estava** na cara que ela **ia** cair, mas não achei que fosse cair em cima do consultório”, disse Angelina, que já pagou à vista o IPTU deste ano e calcula que o reparo sairá por R\$ 20 mil. Desde o começo de 2009, a dentista e os vizinhos já fizeram oito reclamações à prefeitura, nenhuma foi atendida.

Na Vila Madalena, Renato Palmeiras, 51, administrador de uma loja, conta que desde novembro **pedia** a poda de uma árvore na rua Hermes Fontes, que caiu na chuva de anteontem, arrancando parte

do toldo da loja e atingindo um carro. Até a noite de ontem, **era** impossível atravessar, mesmo a pé, o trecho da rua que faz esquina com a Mourato Coelho.

O manobrista Reinaldo Moura, 32, **estava** em sua cadeira, na rua Cayowaá, perdizes, na tarde de anteontem, quando viu a árvore à sua frente cair. Mais de 24 horas depois, sentado no mesmo lugar, ele **relatava** que ninguém na prefeitura **havia passado** por ali.

A reportagem viu outras árvores caídas nas avenidas Alfonso Bovero e Doutor Arnaldo.

Folha de São Paulo, sábado, 06 de fevereiro de 2010.

Caderno Cotidiano.

Todavia, conforme considera Weinrich (*apud* KOCH 2003:55), a descrição, quando inserida no mundo narrado, é caracterizada linguisticamente, também, pelo verbo no pretérito imperfeito do modo indicativo, o que se pode confirmar nos fragmentos retirados do texto acima.

- (i) “A árvore que ela **via** quando **abria** a janela do segundo andar está agora estendida na rua, impedindo a abertura da garagem.”
- (ii) “Até a noite de ontem, **era** impossível atravessar, mesmo a pé, o trecho da rua que faz esquina com a Mourato Coelho.”
- (iii) “O manobrista Reinaldo Moura, 32, **estava** em sua cadeira, na rua Cayowaá, perdizes, na tarde de anteontem, quando viu a árvore à sua frente cair.”

Além disso, conforme considera Fiorin (2002:200-201) e de acordo com Imbs (1968:92 *apud* FIORIN 2002:200), há, ainda, o pretérito imperfeito pitoresco, cuja característica é transformar a descrição do acontecimento na coisa mais relevante dentro da narrativa. Essa caracterização pode ser evidenciada no texto abaixo.

Depois da chuva

RIO DE JANEIRO - Nove da noite, 10 de janeiro de 1966, uma segunda-feira. Os primeiros trovões rugiram quando eu **saía** da casa de meus pais, na Glória. Não ligo para chuva, mas, assim que pus o pé na calçada, algo se espatifou ao meu lado. **Era** um pingo, com o diâmetro e a força de um balde sendo despejado. **Começava** ali um dos maiores temporais da história do Rio.

Choveu forte, grosso e sem parar por 60 horas. Depois saberíamos que, apenas nas primeiras 36, tinham sido 500 milhões de metros cúbicos de água - 15 vezes a capacidade da lagoa Rodrigo de Freitas, 300 vezes a do Maracanã. Colapso nos transportes, luz, elevadores, telefones, comércio, bancos, abastecimento, água. Os desabamentos, 1.500 no total, **aconteciam** a toda hora e em toda parte. Barracos, sobrados e até encostas **despencavam** sobre a enxurrada.

Na manhã de quinta, a chuva finalmente parou. O sol fez as primeiras caretas e a cidade iniciou a contabilidade: 300 mortos, 25 mil desabrigados, prejuízo bárbaro. As águas baixaram e surgiu a lama. Começaram a lavagem, a vacinação contra o tifo e a varíola, o racionamento de energia. Meu cursinho pré-vestibular **ficava** no 19º andar, **eram** 19 andares diários a pé.

O Carnaval seria dali a um mês. Haveria clima? Falou-se em adiamento. Mas onde já se viu adiar o carnaval? Com as ruas limpas, o comércio reaberto e uma sensação coletiva de renascimento, os blocos, as escolas e os clubes prometeram um grande Carnaval. A jovem Banda de Ipanema tomou as ruas e a Portela venceu na avenida com “Memórias de um Sargento de Milícias”, de Paulinho da Viola. Os bailes ferveram. Nenhuma marchinha emplacou, mas dois sambas ficaram para sempre: “Tristeza”, de Haroldo Lobo e Niltinho, e “Vem chegando a Madrugada”, de Adil de Paula e Noel Rosa de Oliveira. Valeu.

*Folha de São Paulo, sábado, 06 de fevereiro de
2010. Caderno Opinião.*

Em relação aos textos literários examinados, houve um total de 72 verbos no pretérito imperfeito do indicativo. Desse total ($51/72=70,83\%$) foram associados à modalidade *narrativa*, ($14/72=19,44\%$) à modalidade *descritiva* e ($7/72=9,73\%$) a ambas as modalidades.

O percentual elevado de ($70,83\%$) de verbos no pretérito imperfeito encontrados nos textos analisados, cujo gênero é a crônica literária e o tipo textual é a narração, evidencia que o pretérito imperfeito é o tempo do mundo narrado, conforme afirma Weinrich (*apud* KOCH 2003:54).

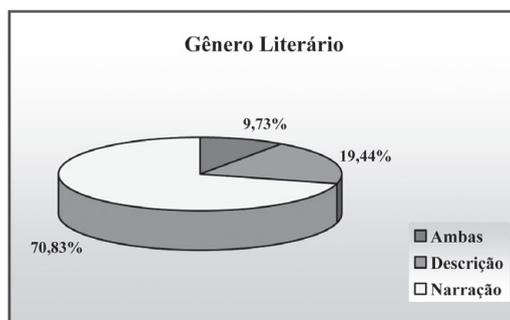


Gráfico (2)

Isso, também, é o que considera Cunha e Cintra (1985:439-431), pois para esses gramáticos o pretérito imperfeito é o tempo que “[...] encerra uma ideia de continuidade, de duração do processo verbal mais acentuada do que os outros tempos pretéritos [...]”, por isso tanto atende às descrições quanto às *narrações*.

De acordo com esses autores, o imperfeito na condição de narração “[...] serve *menos* (grifo nosso) para enumerar os fatos do que para explicá-los com minúcias”, logo se verifica que ele é visto, ainda, como o tempo da descrição. Essas afirmações são corroboradas por meio dos índices apurados nas análises da atuação do pretérito imperfeito nas crônicas literárias que foi de ($19,44\%$).

Nesta investigação, pôde-se constatar, também, que o pretérito imperfeito é tanto um tempo verbal próprio do mundo narrado quanto do mundo comentado.

A crônica literária, abaixo, caracteriza a apuração dos percentuais obtida com a atuação do pretérito imperfeito nas crônicas analisadas.

Prova Falsa

Quem teve a idéia foi o padrinho da caçula - ele me conta. Trouxe o cachorro de presente e logo a família inteira se apaixonou pelo bicho. Ele até que não é contra isso de se ter um animalzinho em casa, desde que seja obediente e com um mínimo de educação.

— Mas o cachorro era um chato — desabafou.

Desses cachorrinhos de raça, cheio de nhém-nhém-nhém, que comem comidinha especial, precisam de muitos cuidados, enfim, um chato de galocha. E, como se isto não bastasse, **implicava** com o dono da casa.

— **Vivia** de rabo abanando para todo mundo, mas, quando eu **entrava** em casa, **vinha** logo com aquele latido fininho e antipático de cachorro de francesa.

Ainda por cima **era** puxa-saco. **Lembrava** certos políticos da oposição, que espinafra o ministro, mas quando estão com o ministro ficam mais por baixo que tapete de porão. Quando **cruzavam** num corredor ou qualquer outra dependência da casa, o desgraçado **rosnava** ameaçador, mas quando a patroa **estava** perto **abanava** o rabinho, fingindo-se seu amigo.

— Quando eu **reclamava**, dizendo que o cachorro era um cínico, minha mulher **brigava** comigo, dizendo que nunca houve cachorro fingido e eu é que **implicava** com o “pobrezinho”. Num rápido balanço poderia assinalar: o cachorro comeu oito meias suas, roeu a manga de um paletó de casimira inglesa, rasgara diversos livros, não **podia** ver um pé de sapato que **arrastava** para locais incríveis. A vida lá em sua casa **estava** se tornando insuportável. **Estava** vendo a hora em que se **desquitava** por causa daquele

bicho cretino. Tentou mandá-lo embora umas vinte vezes e **era** uma choradeira das crianças e uma espinhação da mulher.

— Você é um desalmado — disse ela, uma vez.

Venceu a guerra fria com o cachorro graças à má educação do adversário. O cãozinho começou a fazer pipi onde não **devia**. Várias vezes exemplado, prosseguiu no feio vício. Fez diversas vezes no tapete da sala. Fez duas na boneca da filha maior. Quatro ou cinco vezes fez nos brinquedos da caçula. E tudo culminou com o pipi que fez em cima do vestido novo de sua mulher.

— Aí mandaram o cachorro embora? — perguntei.

— Mandaram. Mas eu fiz questão de dá-lo de presente a um amigo que adora cachorros. Ele está levando um vidão em sua nova residência.

— Ué... mas você não o **detestava**? Como é que arranjou essa sopa pra ele?

— Problema da consciência — explicou: — O pipi não era dele.

E suspirou cheio de remorso.

PONTE PRETA, Stanislaw. *Garoto linha dura*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964, p.51.

6. Considerações finais

Ao final do presente estudo, após investigar o pretérito imperfeito do indicativo utilizado ora como descritivo, ora como narrativo em domínios linguísticos específicos: literários e jornalísticos, tendo por base a teoria discursiva da temporalização, foi possível confirmar que o referido tempo é empregado tanto no mundo comentado quanto no mundo narrado.

A relevância que se pode imputar a este trabalho é o fato de se constatar, através das análises dos textos selecionados, as várias manifestações do pretérito imperfeito em diferentes gêneros textuais, ora com características descritivas, ora com características narrativas. Também evidenciam-se características descritivas e narrativas, simultaneamente,

em um mesmo gênero textual. Tal relevância é, a nosso ver, uma agenda investigativa importante para os estudos dessa temporalidade verbal, evidenciada neste Artigo.

7. Referências bibliográficas

ARISTÓTELES (1999). Poética. In: __. *Os pensadores: Aristóteles*. São Paulo: Nova Cultural Ltda, p. 37-75.

AZEVEDO, Ivete Monteiro de (2008). *A expressão do tempo no romance histórico: um estudo em Boca do Inferno de Ana Miranda*. 2008. 294f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

BECHARA, Evanildo (2006). *Gramática escolar da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna.

BENVENISTE, Émile (1989). *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes.

CASTRO, Ruy. Depois da chuva. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 6 fev. 2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1705201001.htm>. Acesso em: 6 fev. 2010.

CORÔA, Maria Luiza Monteiro Sales (2005). *O tempo nos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica*. São Paulo: Parábola Editorial.

CUNHA, Celso Ferreira; CINTRA, Luiz Filipe Lindley (1985). *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

ELIAS, Norbert (1998). *Sobre o tempo*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

FIORIN, José Luiz (2002). *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática.

KOCH, Ingedore Villaça (2003). *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto.

Lista de árvore em risco existe desde 2009. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 6 de fev. 2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1705201001.htm>. Acesso em: 6 fev. 2010.

MACEDO, Walmirio (1991). *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença Edições.

MARCUSCHI, Luiz Antônio (2002). *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONÍSIO, A. P. et al. (org.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna. Na zona oeste, árvore tomba e impede advogada de sair de casa. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 6 de fev. 2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1705201001.htm>. Acesso em: 6 fev. 2010.

PONTE PRETA, Stanislaw (1964). *Garoto linha dura*. Rio de Janeiro: Editora do Autor.

SABINO, Fernando (1960). *O homem nu*. Rio de Janeiro: Editora do Autor.

WEINRICH, Harald (1968). *Estructura y funcion de los tiempos en el lenguaje*. Madrid: Gredos.

